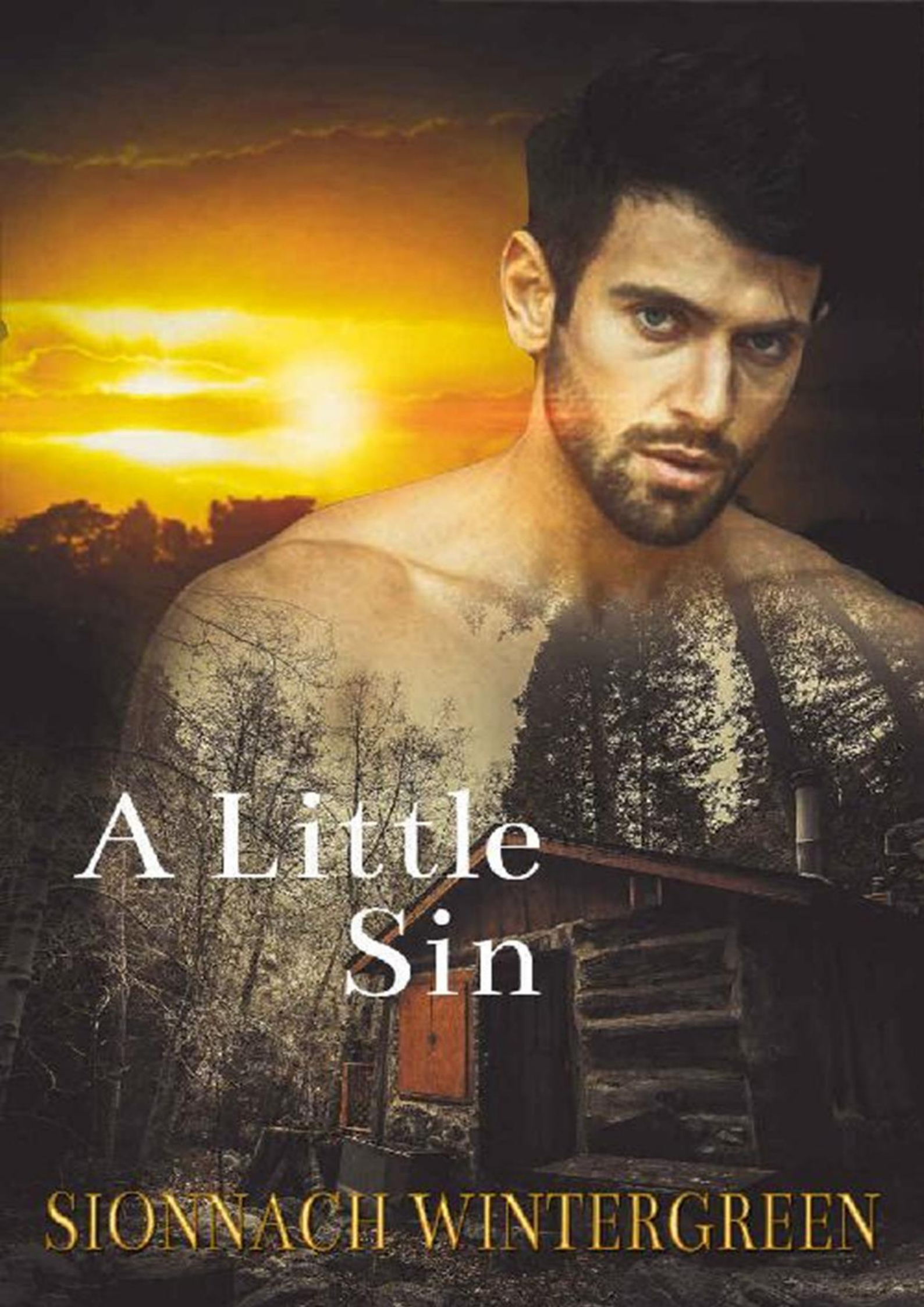

A Little Sin
SIONNACH WINTERGREEN


KM

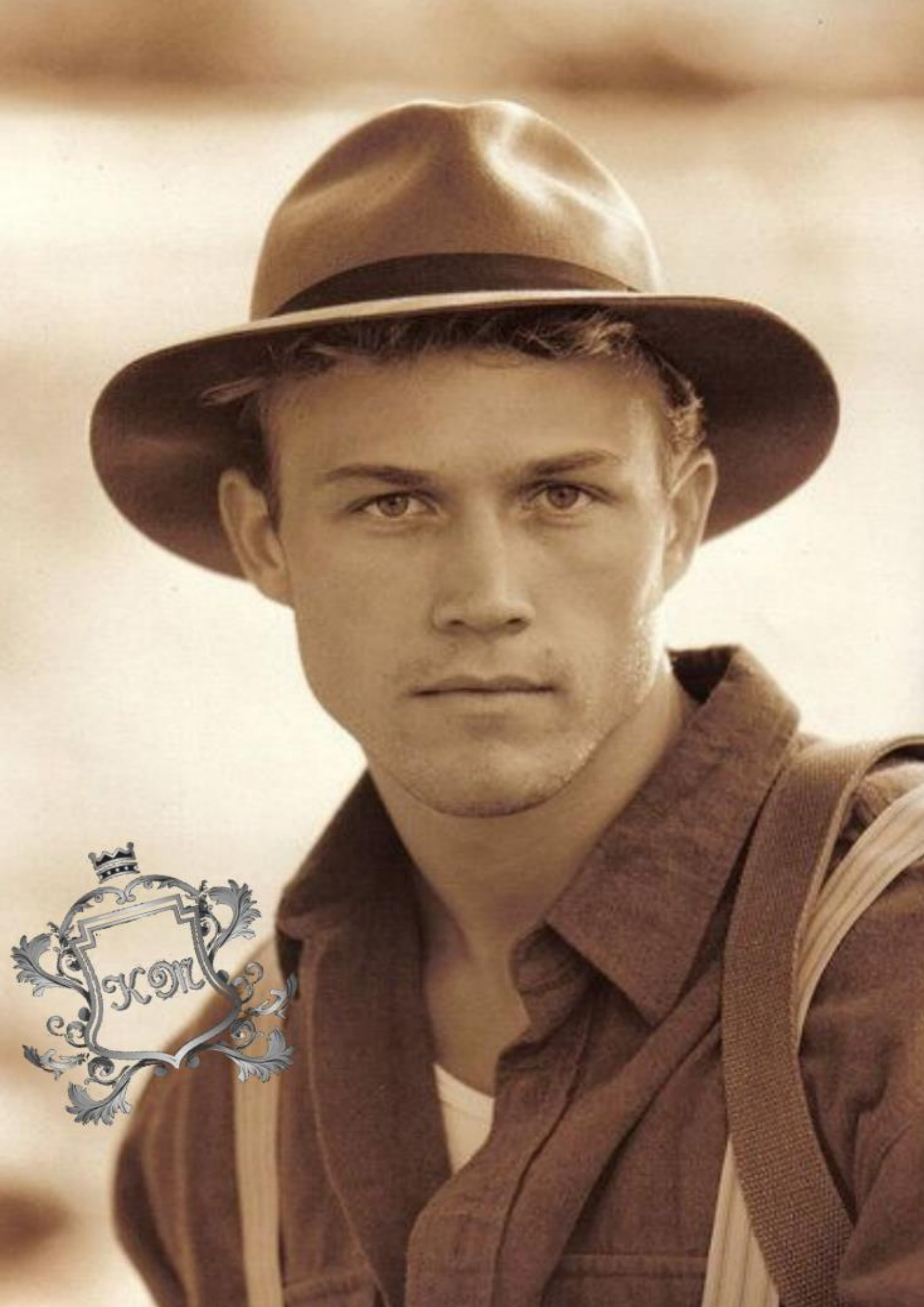
A Little Sin

O xerife Avery O'Rourke tentou obedecer a sua fé cristã rígida e levar uma vida "normal". Em 1923, numa cidade rural do leste do Texas, "normal" significa heterossexual. Um surto de cólera fez de Avery um jovem viúvo, por isso ele é casado com o seu trabalho. Quando uma investigação de assassinato o forçar a confrontar sua verdade, ele finalmente será capaz de aceitar ser gay?

O veterinário Garland Sands retornou da Europa para assumir a prática de seu pai. Lutando com a shellshock (PTSD) e de coração partido pelo suicídio de seu amante francês, ele se resigna a uma vida tranquila e solitária como veterinário do campo. Mas o assassinato do médico da cidade leva o xerife à porta de Garland à procura de ajuda na investigação. Ver Avery desperta sentimentos adormecidos. Ele pode amar um homem que odeia o que ele é?

—Esta não é a generosa década de 1920 do The Great Gatsby. Este é o outro lado dessa moeda - o rural East Texas. Sem eletricidade. Nenhum encanamento interno. Sem pessoas tolerantes. Em 1923, os barões da madeira foram embora e o racismo, a homofobia e o sexismo prosperaram.—


A Little Sin



TRADUÇÃO





AMORA
CROW

REVISÃO E ARTE

A todos um feliz natal, equipe KM.





Dedicação

Este livro é dedicado aos homens e mulheres gays do leste do Texas que nunca viveram para ver todos os avanços que nossa comunidade fez neste século. Isso inclui meu amigo Nicky. Eu sinto sua falta e desejo que você pudesse ler isso.



O Penitente –

Edna St. Vincent Millay, 1922

Eu tive um pouco de tristeza

Nascido de um pequeno pecado,

Eu encontrei um quarto todo molhado com melancolia

E fechei todos os nós dentro de nós;

E, "Pequena tristeza, chore", disse eu,

“E, pequenino pecado, ore a Deus para morrer

E eu no chão vou mentir

E pense no quanto eu estive mal!

Ai de um planejamento piedoso

Não importava uma sagacidade!

Quanto à melancolia foi naquele quarto

A lâmpada pode ter sido acesa!

Minha pequena tristeza não choraria,

Meu pequeno pecado iria dormir—

Para salvar minha alma não pude

Minha mente sem graça nisso!

Então eu fiquei com raiva,

E peguei um livro que eu tinha

E coloquei uma fita no meu cabelo

Para agradar um rapaz que passa.



E, "Uma coisa que não existe."

"Eu fui uma garota malvada ", disse eu;

"Mas se eu não posso me arrepender, porque,

Eu posso muito bem estar feliz! "



Nota do autor

Timberland é um amálgama de várias cidades do leste do Texas. O condado de Wakeforest e as cidades de Timberland e Amberton existem apenas neste livro. 1923 foi um período difícil no leste do Texas. Não havia encanamento interno nem eletricidade. Foi uma época de proibição, religião intolerante e a Ku Klux Klan[1].

Porque eu estava tentando permanecer fiel ao período de tempo, você encontrará palavras como "de cor", "negro", "bicha" e "prostituta", neste livro. Não gosto destas palavras, mas usei-as para tentar captar o sabor do tempo. Eu me esquivei de usar certas palavras, ainda mais feias.

Então, por que Garland? Esse é realmente o nome de um dos meus antepassados e eu sempre quis usá-lo. Meu filho tem sorte, ele não foi chamado de Garland! Meu Garland é minha própria invenção.

Por que 1923 - e por que o leste do Texas? A ideia para este livro primeiro veio a mim como uma história sobre um xerife e um veterinário. Eu tirei 1923 do ar e corri com ele. Eu escolhi o leste do Texas porque os avós que basicamente me criaram cresceram lá nos anos trinta. Eu amava seus idiomas folclóricos e histórias sobre suas infâncias. Quando eu fui com eles para visitar parentes lá, me apaixonei por seus pastos verdejantes, colinas ondulantes e belas florestas. Mas a noite me assustou - os grilos rugiram e as

[1] Ku Klux Klan (também conhecida como KKK ou simplesmente "o Klan") é o nome de três movimentos distintos dos Estados Unidos, passados e atuais, que defendem correntes reacionárias e extremistas, tais como a supremacia branca, o nacionalismo branco, a anti-imigração e, especialmente em iterações posteriores, o nordicismo, o anticatolicismo e o antissemitismo, historicamente expressos através do terrorismo voltado a grupos ou indivíduos aos quais eles se opõem. Todos os três movimentos têm clamado pela "purificação" da sociedade estadunidense e todos são considerados organizações de extrema-direita.



florestas pareciam assombradas. Quando decidi escrever um romance misterioso no passado, o East Texas me chamou.

Eu pesquisei este período de tempo e este cantinho do mundo ao escrever este livro. Algumas das coisas que encontrei me surpreenderam e me entristeceram. Eu tentei permanecer fiel ao período de tempo. Os personagens são falhos e não são homens modernos, mas crescem à medida que a história avança.

Este é um romance m / m com um mistério e um sabor ocidental, mas, em última análise, uma história em que dois gays e uma mulher negra resolvem crimes em 1920 no leste do Texas é minha fantasia. Espero que este seja um livro divertido, e espero que você goste de ler!

Sionnach



Capítulo Um

Timberland, Texas

Quarta-feira, 1 de agosto de 1923

O xerife Avery O'Rourke tinha visto homens amarrados antes. Ele observara um homem pendurado na forca da prisão no verão anterior. E ele havia cortado os corpos das almas linchadas pelo Ku Klux Klan - um problema temível e crescente nos últimos tempos. Isso - encontrar um homem morto pendurado em uma árvore de magnólia - lembrou-o de um linchamento. Este homem, no entanto, era branco e o médico da cidade.

Ele examinou o corpo, a corda cortada por sua própria mão, estendida sobre as folhas mortas da magnólia. Quem iria querer matar Doc Watkins? Sangue seco estava espalhado por todo o rosto. Ele escorria pelo queixo até a camisa e o colete.

Avery coçou a barba escura. —Quem fez isso com você, doutor?— Normalmente, o próprio médico teria ajudado a responder a essa pergunta - ou pelo menos esclareceria algumas das questões em torno dela. Avery se levantou e suspirou. O Texas não tinha legistas e a zona rural de Timberland, apesar de ser a sede do condado, não tinha um patologista. Agora, nem sequer tinha médico. Onde ele encontraria outro médico? Ele olhou para a densa floresta do leste do Texas, dominada por pinheiros imponentes, como se pudesse revelar a resposta para ele na neblina da manhã.



Ele colocou o corpo do médico na carroça e subiu no banco do motorista. —Vamos, Bluebird.— O roan azul dirigia tão bem quanto ele andava e jogava a cabeça e a cauda, com um movimento em seus passos, enquanto puxava a carroça para o alto da colina. Avery tinha um modelo T[2] doado ao escritório do xerife por Rufus Larson, proprietário da usina de madeira. O carro era bom para dirigir pela praça ou ficar preso na lama. Ele montou o Bluebird na maior parte do tempo e o atrelou a uma carroça quando ele precisou mover qualquer coisa. No que se refere a Avery, os cavalos eram uma das maiores criações de Deus. Eles eram como pessoas. Como pessoas.... Ele havia se decidido quando deu uma gargalhada no cavalo. Se ele não conseguisse um médico para fazer o exame, ele receberia a próxima melhor coisa.

***

Fazenda Sands

Avery estava na porta de uma velha fazenda branca no topo de uma das muitas colinas onduladas da terra, aninhada entre pinheiros de folha longa. Um celeiro com um pequeno pasto limpo ficava ao lado. Os floreios vitorianos da casa sugeriam que ela deve ter sido construída no último século.

Uma mulher magra negra de trinta e poucos anos atendeu a porta. Ela alisou as mãos pelo vestido de algodão quando o reconheceu. Ou talvez fosse apenas o uniforme que ela reconheceu - o sarja de algodão cáqui abotoava a camisa e as calças e a estrela prateada presa ao peito. Um sorriso nervoso

[2] Ford Modelo T foi um automóvel produzido pela fábrica norte-americana Ford, que popularizou e revolucionou a indústria automobilística. Entre os anos de 1908 e 1927.

brincou em seus lábios. Avery a reconheceu como a velha empregada de Sam Sand, mas ela não usava avental.

—Como posso ajudá-lo, xerife O'Rourke?

—Eu estou procurando - o filho do Sam não assumiu sua prática há alguns meses atrás?

—Sim ele fez. Garland, esse é o filho do Sr. Sam, ele é o veterinário agora. —Ela espiou pela porta a carroça. —Seu cavalo ficou coxo?

—Não, senhora.— Ele não queria assustá-la com a conversa sobre o assassinato. As mulheres eram coisas frágeis. Ele coçou a barba curta e bem aparada. —Uh, qual é o seu nome?

—Lucinda. Lucinda Gattis. Eu sou ... eu sou a secretária de Garland agora. —Ela sorriu. —Ele gosta de manter sua própria casa.

Avery notou que ela se referia a Garland como simplesmente "Garland" em vez de Dr. Sands ou Sr. Garland. O homem obviamente tinha algumas idéias novas. —Uma secretária pode ser exatamente o que eu preciso.— disse Avery. —Eu tenho que encontrar Garland. Eu espero que ele possa me ajudar com um caso que estou investigando.

Lucinda assentiu. —Ele acabou na Flanders, entregando um bezerro pendurado.— Ela fez um pequeno movimento girando com a mão. —Ele os gira em torno. —Ela sorriu.

Avery a conhecera várias vezes antes e nunca a vira sorrir assim. Obviamente, Garland causou uma boa impressão. —Espero que ele possa virar meu caso. Obrigado por sua ajuda, Sra. Gattis. —Ele inclinou seu Stetson. —Tenha um bom dia.

***



Fazenda Flander

—Aqui está ele.— disse a sra. Flanders. —Estou alimentando-o com um pouco da minha torta de amora-preta. —Um jovem de vinte e poucos anos sentou-se à mesa da cozinha redonda com um grande sorriso no rosto de menino. Avery, aos vinte e três anos, não poderia ter sido mais velho que ele, mas se sentia mais velho por várias décadas. Garland, vestido com um macacão de brim azul sem a camisa de trabalho, um pedaço de cabelo loiro solto de um lado do rosto esculpido, enchendo a boca de torta, lembrou-o de uma criança crescida. Avery tinha feito o trabalho de um homem desde que ele montou um cavalo; ele não gostava muito de crianças e muito menos de homens adultos que persistiam em agir como eles.

A sra. Flanders se sentou. —Sente-se, xerife. Eu vou te dar um pouco de torta também.

—Não, obrigada, senhora. Eu não tenho tempo.

—Este momento é tudo o que temos.— disse Garland amigavelmente. Seus braços sem camisa, dourados e bronzeados, estavam cheios de músculos lisos. Ele era como um potro puro sangue - feições fortes, ondas magras de músculos e uma cabeça cheia de bobagens.

—Eu preciso falar com você sobre algo. —Avery, segurando o chapéu, bateu contra a outra mão. Ele não queria falar sobre a possibilidade de assassinato na frente da Sra. Flanders.

—Desculpe, eu não sei onde estão as coisas erradas.— A diversão dançou nos olhos cinzentos de Garland.



Avery não se importava com malícia - ou com fabricantes de travessuras. —Eu faço outras coisas por aqui.

—Ah bem. Claro, você faz. —Ele tomou um enorme gole de leite. A sra. Flanders pairou sobre ele, servindo-lhe um pouco mais assim que ele pousou o copo.

Avery se perguntou como ela não podia ver. Uma boa mulher cristã como a Sra. Flanders. Ela estava toda agitada, preocupada com esse malvado quando deveria estar se afastando dele. Garland não tagarela como aquela fada ianque de sua unidade na guerra. Mas havia algo no modo como ele falava, algo em seus modos. Mesmo enquanto bebia leite, havia algo refinado nele, algo quase elegante. Avery sabia que Garland era homossexual. Ele só poderia dizer. *Por que a Sra. Flanders não podia?*

Garland lambeu o bigode de leite do lábio superior com uma grande língua rosa. O pau de Avery estremeceu acordado. Avery respirou fundo. Ele não esteve com outro homem desde a guerra ... —Se eu pudesse te ver do lado de fora, Sr. Sands?

—Claro, xerife. — Garland ficou de pé, surpreendendo Avery um pouco com sua altura, agradeceu à sra. Flanders e seguiu Avery pela porta de tela. Avery levou-o até a carroça. Garland parou para verificar Bluebird, algo que Avery não pôde deixar de notar com satisfação. Avery deixou-o sentir-se sobre o cavalo e foi para o fundo da carroça. Moscas zumbiam sobre a lona que cobria o corpo.

—Eu não pedi aqui para o cavalo, Garland. Eu quero saber o que você pode me dizer sobre este corpo.

Garland se animou. Por um segundo, Avery se perguntou se ele vomitaria torta por toda parte, mas Garland pulou na carroça. —Isso é Doc Watkins?



—Isto é. E é por isso que estou aqui. Normalmente, eu pegava um corpo que parecia ter encontrado em circunstâncias suspeitas para ele.

Garland empurrou as pálpebras do homem para baixo e respirou. —Senhor, ilumine sua graça sobre a alma deste homem.

Avery, reflexivamente, disse. —Amém. —Garland se juntou a ele. Eles se sentaram na carroça com o corpo do médico entre eles, unidos por um momento. Avery limpou a garganta. —Eu o cortei esta manhã. Ele foi enforcado em uma árvore de magnólia a cerca de três quilômetros de sua propriedade. Eu não sei o que aconteceu com o rosto dele. Além do sangue, ele não parece muito pior para o desgaste.

—Hmm. Talvez ele tenha mordido a língua? —Garland abriu a boca do homem e revelou o membro mutilado. —Droga. Eles cortaram sua língua até a raiz. —Ele olhou para Avery. —Existe algum lugar que eu possa dar-lhe um exame real?

Avery encolheu os ombros. —Sua casa?

—Meu celeiro. Leve-o até lá. Deixe-me juntar minhas coisas e te encontrarei lá.

***

Fazenda Sands

Avery esperou na entrada do celeiro enquanto Garland desmontava e conduzia seu cavalo até o cercado adjacente ao lado direito do celeiro, onde havia várias barracas. Ele admirava o celeiro de Garland. Era quase tão legal quanto a casa de uma nova esposa. Prateleiras ao longo de uma das paredes continham garrafas, potes, caixas e lanternas. A parede oposta tinha pinos

para tachinha, e as costas estavam cheias de fardos de feno de cheiro doce. A luz do sol entrava pelas portas duplas abertas, fornecendo luz para o exame.

Garland puxou uma mesa de uma parede para o centro da sala. Ele ajudou Avery a levar o corpo da carroça para a mesa. Um gato grande e felpudo observava-os. Ele pulou na mesa com o homem morto.

—Siga em frente, Katydid. —Garland pegou o gato e colocou-o no chão.

—Ela poderia ser sua enfermeira.

Garland grunhiu quando ele desabotoou o colete de Doc Watkin.

—Uma enfermeira gato e uma secretária de cor.

Garland, inclinou sobre o corpo, olhou para ele devagar, com um toque de rancor nos olhos cinzentos. —Sra. Gattis está fazendo um bom trabalho.

—Ela é. Ela me dirigiu para você. Foi assim que te encontrei.

Garland mordeu um lado do lábio inferior. Ele tinha belos lábios sensuais. Avery tentou empurrar isso para o fundo de sua mente. Ele viu Garland despir o corpo. Era apenas um corpo agora, apenas uma concha como as delicadas conchas de cigarras marrons que ele costumava colecionar quando menino. Suas costas estavam abertas, onde o inseto alado - a cigarra, ou katydid[3], como os chamavam - rastejara para fora e voara para longe. Essa era a mesma coisa - uma concha. Ele tentaria obter qualquer pista do corpo e liberá-lo para a viúva para o enterro o mais rápido possível. Seu estômago se apertou. *A viúva*. Ele não gostou da ideia de dizer a Sra. Watkins que seu marido estava morto.

Ainda se lembrava de receber a carta que Ester May havia morrido. Cólera. Ela adoecera enquanto ele estava em uma trincheira em outra terra vendo jovens morrerem ao seu redor. Eles tinham sido amigos mais do que tudo. Ele havia se casado com ela para impedir que alguém soubesse como ele

[3] A família Tettigoniidae inclui os insetos conhecidos vulgarmente como esperanças. Estes insetos têm hábito de vida noturno, produzindo um som semelhante ao das cigarras, porém as cigarras são diurnas.

realmente se sentia. Mas ela o adorara. Ele empurrou os sentimentos de culpa que sua morte sempre trazia para longe. Alguma parte dele acreditava que ela não teria morrido se ele fosse um marido melhor.

Sentindo-se vago e distante, ele viu Garland puxar as calças do médico. Garland grunhiu. —Algo caiu fora de sua bunda.

—Sim, os homens geralmente deixam uma carga quando morrem.

—Não, isso é outra coisa. —Garland pegou alguma coisa da calça do médico e segurou-a. —Doce Jesus. Lá está a sua língua.

—Você quer dizer que eles cortaram sua língua e colocaram em suas calças?

—Eu acho que eles encheram onde o sol não brilha.

—Eles empurraram sua língua em sua bunda.— Avery balançou a cabeça em descrença. —Por que na maldição alguém faria isso? O que eles estavam tentando dizer? O doc não era fada. —Sem querer, ele fechou os olhos com Garland enquanto dizia isso.

Os olhos cinzentos de Garland eram frios como armas de metal e gelo pálido. —E você saberia.— ele disse baixinho, puxando as palavras de seu corpo como uma lâmina.

Avery não pôde dizer nada por alguns segundos. Um calafrio lambeu sua espinha. —Eu iria.

Um leve sorriso apareceu nos lábios de Garland. —Eu sei.— Ele respirou profundamente. —Seu segredo está seguro comigo.

O ar no celeiro parecia ter engrossado junto com o pau de Avery. Seus pensamentos lutavam como se fossem pegos em papel de mosca. Eles estavam em pé sobre um homem morto - um homem que ele conhecia - e tudo o que ele conseguia pensar naquele momento era como o corpo musculoso de Garland se sentiria pressionado contra o dele.



Garland ergueu a língua de repente. —Talvez seja isso! Talvez ele tivesse um segredo que alguém não queria dizer - ou talvez ele tenha dito isso? —Ele colocou a língua no chão ao lado da cabeça do dono.

Avery coçou a barba curta. —Eu não sei...

—Ele está apenas começando a entrar em rigor total.— disse Garland. Ele enxugou as mãos na lona, depois as lavou com um anti-séptico de cheiro acre de um banco próximo. O odor fez o nariz de Avery se contorcer. Garland tirou uma cigarreira do babado do macacão e franziu a testa para o homem nu em cima da mesa. —Isso significa que ele deve ter morrido quatro a seis horas atrás.— Ele acendeu um fósforo e acendeu o cigarro.

Avery consultou seu relógio de bolso. —São oito e meia agora.

—Então ele encontrou seu destino em algum momento nas primeiras horas da manhã.

Avery acendeu um cigarro de sua autoria. —É quando o Klan gosta de linchar as pessoas - sob o manto da escuridão. Bastardos de barriga amarela.

Os olhos de Garland se arregalaram. —Você acha que este era o Klan?

Avery encolheu os ombros. —Eu não sei o que é isso agora. Eu nunca vi nada assim.

—Seja o que for, ele não fez isso para si mesmo.



Capítulo Dois

Garland observou o homem atraente de cabelos escuros com sentimentos mistos. Eles estavam ligados por morte e sangue - assim como ele e os homens que se tornaram seus irmãos na Grande Guerra. A morte tinha um jeito de te abraçar e te fazer família. Ele também se sentia ligado ao xerife Avery O'Rourke porque ambos usavam máscaras. Eles eram membros de uma gangue de veludo que vivia à margem de uma tirania cruel e heterossexual. Eles eram homens da sombra.

E, no entanto, ele não conseguia se livrar de um sentimento - algum instinto - de que Avery pertencia, pelo menos em algum grau, a muitas das coisas que detestava. Garland não tinha chegado "em casa" a Timberland com alegria em seu coração. Ele tinha caído de volta para ele como Ícaro, suas asas em farrapos, seu coração partido. Ele voltou para a terra vermelha e as florestas assombradas para enterrar sua tristeza. Na frente dos outros, ele tentou manter o sorriso no lugar, mas ele desmoronou quando sozinho. Cinco anos se passaram desde a guerra, e mais de seis meses se passaram desde que ele descobrira Philippe morto. Ele não se recuperou totalmente de qualquer trauma; ele não tinha certeza se ele faria.

Um Avery robusto e bonito, com seus olhos azuis esfumaçados da cor de denim envelhecido e aquela barba aparada que protege sua mandíbula firme, poderia ser uma diversão interessante... ou ele poderia ser algo totalmente diferente. Por enquanto, Garland reprimiu seu desejo e se concentrou no homem morto sobre a mesa. Ele bufou fumaça. —Vou fazer um

exame completo e tomar notas. Eu nunca fiz dissecação - er - autópsia - em um homem antes, mas homens são animais.

Com isso, Avery se arrepiou. —Os homens são filhos de Deus. Nós não somos feras.

Katydid pulou na mesa e cheirou a virilha do médico. Garland enfiou o cigarro na boca e juntou a gara errante em seus braços. —Fora.— ele murmurou através de seu cigarro e soltou um pé do chão. Ela derramou-se das mãos dele e envolveu as pernas dele. —Os homens são milagres ou são monstros.— disse ele a Avery. —De qualquer forma, seus corpos não são muito diferentes dos de um porco. O que é bom para você, porque posso ajudá-lo com esse caso de assassinato.

Avery deu uma longa tragada e suspirou fumaça. —Preciso informar a esposa do médico.

—Eu apreciaria se você fosse até a casa e deixasse Lucinda saber o que estou fazendo. Eu não quero que ela encontre isso. Preciso manter as portas do celeiro abertas para a luz, mas se ela precisar de mim, ela pode tocar o sino do jantar na varanda.

—Eu vou dizer a ela.— Ele bateu Garland no ombro. —Ela te dá uma alta estima pelo que eu posso dizer. Pode ser ruim vê-lo em seus braços em um corpo morto como o Dr. Frankenstein.

Garland não podia deixar passar. —Ela gosta que eu a trate como uma igual. Eu morava na França depois da guerra. Os negros não são cidadãos de segunda classe lá.

—Apenas tenha cuidado. Esta não é a França.

Garland bufou. Ele jogou a ponta do cigarro no chão e aterrou-a sob os pés. —Não. Definitivamente não é.

***



Casa do Dr. Watkins

Avery ficou do lado de fora da porta da casa dos Watkins e esperou. Como a fazenda de Garland, era inconfundivelmente vitoriana. Mas foi muito mais grandioso. Avery tinha certeza de que um dos barões da madeira havia atraído o Dr. Watkins para a comunidade rural e construiu a ele e a sua esposa essa linda casa em uma colina. No final dos anos 1800, os barões da madeira invadiram o condado de Wakeforest e colocaram a pequena cidade de Timberland no mapa, construindo-a com moinhos e algumas estradas e bondes. Seus dólares haviam financiado o deslumbrante tribunal - uma joia no Piney Woods - e a nova cadeia do condado.

Uma linda e negra mulher de vinte e poucos anos, vestida com um vestido de empregada, atendeu a porta. Avery explicou que precisava falar com a sra. Watkins. A empregada o deixou entrar. Quando Avery seguiu a empregada para a sala de estar, ele ficou maravilhado com as estátuas de bronze dançando e móveis elegantes. Ele tinha certeza de que apenas um dos tapetes persas valeria mais do que toda a sua casa. *Ciúmes?* Teria sido esse o motivo para matar Doc Watkins?

Ele não sentou. Ele ficou de pé, segurando o chapéu, esperando a senhora Gertrude Watkins entrar. Morena e de meia-idade, vestida de preto como se estivesse de luto já, ela recuou quando o viu. Ela sabia alguma coisa? Ou foi apenas uma intuição da esposa?

—O que aconteceu com o meu Hiram?

—Sinto muito, senhora Watkins, mas seu marido foi encontrado morto esta manhã.



Gertrude começou a chorar. Avery não gostava de mulheres chorando. Elas o fizeram se sentir culpado. Ele colocou os braços em volta de Gertrude e puxou-a para perto, segurando o chapéu contra o ombro dela. Gertrude soluçou. —Foi esse carro, não foi? Eu sabia que essa engenhoca seria a morte dele. Ele sempre dirigiu rápido demais.

Avery ficou tenso. Ele não tinha visto um carro. E ele temia contar a Sra. Watkins sobre o destino do marido dela. Ele deu um tapinha nas costas dela desajeitadamente. —Para ser sincero, não sabemos exatamente como ele morreu. Um transeunte o encontrou pendurado em uma árvore.

Ela gritou. A empregada entrou com uma bandeja para o chá. Ela colocou a bandeja no chão e correu para longe. Gertrude se livrou de Avery e caiu de volta no divã. —Miserável!— Ela chorou. —Horríveis pessoas miseráveis!

—Quais pessoas?

—Aqueles ne-negros!

—Eu sinto muito, Sra. Watkins. Quer dizer que acha que os negros enforcaram seu marido?

Gertrude fungou e enxugou o rosto com os dedos. —Não é isso que você pensa?

—Não.— Avery coçou a cabeça. —Para ser sincero, não sei exatamente o que pensar. Eu estou investigando este caso como um assassinato.

Gertrude levantou o queixo e cheirou. —Então você vai enforcar quem fez isso?

Avery encolheu os ombros. —Nós temos uma forca na nova cadeia. Não está lá para decoração.

—Boa.

—Você pode me dizer onde seu marido estava na noite passada?



—Ele bateu na porta do meu quarto ontem à noite e me disse que estava saindo em uma ligação.

—Por acaso você olhou para um relógio? Você sabe que horas eram?

Ela olhou para ele como se ele fosse um idiota. —Estava escuro. Era tarde. Eu não sei que horas eram.

—Ele costumava dizer quando ele estava saindo em uma ligação?

—Sempre.— Ela sorriu através de suas lágrimas. —Ele sabia que eu estava preocupada com ele.

—Ele disse alguma coisa sobre aonde estava indo, quem estava vendo, alguma coisa sobre o que era a ligação?

Gertrude olhou por cima do ombro por um momento. —Não. Ele acabou de dizer que estava saindo em uma ligação. —Ela baixou a cabeça timidamente. —Eu mal acordei. Eu nem tenho certeza se disse que o amava. —Ela levou a mão à boca e começou a chorar.

Avery queria perguntar-lhe se tinha visto alguma coisa suspeita ultimamente, mas ela parecia histérica, por isso ele disse adeus. A empregada deixou-o sair e ele subiu nas costas de Bluebird com um sentimento de alívio. Ele decidiu voltar para a cena do crime e procurar o carro de Doc Watkin.

***

Fazenda Sands

Garland realizou um exame minucioso de Doc Watkins, mas não encontrou muito mais. No final, ele se sentiu mal por tê-lo aberto. Não foi

necessário. Ele podia ver o que o matou. E a outra violência era tão óbvia quanto. Ele murmurou um pedido de desculpas ao homem mais velho. Com grande cuidado, lavou o corpo com anti-séptico, embrulhou-o num lençol e cobriu-o com uma lona limpa.

Ele esfregou as mãos limpas, mas se sentiu menos que humano. Ele entrou, pretendendo se lavar na varanda dos fundos. Ele encontrou um sorriso para Lucinda, que estava sentada à mesa da cozinha, perto do telefone, esperando por ligações. Ela estava lendo sua cópia de Garrett e Rothchild's Diseases of Farm Poultry[4]. Envergonhado, ele apontou para a sala de estar. —Eu tenho livros de verdade também.

—Eu encontrei alguns, mas eles estavam em francês.

—Minha mãe era francesa. Ela me ensinou. Ele veio a calhar quando eu morava lá. Eu tenho livros em inglês. E revistas ... Você gosta de poesia?

—Na verdade, isso é fascinante. Eu nunca percebi que muitas coisas poderiam dar errado com uma galinha.

Ele pegou um livro da estante ao lado do telefone e folheou. Ele mostrou a ela um dos desenhos. —Isto é o que eu fiz com o bezerro esta manhã.

Ela sorriu para ele com uma pitada de travessura. —Você é como uma parteira de vaca.

Ele riu. —Isso é surpreendentemente preciso. Eu deveria imprimir isso em uma placa e pendurá-la na frente.

Lucinda pegou o livro que estava lendo. —E curandeiro de galinha.

Ele abanou as mãos em apresentação dramática. —Extraordinário.

—Você poderia triplicar seus preços.

—Eu não preciso de muitas galinhas.

[4] Seria um livro resumo sobre a vida e espécies de Galinhas e doenças que as acometem.



Ela encolheu os ombros. —Eles poderiam pagar você em cabras.

—Você é uma mulher cruel.— Mas seu humor o deixou quando pensou no celeiro e no que o trouxera para a casa. —Lucinda ...

—Você vai me falar sobre o celeiro agora?

—Isso é precisamente o que eu ia te dizer. Doc Watkins morreu. Seu corpo está no celeiro - o xerife Avery queria que eu olhasse para ele. Eu sinto muito por te expor a tanta fealdade ...

Lucinda endireitou-se um pouco na cadeira. Seu rosto adorável permaneceu composto. —Ele foi assassinado?

—Sim.

Ela segurou o livro de aves no peito. —Pobre homem.— Ela olhou para cima e para baixo em Garland. —Pobre você.

—Estou bem.— Garland disse a ela, mas sua preocupação o tocou. Ela não podia saber como o cadáver o havia afetado - ele nunca lhe contara sobre Philippe, mas ela sentira algo. —Eu só preciso lavar.

—Fique limpo. Eu vou fazer chá.

—Você é uma santa, Lucinda. O Sr. Gattis é um homem de sorte.

Ela sorriu imensamente. —Ele sabe disso.— Ela começou a ir para a cozinha, então hesitou. —Você achou alguma coisa útil?

Seu interesse surpreendeu Garland. —Não tenho certeza. Suponho que saber a que horas ele morreu é útil. Eu posso adivinhar isso.

Ela inclinou a cabeça. —Como você pode fazer isso?

—O corpo passa por um processo em que endurece após a morte. Ele endurece por um tempo, depois relaxa - isso não é muito horrível para você?

—Honestamente, acho fascinante.



Garland se viu gostando ainda mais de Lucinda. —Você é uma mulher única.

—Eu não penso assim.— Ela sorriu educadamente. —As mulheres não têm muita chance de fazer coisas interessantes, talvez. Talvez haja muitas de nós que estão interessadas em coisas nas quais não devemos nos interessar.

—Oh. Talvez sim. —Ele esfregou as mãos juntas. —Eu preciso me limpar, mas podemos discutir isso um pouco mais se você quiser.

—Sobre o chá.

—Eu suponho. — Garland tentou não parecer surpresa. Sua secretária estava interessada em doenças de frango e rigor mortis. As maravilhas nunca cessaram?

O assoalho rangeu quando ele atravessou a velha casa. Ele suspirou enquanto caminhava para a varanda dos fundos. Em Toulouse, ele tinha um apartamento com eletricidade e encanamento interno. Chegar em casa o mergulhara na Idade das Trevas. Ele não se incomodou em acender o pequeno fogão a lenha. Ele bombeou a água e despejou diretamente na pia de aço. Era só meio da manhã, mas o calor úmido de agosto já estava sobre a terra como uma respiração febril.

Ele estremeceu um pouco enquanto se lavava, mas gostava de estar limpo. Muitas pessoas nessas regiões só se banhavam aos sábados para que fossem recém-lavadas para a igreja no domingo. Garland passava muitas noites com o braço até o ombro dentro da vagina de uma vaca e a cabeça pressionada contra o ânus para tomar apenas um banho por semana. Ele esfregou as mãos e unhas após cada procedimento e lavou todo o seu corpo assim que pôde.

Depois de lavar o cabelo, ele se sentou na banheira, relaxando, apesar de ter a maior parte de seu corpo exposto. Seus pensamentos foram para o pobre Doc Watkins. Quem faria uma coisa tão cruel para um homem? Ele não



conhecia bem o médico, mas sempre o considerara um tipo decente o suficiente.

Galinhas arranhavam e bicavam o quintal além do alpendre. Vermelhas grandes da ilha de rhode e domineckers pretos branco-salpicados. Alguns tinham sido do pai dele. Alguns ele tinha coletado nos últimos dois meses, desde que ele assumiu a prática de seu pai, em vez de pagamento por serviços. Na maior parte do tempo, ele era pago, mas às vezes galinhas e conservas precisavam ser suficientes.

Suas pálpebras ficaram pesadas. Ele mal dormira a noite passada. Ele saíra com uma mula com cólica, depois para cima com o amanhecer para dar à luz um bezerro. Os lábios carnudos de Avery inundaram seus pensamentos sonolentos. O único homem gay que ele conhecia por quilômetros tinha que ser um xerife de mente estreita com lábios deliciosos. Ele se sacudiu totalmente acordado. *Isso foi o suficiente disso!*

Ele se secou com uma toalha desgastada e murmurou auto-recriminações. Ele vestiu uma camisa de algodão e jeans e entrou para pegar um cochilo no sofá antes de Avery aparecer de novo. Ele queria sua inteligência sobre ele na próxima vez que ele viu o homem.

***

Trilha do Whitetail

Avery não encontrou o carro do Doc Watkin em nenhum lugar. Havia vários trilhos de roda na velha estrada de terra do Caminho do Whitetail, onde a floresta de pinheiros crescia grossa ao longo de um lado da estrada e o outro fora um pouco limpo para algumas residências. Todas as faixas correram juntas.

Ele decidiu acompanhar a pessoa que relatou ter encontrado o corpo, Homer O'Dell. O'Dell morava a cerca de cinco quilômetros de onde o corpo havia sido encontrado. Embora fosse na mesma rua da casa luxuosa do médico, a casa de O'Dell era uma pequena cabana cercada por arame farpado com um galpão de aparência raquítica de um lado. Algumas cabras e galinhas perambulavam pelo quintal desordenado. Dois cães ossudos, um cão negro e um catahoula leopard[5], estavam amarrados a árvores no quintal. Eles mal mexeram uma orelha quando Avery passou por eles. Um velho armário estava deitado de lado no meio do caminho de terra para a casa. Avery fez uma pausa para olhar para ele. Uma das portas estava quebrada.

Ele seguiu o caminho até a porta da frente e bateu. —Olá. Sr. O'Dell?

De repente, os dois cães começaram a latir. A porta se abriu e O'Dell olhou para fora. —Xerife?— Ele era um homem baixo com olhos azuis e um nariz vermelho e escorrendo. O'Dell sempre parecia estar doente com alguma coisa.

—Está certo. Preciso lhe fazer algumas perguntas. —Ele mal podia se ouvir sobre os cães que protestavam. —Você pode dizer a esses cães para ficar quieto?

O'Dell enfiou o rosto vermelho pela fresta. —*CALEM-SE, CÃES!*

Os cães gemeram, suspiraram e se deitaram. Avery limpou a garganta. —Você viu um carro em qualquer lugar ao redor da árvore de magnólia onde você encontrou Doc Watkins?

O'Dell limpou o nariz escorrendo com o punho. —Eu não vi nenhum carro. Apenas vi o doutor balançando na brisa.

—Que horas foi isso de novo?

---

5 

—Esta manhã. O sol não estava bem. Eu fui direto para a tia Hattie, porque ela tem um telefone. Liguei para o escritório do xerife logo ali.

Avery sabia que O'Dell vivia de sua família e colecionava e vendia lixo. Ele parecia ser um homem de poucas ambições. —O que você estava fazendo lá naquela hora da manhã?

O'Dell olhou para Avery por um momento. —Um dos meus cães se soltou. Eu estava perseguindo ele.

—Você o encontrou?

—Não senhor. O nome dele é Cooter. Ele é um coonhound redbone[6]. Se você o vir, você vai prendê-lo por mim? Ele não morde.

Avery apostou que ele não caçou nem guardou também. O'Dell e tudo o que ele possuía pareciam inúteis. —Eu vou. Eu vou trazê-lo direto para você.

—Bem, bom.— O'Dell fechou a porta. Avery subiu no Bluebird e saiu do pátio.

Ele percorreu a estrada a caminho da próxima herdade. Como a casa de O'Dell, era cercada por arame farpado que estava em volta das árvores. Algumas delas estavam no lado adjacente a O'Dell. Mais foi para baixo no lado de O'Dell. Avery estremeceu ao pensar em ter O'Dell como vizinho.

Entrou pelo portão frágil e subiu para a casa. De volta à mata, era uma coisa escura e atarracada, melhor do que a de O'Dell, mas não muito. Era pouco mais que um barraco de madeira e provavelmente tinha apenas dois ou três quartos. Aglomerados de grama de macacos verdes escuros emolduravam o caminho para a casa. Ele passou por uma fileira de cinco pequenas covas delicadas e bem cuidadas. Túmulos do bebê. Esta casa conhecia muita

---



6



tristeza. O resto do quintal parecia selvagem; as sepulturas se destacavam quase como um jardim.

Uma mula de baía, de pé em um lado da casa, levantou a cabeça e relinchou quando ele e Bluebird se aproximaram. Avery desmontou e caminhou, passando por um bando de galinhas, até a porta. Ele bateu. Um homem de cabelos louros e ombros largos na casa dos trinta respondeu. —Como posso ajudá-lo?

Avery tentou colocar o homem. Ao contrário de O'Dell, ele não deve ter tido muito a ver com a lei. Ele parecia um fazendeiro. Avery tinha certeza de que, se ele andasse pelos fundos da casa, encontraria fileiras de batatas e quiabo. —Doc Watkins foi morto ontem à noite. Estou tentando descobrir o que aconteceu.

—Assassinado?

—Parece.

—Quem é o responsável?

—Eu não sei.

—Como posso ajudá-lo, xerife?

—Você ouviu alguma coisa ou viu algo incomum na noite passada?

Um bebê chorou em algum lugar da casa. O homem olhou por cima do ombro e sorriu. —Minha esposa acabou de ter um bebê. Nós não ouvimos muito, mas apenas o choro.

Avery riu. —Provavelmente você não vai ouvir muito mais por um tempo.— Ele suspirou. —Você já viu um carro em qualquer lugar?

—Não, senhor. Eu vi pessoas dirigindo seus carros por aqui, provavelmente indo para o rio. Eu não vi nada ontem, mas eu não estava olhando, também.



—Cavalos são melhores.— disse Avery.

O homem riu. —Se você diz.

—Qual foi o seu nome novamente? Eu sei que já vi você antes ...

—Eu sou Lucas Mitchell. Esta é a Fazenda de Mitchell. Mantendo o significado de continuar com o nome. Torne isso apropriado.

Avery sacudiu a mão estendida. —Se você vir alguma coisa, ligue para o escritório do xerife.

—Vou fazer.

—Parabéns pelo novo bebê.

—Obrigado.

Avery se virou e foi embora. Ele subiu de volta em seu cavalo e trotou passando pelas pequenas sepulturas. Ele esperava que a família tivesse melhor sorte desta vez.

O sol estava ficando alto agora. Ele decidiu voltar para Garland para ver se ele havia encontrado algo novo. Quando ele lançou o Bluebird em um atalho de terra, ele se perguntou quem estaria com o médico naquela noite. E onde diabos estava o carro dele?



Capítulo Três

Fazenda Sands

Lucinda gritou. Garland ficou totalmente acordado. Ele estava sentado no sofá em sua sala de estar. Lucinda se levantou do chão. Ele se sentiu horrível. —Eu machuquei você?

—Você acabou de me empurrar. Isso me assustou. Era como se você não estivesse lá.

—Eu sinto muito.— Ele se sentiu tão envergonhado que não podia olhar para ela. —Eu lembro de tirar uma soneca no sofá ... eu não sei o que aconteceu.

—Eu acordei você para ver se você queria algo para comer, e você gritou e me empurrou.— Ela alisou as mãos pelo vestido. —Está tudo bem. Meu irmãozinho ... —Ela parou, olhando para ele. —Eu sinto muito.

Garland apertou as mãos dele. —Por favor, não seja. Ele estava na guerra, não foi?

Ela assentiu.

—E ele voltou quebrado.

—Eu não quis dizer que você é ir...

—Está tudo bem, Lucinda.— Ele suspirou. —Muitos de nós fizemos.

—Eles dizem que é shellshock[7]. Ele tem pesadelos. Ele pula como um gato se você assustá-lo. Ele mora em Port Arthur agora. Eles tentaram tratá-lo lá.

O estômago de Garland se apertou. "Tratamento" para a shellshock, especialmente nos Estados Unidos, era algo semelhante à tortura. —Eles ajudaram? — perguntou ele, esperando que o irmão tivesse tido a sorte de encontrar o tipo de atendimento que recebera na França.

—Ele não parece melhor. Ele me escreveu que eles lhe deram choques elétricos e o chamaram de covarde. Meu irmãozinho pode ser um punhado, mas esse menino não tem um osso covarde em seu corpo.

—Se quiser, posso escrever algumas das coisas que me ajudaram. Obviamente, não estou curado. Eu não acho que haja uma cura. Mas estou funcional. Eu não fui por um tempo.

Lucinda deu-lhe um sorriso suave. —Obrigado. Você é um bom homem.

—E você é uma alma paciente. Se você precisar me acordar de novo, use um sino. E fique longe de mim. —Ele tentou rir, mas não conseguiu. Ele poderia ter machucado ela.

—É quase meio-dia. Você me disse que não me queria cozinhando, mas gostaria que eu fizesse um almoço para nós?

—Eu fiz pão de milho na noite passada e há manteiga na geladeira.

Ela sorriu. —Você é muito auto-suficiente.

[7] Choque de concha é um termo cunhado na Primeira Guerra Mundial para descrever o tipo de transtorno de estresse pós-traumático em que muitos soldados foram afetados durante a guerra (antes que o próprio TEPT fosse um termo). [2] É uma reação à intensidade do bombardeio e da luta que produziu um desamparo que aparece como pânico e medo, fuga ou incapacidade de raciocinar, dormir, andar ou falar.



O sino pendurado do lado de fora da porta da frente tilintou. Lucinda correu para a porta. Garland fechou os olhos e respirou por um momento. Ele tentou aliviar a tensão em seu peito, imaginando alisando a mão sobre uma almofada.

—É o xerife. —Lucinda chamou da cozinha.

Garland ficou de pé e colocou seu sorriso. —Xerife Avery!— Ele explodiu, entrando na cozinha. —Você chegou na hora do almoço!

***

Uma emoção de desejo fez cócegas na barriga de Avery quando ele olhou para Garland. Ele usava uma camisa cinza com as mangas arregaçadas que pareciam as camisas de trabalho que praticamente todo homem no East Texas tinha em seu guarda-roupa, mas em Garland a coisa parecia as vestes de um rei. Coberto de sujeira e vestindo macacões folgados, ele tinha sido um diabo bonito, mas ele estava completamente limpo. Avery teve que dizer a si mesmo para parar de se embasbacar.

Ele olhou para a mesa redonda da cozinha com sua toalha xadrez azul e quatro cadeiras de madeira, as duas grandes janelas, a caixa de gelo de madeira e o fogão a lenha de ferro fundido. Parecia uma cozinha típica do país. Um bom. Algumas pessoas no leste do Texas viviam em choupanas que mal podiam ser chamadas de casas.

Avery sentou-se onde Lucinda o colocou, então observou com algum divertimento enquanto ela olhava para a cadeira que Garland puxou para ela. —Eu ia consertar nossos pratos. — disse ela.

—É a minha casa. Eu sou o anfitrião. Vou consertar os pratos. — Garland fez um gesto sobre a cadeira, convidativa.



—Ele morava na França.— Avery disse a ela quando se sentou. —Ele está cheio de noções.

Lucinda olhou-o friamente. —Talvez eu gostaria de ir para a França.

—É lindo. —Garland colocou um prato de broa de milho e uma fatia de tomate na frente dela.

Avery se recostou quando Garland colocou outro prato na frente dele. —Muito grato.

Um lado da boca de Garland estava torto. Ele sentou-se com seu próprio prato e despejou um copo de leite de uma jarra em seu copo. Lucinda impediu-o de servir uma para ela. —Estou tomando chá. — disse ela.

—Eu vou ter um pouco.— Avery pegou o jarro e se serviu de um copo alto.

—É uma coisa terrível sobre Doc Watkins.— disse Lucinda.

—Quanto você disse a ela?

—Eu... algumas coisas.— Garland encolheu os ombros musculosos. —Que ele foi assassinado. Que eu possa adivinhar o momento da morte a partir da profundidade de seu rigor mortis.

Avery sacudiu a cabeça. Ele se dirigiu a Lucinda. —Esse tipo de conversa não te incomoda?

—Eu não sou uma desmaiada, Xerife O'Rourke. Sou a secretária do Dr. Sands e é meu trabalho ajudá-lo. Eu tento entender o que ele está fazendo para que eu possa fazer um trabalho melhor.

Garland, sorrindo de orelha a orelha, disse. — Ela é um pêssego!

Avery ignorou-o e olhou-a nos olhos. —Não conte a mais ninguém o que dizemos aqui. Alguém. Não a sua família. Nem mesmo seu marido.



Katydid pulou na mesa ao lado do prato de Garland. Garland pegou-a no colo e alisou as orelhas com um golpe de sua grande mão. O gato ronronou alto. Ela era bonita para um gato. Ela tinha uma cabeça grande e larga e olhos amarelos redondos que lhe lembravam uma coruja.

—Eu não vou.— Lucinda olhou para ele com os olhos arregalados, mas seu rosto estava calmo. —Você sabe quem fez isso?

—Ainda não.— disse Avery. —Poderia ser qualquer um.

Garland, com o gato ainda no colo, limpou a garganta. —Um homem. Tem que ser um homem.

Avery tomou um grande gole de leite coalhado. —Por que você diz isso?— Ele imaginou que ele sabia, mas ele se perguntou se Garland pensava assim pela mesma razão que ele fez.

—Alguém teve que içá-lo na árvore.— Ele se virou para Lucinda. —Você tem certeza de que está bem em nos ouvir falar sobre isso?

Ela assentiu. Avery sentiu uma onda de admiração por ela; ela era mais resistente do que parecia. Seu sentimento o embaraçou. —Cat parece bem com isso também.

Lucinda riu. —Você não sabia - Katydid administra a fazenda?

Garland ficou azedo. Ele acariciou o gato com os lábios pressionados juntos. —Temos um assassino solto em nossa cidade.

Avery não tinha deputados. Não havia outros oficiais da lei além de si mesmo. Normalmente, ele não se importava. Inferno, normalmente, ele nem percebeu. Mas Garland estava certo. Isso foi grande. E ele precisava - com cada fibra do seu ser - conversar sobre tudo isso com alguém. Ele havia grampeado Garland como alguém, mas agora, aparentemente, sua governanta - a secretária e o gato pareciam estar incluídos.



Até hoje, ele nunca havia quebrado o pão com uma pessoa negra. O povo negro e o povo branco ficaram separados no leste do Texas. Eles viviam em lados diferentes da cidade. Os negros trabalhavam para as pessoas brancas, e isso era tanto quanto eles se misturavam.

Ele só conhecia dois homossexuais além de Garland. Ele tinha relações com os dois, mas nunca foi amigo deles. Ele manteve seus desejos em uma coleira curta e não se permitiu o luxo da amizade. A amizade era uma coisa difícil quando tudo que você queria era um pecado e sua vida era um segredo.

Agora, ali estava ele, comendo com uma mulher estranha e negra e sentindo que eram as únicas pessoas em quem podia confiar. Até o gato fedorento dava-lhe um sentimento caloroso por dentro. Ele entregou-se a tudo isso. Eles eram sua pequena tribo agora.

—Você achou algo novo quando o examinou? — ele perguntou a Garland.

—Não muito. Ele sustentou um golpe na parte de trás da cabeça. Eu acredito que foi assim que ele foi subjugado. O enforcamento o matou; havia vasos sanguíneos quebrados em seus olhos consistentes com estrangulamento. —Ele soltou um suspiro. —Ele foi brutalmente assassinado. Isso é certo.

Avery suspirou. —Sua esposa disse que ele saiu em uma ligação ontem à noite. Ela não sabia a que horas ele saiu. Ela acha que ele pegou o carro dele. Eu não sei. Eu não vi um carro em lugar nenhum. Eu verifiquei as faixas, mas havia várias.

—Você não sabe onde ele estava indo?— Perguntou Garland.

—Não. Ela não tinha ideia.

Lucinda se sentou para frente. —Você perguntou Myrtle?

Avery olhou para ela. —Quem é Myrtle?



Lucinda manteve o olhar fixo. —Ela é a empregada.

Avery sacudiu a cabeça para a mesa. —Eu não pensei.

Ela esfregou os braços. —Eu acho que ... — Sua voz caiu para quase um sussurro. —Eu acho que ela e o médico tinham ... relações. Ela me disse uma vez que ele a levou para sair de vez em quando no carro dele.

—Foi consensual?— As sobrancelhas de Garland se entrelaçaram.

Lucinda assentiu. —Até onde eu sei.— Ela olhou para Avery. —Ela era muito doce com ele.

Avery olhou para Garland e sentiu um choque, como se estivessem pensando a mesma coisa. —Um segredo.— disse Garland, uma sobrancelha levantada.

Avery enfiou o resto da broa de milho na boca, ficou de pé no meio da mordida e pegou o chapéu. Ele engoliu em seco. —Obrigado, Lucinda. Você tem sido uma grande ajuda. —Ele saiu da casa.

***

Garland lavou os pratos. Lucinda enxugou-os. Depois que eles limparam, eles jogaram gin, passando o tempo até que alguém ligasse. Garland perdeu duas mãos. Ele não conseguia parar de pensar em Avery. Ele poderia dizer que o homem não tinha sido fácil com o almoço no começo, mas ele podia ver Avery relaxar como se estivesse se ajustando à água fria de um buraco para nadar. Ele estava nadando quando ele saiu, Garland tinha certeza disso.

Ele queria Avery. Mas ele queria muito mais. Depois de estar em um relacionamento real, ele sabia que nunca poderia se contentar com uma aventura casual. Ele queria estar apaixonado. E o amor significava ser capaz

de ser você mesmo com alguém - seu verdadeiro eu. Quando ele conheceu Avery, o homem parecia quase muito apertado para admitir para si mesmo que ele era estranho[8]. Agora, Garland se perguntou.

Ele estava prestes a perder novamente quando o telefone tocou. Lucinda respondeu de maneira estranha. Garland ficou de pé e se espreguiçou enquanto tomava notas. Assim que ela desligou o telefone, ela entregou-lhe o papel. —É um cavalo. Aqui está o endereço. Eles estão preocupados com o pagamento porque não sabem de quem é o cavalo, mas o animal está em mau estado e o Sr. Henry diz que é um animal muito bom só para atirar.

Garland não conseguiu conter um estremecimento. —Fico feliz que o Pai os ensinou a ligar antes de morrer.

—Eu não sei se você vai pegar galinhas agora.

Garland encolheu os ombros. —Talvez eu consiga salvar um cavalo. É o bastante.

***

Casa do Dr. Watkins

Desta vez, quando Myrtle atendeu a porta, seus olhos estavam avermelhados. —Olá, xerife. Você está aqui para falar com a Sra. Watkins novamente?

Avery colocou a mão na porta. —Não, senhora. Estou aqui para falar com você. Qual é o seu nome completo?

[8] Nesta época se usava o termo estranho para se referir a homossexuais.



—Estamos deixando as moscas entrarem. A sra. Watkins torcerá meu pescoço. Eu vou sair na varanda para falar com você.

Avery assentiu, então ela saiu e fechou a porta atrás dela. Ele se perguntou se ela estava realmente preocupada com as moscas. —Agora, seu nome, por favor?

—Myrtle Johnson. Myrtle Louise Johnson. Lágrimas acumularam em seus olhos.

—É a senhora Johnson?

—Sim senhor. O nome do meu marido é Delton.

—Ele sabe que você estava tendo um caso com o Dr. Watkins?

—Ele nunca faria mal a ninguém!— Soluçou ela. —Ele nunca faria isso!

—Então, ele sabia. Quando ele descobriu?

Ela congelou, as lágrimas ainda escorrendo pelo rosto e olhou por cima do ombro dele.

—Sra. Johnson? Quando ele descobriu?

—Eu te disse, ele não fez isso.

—Quem fez?

—Ele estava em casa a noite toda ontem à noite. Eu juro. —O medo brilhou em seu rosto tenso. —Ele é um bom homem, xerife. Ele nunca mataria ninguém.

—Eu preciso falar com ele. Onde ele trabalha?

Ela olhou para as mãos, tricotou no avental branco com babados. —Mercearia de Harmon. Na volta.

—Quando eu perguntar quando ele descobriu sobre você e o médico, o que ele vai dizer?



Ela olhou para as mãos. —O dia antes de ontem.— Ela olhou para ele, desespero desenfreado em seu rosto. —Estou esperando uma criança.— Ela estremeceu. —Delton não conseguiu desempenhar suas funções desde a guerra. Hiram ... —Ela balançou a cabeça. —Hiram disse que isso não aconteceria. Nós fomos cuidadosos.

Ele entregou a Myrtle um lenço. —Enxugue suas lágrimas e entre.— Ele se perguntou então. —A Sra. Watkins sabe - sobre o bebê - sobre qualquer coisa?

Myrtle encolheu os ombros. —Acho que não. Eles moravam aqui como irmão e irmã. Eles mal falaram.

Avery agradeceu pelo tempo e partiu para o Bluebird.



Capítulo Quatro

Henry Ranch

—Está em má forma.— disse Clyde Henry, um homem baixo e sobressalente com um chapéu de palha manchada de suor. —Parece que foi executado através de um arame farpado.— Seus longos bigodes cinzas balançavam enquanto ele falava. —Nós temos isso na barraca de trás.

Garland não podia desistir do cavalo sem vê-lo. Ele manteve sua mente aberta, manteve seu ânimo. Ele seguiu o pecuarista até um grande cercado atrás do grande celeiro. Ele sempre gostou de Henry. O homem mantinha um rancho bem cuidado e cuidava de seus cavalos e gado.

Seu coração afundou quando viu o cavalo. Era uma bela azeda com quatro meias luas brancas e uma estrela em forma de diamante na testa. Listras de sangue e carne torcida atavam as meias brancas e o peito e os lados do cavalo. Alguma coisa o havia perseguido ou assustado através de uma cerca de arame farpado. Esse tipo barato de esgrima era onipresente no leste do Texas. Garland odiava por isso mesmo. Era tão fácil para um animal assustado se rasgar em pedaços.

—Olá, lindo.— ele disse ao cavalo em sua voz mais suave. —Deixe-me dar uma olhada em você.— O couro marrom e fulvo do cavalo se contraiu quando ele tocou, mas permitiu que ele examinasse. Nenhuma das feridas parecia especialmente profunda, mas elas eram numerosas e poderiam

facilmente ser infectadas. As infecções eram mortais. O cavalo era um castrado. A julgar por seus dentes, ele tinha cerca de sete anos de idade.

—Estava usando um freio quando o encontrei do lado da estrada. Eu tirei isso.

—Ele também tem o padrão de suor de uma sela. Talvez ele tenha jogado o seu cavaleiro?

—Talvez.— Clyde cuspir suco de tabaco. —Eu não vi ninguém por perto quando o encontrei. Parece que alguém viria procurá-lo. Ele é um cavalo muito bom.

Garland levantou-se de examinar as pernas do cavalo. —Ele é um poderoso cavalo machucado no momento.— Ele coçou a juba loira do cavalo na raiz. O cavalo se inclinou contra ele. —Crooked Creek não corre pela parte de trás de sua propriedade?

—Sim

—Você se importa se eu levar o cavalo lá fora? Eu gostaria de mergulhar as pernas no riacho um pouco antes de levá-lo para casa. Ver se eu não consigo diminuir esse inchaço.

—Essa é uma boa ideia. Eu te levo lá.

Garland passou uma corda pelo pescoço da azeda. —Eu não sei qual é o seu nome, lindo, mas eu vou te chamar de Apolo, porque você é dourado como o sol.— Ele liderou o cavalo atrás de Clyde, que andou na frente deles com um andador rechonchudo.

Eles caminharam lentamente pelo pasto em direção a um amontoado de cornisos e pinheiros de folha longa. Ao se aproximarem das árvores, Garland ouviu o riacho borbulhando. Riachos sempre pareciam tão felizes. Como jogar água.



Garland levou Apolo para a água rasa. Ele andou mais fundo, feliz por suas botas de borracha Wellingtons, e encorajou o cavalo a segui-lo.

Clyde perambulou pelo banco. Garland esfregou Apollo entre os olhos, fazendo com que cabelos brancos da estrela saíssem de sua mão. Apolo suspirou em contentamento. —Você é um bom cavalo, não é? Você é um cavalo bom e inteligente. —Garland inspirou lentamente, tentando não pensar no destino provável do cavalo. Eles lutariam contra a provável infecção com iodo. Ele lutaria contra a inflamação com gelo - sacrificando o que pudesse do parto da manhã. Talvez eles ganhassem. Ele só queria que eles tivessem algo mais poderoso.

Um grito alto fez Apolo recuar de lado, espirrando. Garland o segurou por um momento. Ele olhou para onde Clyde, agora inclinado a vomitar, ficava longe deles. Garland levou o cavalo em direção a Clyde. — Senhor, tenha misericórdia.— sussurrou ele ao ver o embrulho que tanto perturbara Clyde. Um corpo foi pego na cerca onde cruzou o riacho. Uma mulher nua com longos cabelos castanhos. Duas manchas ensanguentadas mostravam onde seus seios deveriam estar.

***

Mercearia Harmon

Avery confrontou Delton Johnson na parte de trás da Harmon's Grocery em meio a um monte de caixas. Delton era tão alto quanto Garland e duas vezes mais largo. Seus grandes braços estavam pendurados em seus lados enquanto Avery o questionava. Seus olhos escuros e vermelhos brilhavam de raiva e desprezo.

—Eu estava em casa com minha esposa a noite toda. Nós tivemos feijão com bacon e algum cornbread[9]. Então fomos para a cama.

—Quando ela disse que estava grávida?

Delton suspirou. —Antes do jantar.

—Não é seu filho.

Ele olhou para as botas de trabalho. —Eu sei disso. Ela chorou muito. Ela implorou por perdão. —Ele encolheu os ombros. —Eu a perdoei. Ela é minha. O bebê é meu. O Senhor trabalha de maneiras misteriosas.

—Louvado seja Jesus.

Delton assentiu. —Um homem.

—Mas o médico era o verdadeiro pai do bebê, não era? E você não poderia lidar com isso, poderia?

Delton parecia mais derrotado agora do que com raiva. —Eu não o matei. Eu te disse, eu estava com Myrtle a noite toda. Eu não vou mentir, não sinto muito que ele esteja morto, mas eu queria um filho desde que eu e Myrtle fomos casados.

—Poderia ser uma filha.

Delton mordeu o lábio inferior. —Eu não posso ... — Ele desviou o olhar. —Eu estava ferido ... Minha esposa e eu não podemos ter filhos. Não é assim que eu queria, mas você nem sempre consegue as coisas do jeito que você quer na vida.

Ele estava agindo bem, mas Avery se cansara disso. Ele pegou suas algemas. —Delton Johnson, estou colocando você em prisão pelo assassinato do Dr. Hiram Watkins.

[9] Pão frito.



—Mas eu não fiz isso!— O homem grande se afastou, mas parou de lutar uma vez que Avery o segurou rapidamente. —Eu juro! Eu não matei ninguém!

***

Depois de colocar Delton Johnson em sua cela na cadeia do condado, Avery atravessou a rua em direção ao tribunal do condado. Uma prisão sempre significava papelada. Quando ele abriu a porta do escritório do xerife, ele encontrou uma porção de notas no chão, empurradas pela aba pelo funcionário que atendia quando ele não estava lá.

Ele peneirou através deles enquanto se dirigia para sua mesa. Um fez os pêlos da nuca se erguerem. Foi de Garland. Ele relatou um corpo morto em Crooked Creek no pasto dos fundos do Henry Ranch.

***

Henry Ranch

Avery se sentiu mal por Bluebird. Ele havia ensaboado as corridas de cavalo para a cena do crime no calor de agosto. Desatrelou-o da carroça e andou com o cavalo pelo pasto para refrescar-se. Bluebird relinchou quando se aproximaram do riacho e um cavalo azeda. Clyde Henry segurou a azeda. Os dois ficaram no riacho parecendo desanimados. No riacho, na margem próxima, ele viu um cobertor xadrez azul e branco com um corpo estendido



sobre ele. Garland, usando um boné cinza achatado, agachou-se no cobertor de piquenique ao lado do corpo, curvado sobre ele.

Garland sentou-se nos calcanhares e apontou para o riacho quando Avery se aproximou. —Ela foi pego naquela cerca lá embaixo. Ela estava no riacho. Acho que talvez alguém a tenha abandonado aqui em cima.

Avery esfregou a barba. —Inferno. Ele cortou seus seios. O que o mundo está chegando?

Os olhos cinzentos de Garland não pareciam mais sombrios. —Fica pior, Avery.

—Como é isso?

—Ele cortou a língua dela.

***

Fazenda Sands

Avery estava em uma das barracas de Garland, observando-o espalhar remédio nas feridas do castraz. Eles tinham feito um desfile estranho para a casa de Garland - uma carroça com um corpo e Garland em sua pintura com a azeda ferida no reboque. Diretamente, Garland dispensou Lucinda pela noite. Embora ela normalmente fosse embora antes do pôr-do-sol, ela se oferecera

para ficar e cozinhar o jantar - algo que Avery achava que era uma boa ideia -, mas Garland não aceitaria nada disso.

—Eu não posso acreditar que você está deixando ele na cadeia durante a noite.— disse Garland. —Você sabe que ele não fez isso.

—Eu não sei disso. Ele assassinou o médico, por que não esta mulher?

—Whoa.— Garland disse ao cavalo. —Rapaz fácil. Eu sei que isso queima. Eu ainda tenho que fazer isso. —Ele aplicou mais uma pomada. —Qual é o motivo dele para matar a mulher? Quem é ela? Quem é ela para ele? Myrtle jura que ele estava com ela. Talvez ela esteja dizendo a verdade.

O cavalo se afastou de Garland, deixando-o segurando uma de suas patas traseiras no ar. Avery se aproximou e pegou seu cabresto. —Fácil. Fácil. Lá agora. Bom garoto. —Ele queria que Garland examinasse mais o corpo, mas o veterinário insistiu que ele tinha que mexer com o cavalo primeiro.

—Esta conversa não é propícia para a cura. Vamos conversar depois que eu terminar.

Avery zombou. —Dois assassinatos são mais importantes que um cavalo.

—Não para mim. Eu sou um veterinário antes de ser médico legista.

Avery soltou um suspiro. Garland era cabeça dura. Ele era cabeça-dura também, talvez mais, mas ele não sentia vontade de trancar chifres com o loiro alto no momento. Ele decidiu deixar Garland brincar com seu cavalo por um tempo. Quando ele olhou para as pernas do cavalo, no entanto, as lesões lembraram que isso não era brincadeira. —Onde Clyde disse que encontrou este cavalo, de novo?

—Ao lado da estrada por seu lugar.

—Hã. É um bom cavalo. Ou foi.

Garland se levantou e olhou para ele com olhos doloridos. —Ele ainda é um bom cavalo.— Ele deu um tapinha no lado do cavalo. —Espero que eu possa puxá-lo através disso.

—Ele é um cavalo de sela, certo?

—Ele parece um morgan[10] para mim. Ele é a causa disso, com certeza.— Garland pintou o iodo sobre as feridas no peito do cavalo. —Alguém tem que sentir falta dele.

—Você nunca o viu antes?

—Não. Eu teria me lembrado dele. Ele provavelmente nunca esteve doente por dia. Todos esses músculos ... Você é um cara bonito.

—Ele tem ferraduras?

—Ele faz.

—Você acha que Shorty McGee pode se lembrar dele?

Garland olhou para Avery com um sorriso. —O ferrador. Ele pode. Eu iria. Não só ele é um cavalo de aparência cara, ele é um bom paciente. Aposto que ele é muito fácil de engatar. Muitos cavalos não são. Isso se destacaria.

—Bem, acho que resolvi o mistério do seu cavalo. Isso vai te custar um centavo.

Garland bufou. Ele se endireitou e se espreguiçou, depois reuniu seus suprimentos. —Para o próximo mistério.

Avery seguiu Garland enquanto ele guardava o unguento e lavava as mãos com antisséptico. Pararam para fumar um cigarro antes de entrar no celeiro. Ele não conseguia afastar a ideia de que Garland estivesse certo sobre Delton. Colocar o assassinato nele não parecia mais correto. Mas isso fez

[10] O cavalo Morgan é uma das primeiras raças de cavalos desenvolvidos nos Estados Unidos. Seguindo de volta para a figura do fundador, mais tarde chamado Justin Morgan como seu dono mais conhecido.



muito sentido. Ele tinha um motivo... Quem mais gostaria de matar Doc Watkins? E quem iria querer matar a mulher no celeiro?

O sol estava se pondo, tornando o céu rosado e pintando longas sombras no chão. Cigarras tilintavam nas árvores acima. Os grilos começaram a cantar.

—Rigor mortis começa com o pescoço e a mandíbula e se instala em cerca de quatro a seis horas após a morte.— Garland soprou fumaça. —Ela estava entrando em rigor quando a encontramos. Descubra a que horas o Sr. Johnson apareceu para trabalhar. Eu duvido que ele pudesse tê-la matado. Esta era outra pessoa.

—Tem certeza de que ambos os crimes estão relacionados? Talvez seja coincidência.

Garland chupou o cigarro e a brasa se iluminou. Ele deu a Avery um olhar fulminante. —Eu provavelmente acredito em coincidência mais do que você, mas isso é ridículo. Nós temos dois assassinatos, um logo após o outro, e em ambos os casos as línguas são cortadas. Isso não é coincidência - e você sabe disso.

Avery gostou da maneira como os lábios de Garland se moviam quando ele soprava fumaça. Ele se viu fascinado pela mandíbula de Garland, o pescoço de Garland. O pomo de adão dele. Avery queria tocá-lo, queria sentir seus músculos se moverem sob sua pele. —Ele está em uma cela sozinho. Ele provavelmente está mais seguro lá hoje à noite. Tenho certeza de que ele é o assassino.

Garland gemeu. O som ondulou através do estômago de Avery. —Estamos no relógio. Vamos fazer isso. —Ele apagou o cigarro e partiu para o celeiro. Avery seguiu-o.



Capítulo Cinco

Avery ajudou Garland a mover o corpo embrulhado em uma lona para a mesa no meio do celeiro. Eles acenderam lanternas ao redor do celeiro e deixaram as portas do celeiro abertas para deixar a luz aparecer no interior. Avery pensou que deveriam ter examinado o corpo mais quando o sol estava fora e deixado o cavalo para depois, mas Garland insistiu que os vivos viessem primeiro.

Ele viu Garland estremecer quando eles desembrulharam o corpo, e se perguntou se Garland também o colocara por outras razões. —Você está bem?

As sobrancelhas de Garland se tricotaram. —Esta não é a minha linha usual de trabalho.— Ele varreu o longo cabelo castanho da mulher longe do rosto com um gesto quase terno. —Sinto muito pela indignidade de tudo isso. Nós vamos descobrir quem fez isso com você.

—Ela não está lá.— disse Avery. —Esta é uma casca vazia.

Garland grunhiu. Avery não achou que ele gostou da entrada. Ela era uma jovem de vinte e poucos anos. Ela tinha olhos azuis que olhavam para fora do rosto pálido para nada. Ele não era atraído por mulheres, mas ele reconheceu que esta era bonita. Ela tinha pele lisa como uma boneca de porcelana, um queixo pequeno e uma testa larga. Seu nariz fino lembrava o bico de um falcão. Isso lhe dava uma aparência régia. Seus lábios eram cinzentos e rachados. Uma contusão escura sombreava uma maçã do rosto alta.



Garland forçou a boca a se abrir e mostrou a boca para Avery. Ele estava certo. Ela estava mutilada como o médico. Garland revirou a cabeça, virando-a para um lado e depois para o outro, passando os dedos pelo couro cabeludo. Avery não pôde deixar de observar seu rosto. Ele se sentiu culpado pela maneira como Garland franziu a testa. Isso não foi fácil para ele.

—Ele não teve que dominá-la com um golpe na cabeça. Não foi necessário. —Ele dirigiu o olhar de Avery para o longo pescoço da mulher. —Veja o padrão escuro em sua garganta?— Ele colocou as mãos sobre as marcas. —Alguém a sufocou com as próprias mãos.

Ele apontou para os olhos dela. —Veja as manchas de sangue no branco de seus olhos? Isso é chamado de hemorragia patecial. A pressão fez os minúsculos vasos sanguíneos estourarem. Eu acho que ela foi estrangulada. Isso é o que a matou. —Ele olhou para o comprimento do corpo. —Espero que Deus tenha matado ela e ela não estivesse viva pelo resto.

—Ele cortou seus seios. Eu posso ver isso por mim mesmo.

—E cortou-a aberta.— Garland balançou a cabeça. Ele examinou a pele nas bordas das feridas no peito. —Uma borda serrilhada, eu acho.

—Então... estamos falando de uma faca de cozinha? Você acha que isso aconteceu na cozinha?

—Talvez. Talvez ela estivesse fazendo alguma coisa na cozinha, e ele bateu nela, estrangulou-a, então ... Talvez. Ou ele carregava uma faca de cozinha com ele.

Avery suspirou. Ele queria que as peças se encaixassem em algo que ele pudesse reconhecer. Ele observou Garland alisar suas grandes mãos pelos braços dela. Garland levantou as mãos e olhou para elas com cuidado.

—Ela tinha um pouco de sujeira debaixo das unhas. Algumas marcas de bicadas. Talvez ela tivesse galinhas?



Avery revirou os olhos. —Bom trabalho de detetive. Quem não tem galinhas por aqui?

—Olha.— rebateu Garland. —Estou tentando.

Avery recuou. —Eu sei. Eu não quis dizer nada.

—Eu não sou treinado para olhar para cadáveres. Eu sou treinado para ver animais vivos. Você não sabe o que isso faz comigo. Você não sabe o que eu vi ... —Ele respirou fundo. —Você não sabe.— ele disse baixinho, exalando, resignado. —Essa é a verdade disso.

Avery queria dizer que sentia muito, mas ele não disse nada. —Ela teve filhos.— disse Garland. —Veja as estrias?

Isso não ajudou muito. —A maioria das mulheres da sua idade teve filhos.

Garland finalmente chegou ao ferimento sob o umbigo da mulher. Suas vísceras se derramaram no riacho. Eles haviam recolhido e enrolado na lona com ela. Garland passou por cima dos órgãos. —Intestino delgado. Intestino grosso. Bexiga urinária.

Com um olhar perplexo, ele sentiu em torno de seus órgãos por um tempo. —O que há de errado?— Avery perguntou finalmente.

—Seu útero está faltando. Eu encontrei seus ovários ...

—Poderia ter caído no riacho?

—Acho que não. Eu acho que isso foi proposital. Isso significa alguma coisa.

—Como o quê?

—Não tenho certeza. Mas olhe para baixo aqui. —Ele dirigiu o olhar de Avery para a região inferior da mulher. —Sua vagina foi mutilada.



Avery não gostou quando Garland usou palavras como "vagina". — Alguém odiava mulheres.

—Ou a feminilidade desta mulher.— Garland olhou para o cadáver em óbvio desalento. —Mal.— ele disse suavemente. —Quem fez isso foi puro mal.

Movido, Avery tirou o chapéu e segurou-o sobre o coração. —Isto é como Jack, o Estripador ou algo assim. Nós não temos esse tipo de coisa por aqui.

Garland dobrou o cobertor de piquenique sobre o corpo. —Descanse nos braços de nosso Salvador.— Ele envolveu a lona em torno dela, em seguida, lavou as mãos com anti-séptico. Antes que Avery soubesse, Garland tinha um cigarro em uma mão trêmula e estava soprando para longe.

Avery devolveu o chapéu à cabeça, pegou um cigarro e combinou. Ele acertou o fósforo e acendeu o cigarro. Um homem fumante gostava de companhia. Garland fechou os olhos. —Mundo mal.— ele disse suavemente. Suas mãos continuaram a tremer.

—O que você viu.— começou Avery, calmante. —Foi na guerra?

Os olhos de Garland encontraram os dele. —Eu vi coisas na guerra. Isso é outra coisa. — Ele exalou devagar. —A guerra me assombra quando durmo. Philippe me persegue durante o dia.

Avery teve que olhar para baixo. —Philippe ... uh ... foi ... uh ... seu...

—Amante. Eu me estabeleci em Toulouse depois da guerra. Eu me matriculei na Ecole nationale veterinaire de Toulouse para concluir o curso que comecei na Texas A & M. E eu conheci Philippe. —Um sorriso triste brincou em seus lábios. —Ele foi maravilhoso - doce, cheio de vida. Mas o seu shellshock foi pior que o meu. Ele entraria nessas - não sei exatamente - essas trincheiras de desespero. Dias passariam onde ele não conseguia se mover da janela. Ele olhava para fora e fumava. Foi como se ele tivesse ido embora.



Avery não disse nada quando Garland fez uma pausa. Ele sentiu que Garland tinha mais a dizer. Ele queria tocar em Garland, conectar-se de alguma maneira concreta. A guerra parecia uma sombra sobre muitos deles. Avery tivera sorte de evitar o shellshock, mas ele havia visto esse distúrbio misterioso afligir outros homens.

—Um dia, enquanto estava fora, ele pegou seu revólver e se matou. Eu limpei depois que a polícia chegou. Tirou pedaços do cérebro dele do tapete, das paredes. Massa cinzenta, matéria branca, corpo caloso ... —Na luz da lanterna, lágrimas brilhavam nos olhos de Garland.

Avery achou que ele era tão feliz, mas Garland escondeu todos os tipos de coisas sob aquele sorriso de menino. Ele não sabia o que dizer. Ele apagou o cigarro e passou os braços ao redor do veterinário. As costas de Garland se enrijeceram de surpresa. Avery deu-lhe um aperto. Ele apoiou o queixo em um dos ombros largos de Garland. A borda de seu Stetson roçou a cabeça de Garland. Ele tirou o chapéu e segurou-o contra as costas de Garland. Ele queria tirar toda a tristeza do corpo de Garland.

O hálito quente de Garland roçou o pescoço dele. Ele acariciou seu rosto contra o ouvido de Avery e o abraçou de volta. Eles ficaram imóveis, abraçando por um longo tempo. Avery fechou os olhos e se deliciou com a sensação de proximidade e calor. Ele nunca sentiu isso com ninguém. Ele tinha, depois de perceber que Garland era estranho, queria se acasalar com ele, mas isso era outra coisa, algo que ele não esperava.

De repente, Avery sentiu a abertura da porta do celeiro às suas costas. Ele duvidava que alguém que passasse fosse capaz de vê-los tão longe da estrada, mas ele não queria correr o risco.

Ele soltou Garland e recuou, segurando o chapéu na frente dele com as duas mãos. Ele ainda não sabia o que dizer. Ele olhou para Garland e desejou que seus olhos dissessem todas as coisas complicadas que ele sentia.



Garland limpou um dos olhos com as costas da mão. Ele limpou a garganta. —Você gosta de café da manhã para o jantar?

Avery piscou para ele.

—Que tal alguns ovos fritos com biscoitos e molho?

***

A cabeça de Garland estava leve quando ele subiu a varanda da frente. O que diabos ele estava fazendo? Seu estômago se agitou ao ouvir o xerife, com suas botas de caubói, pisando atrás dele. Avery parecia o tipo de pessoa que se arrependeria assim que fizessem alguma coisa. Ele esteve com homens assim antes. Um deles foi violento depois.

Ele pendurou o chapéu na porta e tirou suas botas de borracha Wellingtons. Ele havia voltado ao condado de Wake Forest para se curar, para se perder em seu trabalho e no ar fresco do campo. A morte do pai dele tocou um grande sino dentro dele. Acordara-o do estupor de seu luto por Philippe e o levara de volta para casa. Ele dissera às pessoas que fora casado com uma garota francesa, mas ela morrera de gripe. Desde o surto maciço da gripe espanhola em 1918 até 1919, as pessoas entenderam o quanto a gripe poderia ser mortal. Então as mulheres mantiveram uma distância respeitosa, deixando-o chorar sua pobre esposa morta.

Ele não achava que houvesse outro de sua espécie por milhas, e ele estava bem com isso. Ele estava apaixonado uma vez. Algumas pessoas nem conseguiam dizer isso. Ele aceitou seu coração partido e o sentimento vazio por dentro. Ele finalmente aceitou ficar sozinho.

E então Avery apareceu.



Ele parou na cozinha e se virou para Avery. —Eu vou lavar de volta. Então você pode se lavar enquanto eu cozinho o jantar.

Avery segurou o chapéu. —É só quarta-feira.

Garland riu. —Se você quiser lançar um pouco de cortejo após o jantar, é melhor você ficar limpo. Eu não estou com homens sujos.

Um músculo na mandíbula de Avery se contraiu. Seus olhos azuis pareciam escuros. Ele olhou para Garland como se estivesse congelado no lugar, incapaz de falar.

Garland lamentou sua piada. —Eu pensei que é o que você queria ... Eu não me importo se você quer apenas comer. —Ele procurou o rosto bonito de Avery. —Eu gostei disso... lá atrás. Se isso é tudo que você queria fazer, eu gostaria disso. —Era a verdade. Ninguém o segurara assim desde a morte de Philippe. Os braços de Avery pareciam curativos e mágicos. Por alguns minutos, ele quase se esquecera do quanto doía.

—Posso pendurar meu chapéu lá em cima?— Avery apontou para o porta-chapéus.

—Por que está lá?

Com algum desânimo, ele assistiu Avery pendurar seu chapéu. Avery se virou para ele. Suas mãos mergulharam nos bolsos e ele olhou para o chão. —Eu gostei, também.— Ele praticamente sussurrou. —É pecado. Mas eu ... — Ele olhou para Garland. —Eu quero fazer isso de novo.

Garland se aproximou dele, desejando abraçá-lo. —Eles dizem que é um pecado.

—A Bíblia diz.

Garland revirou os olhos. —Levítico diz que comer moluscos é um pecado. A Bíblia foi escrita por humanos. É defeituoso em partes como elas são.



Avery apertou a boca. —Foi escrito por seres humanos cheios do Espírito Santo.

Garland deflacionou. —Vamos estudar a Bíblia agora? Eu estava esperando por outras coisas.

Avery parecia à beira de tremer. —Eu quero você. Eu te quero tanto. —Suas mãos se fecharam em punhos. —Como isso pode ser tão errado?

Garland ignorou os punhos e passou a mão pelo braço direito de Avery. Sua respiração tremeu. Havia uma arma no quadril direito de Avery. Empregou o tom calmante que usava para encantar animais machucados. —Deus nos fez assim. Nós não estamos errados. Algum dia, as pessoas vão entender isso. Por enquanto, só você e eu temos que fazer. Não estamos errados, Avery.

Avery respirou fundo. —Eu não sei.

Seus lábios eram muito tentadores. Garland não conseguiu evitar. Ele plantou um beijo suave e casto nos lábios macios de Avery. Ele sentiu um aperto de mão atrás da cabeça. A língua de Avery invadiu sua boca. Garland acariciou a língua forte de Avery com a sua. Eles pressionaram um contra o outro. O pau de Garland inchou de necessidade. Ele empurrou livre.

—Não. Eu estive em toda uma garota morta. Eu tenho que ficar limpo primeiro. Eu tenho que tirar isso de mim.

Avery estendeu a mão e pegou a mão dele. —Mais um?

Os olhos de Garland se agitaram quando os lábios quentes de Avery cobriram os dele. Suas línguas eram sutis desta vez. Coisas cuidadosas, cheias de segredos.

Garland suspirou quando se afastaram. Avery corou. —Droga. Você tem um gosto tão bom.



—Você vai me deixar louco, Avery O'Rourke.— Ele soltou um suspiro. —Mudança de planos. Venha tomar um banho comigo.

—Você tem uma grande banheira?

—Banheira de lavagem padrão.

—Como vamos nos banhar juntos?

—Eu vou pensar em algo.

Ele levou Avery até a varanda dos fundos, pegando toalhas e um pote e vaselina do baú de linho ao longo do caminho. Eles acenderam um par de lanternas. A noite quente de agosto zumbia ao redor deles. Grilos chilreavam. Sapos guinchavam e resmungavam. Mas as galinhas dormiam profundamente no galinheiro.

Garland encheu o pequeno fogão a lenha e acendeu-o. Para sua surpresa, Avery pegou o pote que Garland usava para aquecer a água no fogão e começou a bombear água para dentro dele. —Obrigado.— ele disse a Avery.

—Minha banheira também.

Garland arrumou as toalhas, colocou a escova e os panos, depois sentou-se nos degraus da varanda e esperou a água esquentar no fogão. Avery sentou ao lado dele. Eles olharam para a noite quente e negra. Um pequeno ponto de luz piscou na distância. Então havia mais deles.

—Eu amo vaga-lumes.

—Eu também. Eu era casado antes da guerra. Costumávamos nos sentar e observar os vaga-lumes à noite.

—Eu nunca estive com uma mulher.

—É diferente. Eu só fiz isso algumas vezes. Ela não se importava que nós não fizéssemos muito. Eu não acho que ela gostou. Ela tinha uma disposição gentil, no entanto. Ela era justa e temperamental. Ela morreu de cólera enquanto eu estava no exterior.



—Cólera é ruim.

—Sim. Doeu quando ela morreu. Eu senti que deveria ter feito alguma coisa. Poderia ter. Eu não sei.

Garland pegou a mão dele e apertou-a. —Eu sei o que se sente.— ele disse baixinho. —Eu sinto muito.

Avery levantou-se e despejou o pote de água no tanque. Ele encheu outro pote e colocou no fogão. Garland sentiu uma centelha de gratidão quando Avery recomeçou sua posição anterior, pressionada ao lado dele com uma mão no joelho de Garland.

—Quantos anos você tinha quando soube ... quando você sabia que você era assim?

Garland encolheu os ombros, girando com o dedo indicador de Avery. —Cinco?

—Cinco?!

—Todas as meninas queriam me beijar. Nós iríamos brincar de perseguição atrás dos celeiros. Eu queria beijar os outros garotos.

Avery riu. Ele deu uma grande risada, viril e profundo. —Eu não sabia até os onze anos. Eu comecei a me sentir excitado em torno de meninos e homens. Eu não senti isso com garotas. Gostei muito bem delas. Eu simplesmente não senti ... —Ele abaixou a cabeça, tímido. —Você sabe.

Garland levantou-se e despejou a panela fervendo. Ele bombeou a água para a próxima rodada. Avery mergulhou um dedo na banheira. "Nós nunca vamos nos encaixar nisso juntos."

Garland colocou a nova panela de água para aquecer no fogão. —Teremos que nos revezar. —Incapaz de esperar mais tempo, ele lavou o rosto e as mãos na banheira. Avery copiou ele. Eles se beijaram com os lábios limpos, apertaram as mãos limpas, a pele molhada contra a pele molhada.



Garland tirou a camisa, desabotoando-a rapidamente. Avery sorriu sua aprovação e desafivelou o coldre e colocou-o na cadeira de balanço. Ele tirou o distintivo do bolso da frente da camisa e colocou-o ao lado da arma. Ele desabotoou a camisa. Garland observou-o fascinado. Enquanto o peito de Garland estava coberto de cabelo loiro e macio, Avery era quase liso. Ele tinha alguns cabelos escuros ao redor de suas auréolas vermelhas.

—Água. — disse Avery.

A água começou a ferver. Garland despejou na pia e rapidamente a substituiu. Quando ele terminou, Avery ficou na varanda usando nada além de suas calças de flanela. Luz da lanterna acariciava seu peito musculoso e o abdome. — Que lindo espécime de masculinidade você é. — Garland disse a ele.

—Você é bonito. Você é ainda mais bonito que um cavalo.

Ele disse com tanta sinceridade que Garland riu.

—Eu não quis dizer nada ruim com isso.

Garland agarrou sua mão mais próxima e puxou-o para o chão de madeira da varanda. —Eu sinto muito. Eu acredito em você. —Ele não podia deixar de sorrir. —Esse é o melhor elogio que alguém já me deu. Eu admiro cavalos quase mais do que qualquer outra criatura.

—Cavalos estão mais próximos dos anjos.— disse Avery. Ele roçou a bochecha de Garland com o polegar. —Não deixe que a azeda sofra por muito tempo. Eu sei que você quer salvá-lo, mas não acabe com a morte dele.

Garland serviu outro pote no tanque. Estava quase meio cheio. Ele tirou as calças e as meias. —Eu não vou. Eu tenho que tentar salvá-lo. Você entende isso, certo? Eu tenho que tentar. Mas eu não vou deixar ele demorar muito. Eu prometo. —A preocupação de Avery o tocou.

—Eu acredito em você.— Avery fez um sinal para a tina. —Entre. Vou aquecer outra panela de água.



Garland jogou água nos braços e no peito. Ele ensaboou e esfregou-os antes de se instalar na banheira. Ele se curvou na banheira, lavando-se diligentemente. Avery apareceu atrás dele e jogou água morna nas costas dele. Então Avery se ajoelhou e beijou atrás de sua orelha. Garland estremeceu de prazer. Avery sacudiu o ombro e passou os braços ao redor dele.

Garland lavou os braços de Avery. Ele se virou e encontrou a boca de Avery pronta para ele. Sentando-se com água morna no seu umbigo, Garland teve a estranha sensação de que ele estava nascendo em uma nova vida - como ser batizado.

Avery, ainda atrás dele, começou a massagear seus ombros molhados. Ele sugou a parte de trás do pescoço de Garland. —Você tem um gosto tão bom.— ele murmurou.

Garland estremeceu apesar da noite quente e do banho quente. Ele não conseguia se lembrar da última vez que ele tinha sido tão difícil. Ele limpou a garganta, lutando para limpar a cabeça também. —Sua vez.

—Eu não sou tão sujo.

Garland riu. Ele agarrou a mão de Avery e a puxou para a boca. Ele pegou um punho e lambeu o círculo de carne criado pelo polegar e indicador de Avery. —Eu quero beijar você todo.— disse ele lentamente, lambendo um acidente vascular cerebral após cada palavra. —Fique limpo para mim.

Avery se levantou e saiu de suas calças finas. Além da dispersão de pêlos em seu peito, ele tinha um rastro de pêlo quase negro sob o umbigo levando ao emaranhado suave encaracolado em torno de seu lindo e pronto pênis.

Garland ficou de pé na banheira, molhado. Eles se beijaram, sondando um ao outro delicadamente com as línguas, as mãos entrelaçadas. Garland se afastou, saiu e se enxugou. Avery sentou-se na banheira e ficou observando-o. Garland riu dele. Ele jogou em Avery a escova. —Pegue corpo limpo!



Garland decidiu que Avery precisava de ajuda. Ele pegou uma toalha e outra barra de sabão e ensaboou o peito e os braços de Avery. Ele amava os braços fortes e magros de Avery e gostava da sensação dos cabelos curtos e escuros dançando molhados sobre os músculos duros. Depois de esfregar e limpar, ele ajudou Avery a sair do banho. Avery ficou parado, como se não sabendo o que esperar. Garland o enxugou. —Com quantos homens você esteve?

—Dois.

—Quantas vezes?

—Duas. —Ele inalou rapidamente. —Você está por perto, hein?

Garland riu. —Você me faz soar como um devasso. Não é tão ruim. Cinco. É diferente porque um deles foi um relacionamento. Eu tive tempo para experimentar.

Cor tinha subido sobre a pele de Avery. —O que você quer fazer?

—Nada de estranho. Eu só quero amar você. Simples assim. —Ele beijou seu caminho para o corpo escultural de Avery e caiu de joelhos quando ele foi. Ele gostava de mordiscar e mastigar a pele úmida e perfumada de sabão. Suas mãos percorreram os lados de Avery. Ele lambeu o cabelo úmido e mastigável em torno da raiz de Avery e segurou o pau duro de Avery em sua mão. Ele lambeu a pele macia como pétala do eixo pesado, abrindo caminho até a cabeça. Ele provocou a suculenta fenda por um movimento com a língua antes de levar a cabeça inteira para a boca.

Avery deu um pequeno suspiro. Garland chupou-o com força, deixando que a pressão aumentasse antes de deslizar para trás e sair dele. Avery bufou. Garland pegou seus quadris e virou-o. Ele não tinha certeza, mas ele achava que Avery estava prendendo a respiração. Ele agarrou os quadris de Avery. Avery tinha um traseiro delicioso. Garland pressionou o rosto nele. Sua língua encontrou o buraco de Avery. Ele adorava um buraco limpo e quente. Ele

acariciou a borda de Avery, depois pescou a língua naquele buraco quente e apertado.

Avery exalou alto. Garland se esforçou para não rir. Ele empurrou a língua profundamente, procurando a próstata de Avery, imaginando que tipo de ruídos ele poderia fazer então. Sua língua se esticou e sondou. Ele segurou as bolas de Avery. Avery gemeu. Ele cambaleou. As mãos de Garland alisaram as pernas musculosas de Avery, lembrando-o de ficar em pé. Ele jogou com a próstata de Avery até que ele pensou que Avery cairia.

Ele acariciou a borda de Avery com a língua enquanto amassava seu pênis. Avery fez alguns pequenos ruídos silenciosos e deliciosos. Garland não aguentou mais. Com as mãos e sussurros suaves, ele guiou Avery até o chão da varanda. Ele organizou-o em suas mãos e joelhos e agarrou a vaselina. Ele abriu e espalhou uma quantia justa na borda de Avery.

Ele sondou Avery com um dedo e provocou sua próstata. Cuidadosamente, ele inseriu outro dedo e abanou o buraco mais largo. Somente depois que ele soltou Avery com três dedos, sentiu que poderia continuar. Com uma mão gordurosa, ele esfregou para cima e para baixo em seu próprio pau firme e ansioso. Sentindo-se poderoso e eufórico, ele o montou, colocando a cabeça no buraco doce e úmido de Avery.

O mundo caiu enquanto ele mergulhava fundo. Avery empurrou de volta contra ele, querendo mais. Garland o montou com força, bombeando loucamente. Eles desapareceram em alguma dança fervorosa. Eles desapareceram juntos. A noite parecia respirar ao redor deles, parecia engoli-los em alguma escuridão cósmica. Ele ouviu Avery gozar e sentiu seu próprio orgasmo estreitando-se na cabeça de um alfinete antes de explodir em uma onda de luz e felicidade. Redemoinhos de bolhas de champanhe em chamas giravam em seu corpo.

Ele caiu de joelhos e deixou as sensações passarem por ele. Avery se virou e o pegou em seus braços. Eles ficaram, entrelaçados pelo que pareceu



um longo tempo. Katydid subiu levemente os degraus da varanda e sentou-se ao lado deles, ronronando sua aprovação.

—Você quer me fazer agora?— Garland perguntou.

—Eu ... eu não sei. Eu nunca....

—Está tudo bem. Eu acho que a maioria dos homens só faz uma coisa. Eu não tinha certeza sobre você. —Ele alisou a mão no estômago musculoso de Avery. —Vamos lavar nossas mãos e comer. Estou faminto.



Capítulo Seis

Fazenda Sands

Avery continuou fazendo voltas. De certo modo, ele nunca se sentira mais feliz. Enquanto ele estava na cozinha de Garland, vestido com as gavetas limpas de Garland, ajudando-o a enrolar a massa em biscoitos, uma parte dele achava que aquilo era a coisa mais natural do mundo. Era assim que as coisas deveriam ser. Mas havia outra parte que se arrepiou e escondeu e disse que ele deveria ter vergonha. Que tudo isso estava errado.

Garland colocou as bolachas no forno. Ele acendeu um cigarro, soprou, depois enfiou na boca enquanto aquecia um pouco de manteiga em uma frigideira. Ele entregou o cigarro para Avery. Avery pegou e chupou enquanto Garland mediu algumas colheres de sopa de farinha na manteiga derretida. Eles compartilharam o cigarro enquanto faziam molho.

Eles fritaram alguns ovos e comeram à luz das lâmpadas de óleo na mesa da cozinha. —Onde você cresceu, afinal?— Garland perguntou a ele.

—Amberton e Timberland eram as únicas cidades no condado de Wakeforest.



Garland sorriu. —Amberton. Tão perto. Todo esse tempo, você estava certo na próxima cidade. —Ele mergulhou um biscoito em seu molho. —Eu gostaria que tivéssemos nos conhecido quando éramos crianças.

Avery estava feliz por eles não terem. Ele não saberia o que fazer com Garland naquela época. Ele mal sabia o que fazer com ele agora. Seu cérebro girava com mil coisas que ele queria dizer a Garland. —Esses biscoitos ficaram bons.

—Eles fizeram.— Garland parecia divertida. —O molho é suave também.

—Essa foi sua mão, não minha. O meu é sempre irregular.

—O meu geralmente é muito fino. Eu acho que nós dois juntos fizemos isso perfeito.

Avery riu e se sentiu envergonhado por quão nervoso soou. Talvez tenha sido apenas um pequeno pecado. Todos pecaram às vezes. Mas quando ele e Garland estavam juntos assim, parecia maior do que qualquer coisa no mundo. Nenhuma de suas duas experiências anteriores comparadas. E ele nunca tinha feito algo assim - comendo juntos depois como um casal de pombinhos.

Garland segurou o queixo e suspirou. —Você é quieto, não é?

Avery encolheu os ombros e enfiou meio ovo frito na boca.

—Você terminou com os biscoitos?

Avery assentiu, mastigando.

Garland cobriu a cesta onde estavam com um pano. —Eles vão ser bons com geléia amanhã. Talvez Lucinda tenha um com o café dela. Eu vou dizer a ela que você ajudou a criá-los.

—Por que você iria e faria uma coisa dessas?

—Eu estava apenas tentando ver se você estava ouvindo.



Avery limpou a garganta. —Isso aqui entre nós, isso é privado.

—Absolutamente.— Seu rosto ficou sério. —Você acha que alguém por aqui gostaria que eu tocasse seus animais se eles soubessem o que eu era?

Avery não disse nada, mas ele sabia a resposta.

—Eu amo ser veterinário. Eu trabalhei duro para ser real. Não pense, nem por um minuto, que eu colocaria em risco o meu lugar aqui.

—Eu sinto o mesmo por ser xerife.

—Eu pensei assim.— Ele se inclinou e esfregou o braço de Avery. —Eu nunca te machucaria. Eu juro. Em mil Bíblias. Eu nunca te machucaria.

Avery não pôde se ajudar. —A Bíblia não significa muito para você.

Garland se retirou e cruzou os braços sobre o peito. Sua expressão, no entanto, foi mais ferida do que desafiadora. —Eu não acredito em todas as linhas de todos os livros, mas minha fé é a única coisa que me fez passar pelos piores momentos. Você não acha que eu queria terminar depois que o Philippe se matou? Eu ainda estou aqui porque acredito que Jesus me ama. Eu simplesmente acredito que ele ama o verdadeiro eu - aquele que ele vê o tempo todo - aquele que está por trás da máscara.

Avery empurrou o prato de lado, esticou o braço e ergueu uma das mãos de Garland. Ele puxou isto para seus lábios e embalou isto em ambas as mãos. Tudo nele parecia novo e imóvel. Ele esfregou a mão de Garland contra a barba e beijou a palma da mão.

Eles ficaram sentados por um longo tempo, de mãos dadas e olhando nos olhos um do outro. Finalmente, Avery suspirou, não querendo quebrar o feitiço, mas percebendo que isso deveria ser feito. —Eu tenho que ir. A manhã chega cedo.

Garland apertou a mão dele. —Fique.— Ele parecia perceber que ele tinha emitido como um comando. —Por favor. Fique aqui.



Avery hesitou.

—Nós vamos estar de pé antes de Lucinda chegar aqui. Ela nunca saberá que você não chegou cedo para perguntar sobre o corpo.

Avery respirou fundo. Garland parecia tão implorante. —Eu nunca dormi com um homem antes.— Ele sorriu. —Você será meu primeiro.

Garland ficou de pé e puxou-o de pé. Ele o abraçou em um aperto de vício. —Pelo menos eu serei seu primeiro em uma coisa!

***

Avery deitou-se ao lado dele com Garland aconchegado contra ele. Ele não conseguia dormir. Não porque um assassino temível estava solto no condado de Wake Forest. Não porque o homem que ele havia preso fosse provavelmente inocente. Mas porque ele queria fazer um gabarito daqui até Amberton. Ele ficou parado apenas porque o braço de Garland pairava sobre ele.

Alguma parte dele que ele nunca soube que existia queria correr descalço, andando pelas ruas. Ele queria dizer a todos que ele encontrou de sua boa sorte. É isso que eles querem dizer com "fada", ele pensou. Ele nunca realmente se sentiu como uma fada até aquela noite. Antes, ele sabia que os homens - especialmente certos homens - o faziam vibrar por dentro e inchar lá fora. Ele não apenas formigava agora. Ele se sentia tão louco quanto um potro de primavera.

Ele fechou os olhos e tentou dormir um pouco. O colchão de Garland era mais macio do que ele gostava, e os grilos pareciam diferentes do lado de fora de sua janela. A respiração de Garland ficou em sua garganta. Ele puxou Avery para mais perto.



Apesar do calor de agosto, Avery se deliciava com a respiração quente de Garland na nuca. Ele empurrou seu corpo contra Garland, desejando que ele acordasse e quisesse se mexer. Mas Garland dormiu como um homem morto.

Avery abraçou a mão de Garland ao peito e acariciou-a. —Acho que posso estar me apaixonando por você, Garland Sands. Isso seria o primeiro também.

***



Quinta-feira, 2 de agosto de 1923

Timberland, Texas

Fazenda Sands

Garland alimentou suas galinhas e juntou ovos enquanto Avery se vestia. Avery parecia ser um pouco lento para se mexer pela manhã. Garland lembrou-o de que Lucinda estava chegando. Ele deu a Avery uma camisa de trabalho cáqui idêntica à que Avery usara ontem, mas suas calças eram um pouco longas demais, então Avery usava as antigas.

Avery, vestido com crachá, selou seu roan azul enquanto Garland ordenhava Rosy, sua vaca vermelha. Garland achou que ele parecia uma foto. Ele lutou para manter seus pensamentos onde eles precisavam estar - nos animais e no cadáver. —Você vai chamar o agente funerário para levar a garota embora, ou eu vou?

—Você pode ligar para ele? Eu tenho mais coisas para fazer do que posso agitar.

—Eu vou ligar para ele.— Ele não podia se ajudar. —Diga, enquanto você está sacudindo sua vara ...— Ele sorriu enormemente.

Avery corou e esfregou a mão no rosto. —Você vai ter que esperar por esta noite.

O coração de Garland deu uma cambalhota. Eles não tinham discutido estar um com o outro novamente. Ele tinha assumido que eles iriam, mas ele não pensou que Avery iria querer estar com ele novamente tão cedo. Ele desejou que já fosse noite.



Avery engatou seu cavalo na frente, como se tivesse acabado de subir. Então ele entrou e Garland fez panquecas. Foi o crime perfeito. Enquanto tomavam o café da manhã, o homem do gelo veio. Lucinda estaria lá antes do jornaleiro aparecer.

Enquanto Garland cortava gelo do grande bloco que o homem do gelo acabara de entregar para esfregar as pernas da azeda, a porta se abriu e Lucinda entrou carregando um pacote. Uma garota de tranças, com cerca de dez anos, seguiu atrás dela, fechando a porta. —Garland, esta é minha filha, Ruby. Ela teve que montar seu pônei aqui e levar minha mula para eu poder levar o bebê. —Ela olhou para ele implorando. —Eu não sabia mais o que fazer. Eu sinto muito.

—Vai ficar tudo bem. — garantiu Garland. —Vamos todos sentar.— Ele puxou uma cadeira de cozinha para Lucinda. —Você gosta de panquecas?— Ele perguntou a Ruby.

Ruby assentiu. Garland delegou a Avery. —Avery, você poderia consertar algumas panquecas?

Avery olhou para ele por um momento, depois assentiu. Garland se virou para Lucinda. —O que está acontecendo com seu bebê?

Lucinda sacudiu a cabeça. —Ela não é meu bebê. Ruby e suas amigas a encontraram ontem nos trilhos do trem. —Ela acariciou a cabeça do bebê. —Quem faria isso com um bebê?

—Eu posso vê-la?

—É por isso que eu a trouxe para você. Eu não sabia o que fazer. Ela parece que está ficando mais fraca.

—Eu sou um veterinário.— Garland sentiu uma onda de inadequação.

—Você é sua melhor chance agora. Reverendo Hodges está procurando alguém para levá-la, mas por enquanto, nós somos tudo o que ela tem.



—Vamos limpar um lugar e levá-la até a mesa.— Garland pegou o bebê de Lucinda e segurou-a antes de realizar o exame. Ela era uma coisa pequena com a pele cor de fulvo e cabelos escuros. —Ela é um recém-nascido.— Ele olhou para Lucinda. —Alguém acabou de ter esse bebê e colocá-la nos trilhos do trem.

A raiva em sua voz fez o bebê gemer fracamente. Garland abraçou-a perto do rosto dele. —Eu sinto muito, pequena. Eu sinto muito.

Lucinda deu-lhe um sorriso triste. —Eu não sei o que entra nas pessoas. Talvez alguém não pudesse pagar outra boca para se alimentar.

—Talvez ela seja o produto de um estupro.— disse Avery.

Lucinda cortou os olhos para ele. Garland olhou para Ruby. —Senhoras e crianças estão presentes, homem da lei.

As orelhas de Avery ficaram vermelhas. —Desculpas.

Ruby sorriu, balançando as pernas para trás e para frente na cadeira. —Momma, o que é...

—Agora não. —disse Lucinda com firmeza, empregando um tom especial de "mamãe" que Garland não a ouvira usar antes.

Garland colocou o bebê na mesa. Ele checou o pulso dela, que era mais fraco do que ele gostaria. Ele checou seus reflexos, pegou-a para ouvir sua digestão e não tinha certeza do que mais fazer. —O que você tem alimentado ela?

—Leite cozido.

Ele mergulhou um dedo em um pouco do melaço de Avery e segurou-o nos lábios do bebê. Ela sugou a calda do dedo dele. —Vamos adicionar um pouco de melaço ao leite dela. Dê a ela algumas calorias extras e um pouco de ferro. —Ele balançou a cabeça. —Isso é o que eu faria com um gatinho. Eu nunca tratei um bebê antes.



Lucinda suspirou. —É melhor que nada.

Avery se levantou e colocou o prato longe. —Ruby, onde você achou esse bebê, exatamente?

—Nos trilhos do trem. Eu não sei exatamente. Perto de Blackberry Road e Whitetail Trail. Não muito longe de Crooked Creek. — Ela fez uma pausa e acrescentou.— Senhor.

—Quando você achou?

—Ela.— disse Garland.

—Ela.— Avery limpou a garganta.

—Tarde. Talvez três ou mais?

Lucinda franziu o cenho para Avery. —Por que você está fazendo tantas perguntas? Você não tem um assassino para encontrar?

—Se eu encontrar quem despejou o bebê, vou acusá-los de tentativa de homicídio. Isso é um mal claro.

Lucinda pegou o bebê de Garland e a embalou. —Parece que há mal suficiente para andar por aí esses dias.

Avery assentiu. —Isso, existe.— Ele caminhou até o porta-chapéus e pegou o chapéu.

Garland sentiu uma pontada, vendo-o ir embora. —Tenha cuidado, xerife.

Avery acenou sem olhar para trás e saiu pela porta. O telefone tocou. Lucinda tirou o fone de ouvido, segurando o bebê com uma mão. Embora ela parecesse estar bem, Garland pegou o bebê dela. Ele andou pela sala, arrulhando no rosto do bebê. Ruby olhou para ele com um sorriso largo. Katydid se aproximou das pernas de Garland. Garland se agachou para mostrar o bebê ao gato. Katydid lambeu o cabelo do bebê.



Lucinda desligou o telefone. —Fred Dawson quer que você verifique seu cavalo hoje, quando for castrar seus porcos. O cavalo tem favorecido sua perna desde a noite de ontem.

Garland segurou o bebê contra o peito e esfregou as costas. —Oh, eu esqueci dos porcos. Eu deveria ir até lá e começar a trabalhar. Eu tenho que congelar as pernas da azeda primeiro. —Pobre Lucinda parecia esgotada. Ele imaginou que ela provavelmente ficara acordada a noite toda preocupada com o bebê. —Lucinda, você se importa se eu empregar Ruby como sua assistente hoje?

Um pequeno sorriso estremeceu nos lábios de Lucinda. Ela olhou para a filha. —Você gostaria de trabalhar para o Dr. Garland hoje, Ruby?

Ruby inclinou a cabeça para Garland astutamente. —O que eu ganho?

Garland não pôde deixar de sorrir. —Uma empresária. Eu gosto disso. —Ele pensou por um segundo. —Que tal sua escolha de qualquer franga no meu galinheiro?

Ruby olhou para a mãe. —Isso é um bom negócio.— disse Lucinda. —Eu tomaria isso.

—É um negócio.— Rubi estendeu a mão.

Garland apertou-a e entregou-lhe o bebê. Ruby levou o bebê com muito cuidado, seu rosto jovem de repente uma máscara de seriedade. —Você seria uma ótima enfermeira.— Garland disse a ela.

Lucinda observou-os com tristeza. —Eu simplesmente não consigo superar isso.— disse ela em voz baixa quando Garland se aproximou. —Quão desesperado deve ser alguém para se livrar de um bebê assim?

—Parece que eles poderiam tê-la deixado na porta de alguém ou em uma igreja. Ela tem sorte de não ter sido atropelada por um trem ou tomada por cães selvagens - ou formigas de fogo. —Ele fez uma pausa, refletindo. —O que você está chamando ela?



Lucinda sacudiu a cabeça. —Bebê. Bebezinho. —Ela encolheu os ombros. —Ela não é minha. Não parecia certo dar um nome a ela.

—Eu juro que os animais sobrevivem melhor se você lhes der um nome. Talvez o mesmo seja verdade para bebês. —Ele se virou para assistir Ruby com o bebê. —E quanto a Esperança?

Lucinda assentiu. —Eu gosto disso. Vamos chamá-la de Esperança. Precisamos de mais disso por aqui. As pessoas estão ficando com medo. Tantas pessoas ligaram ontem à noite. As pessoas brancas acham que o assassino está trancado, mas Myrtle disse a todos que vão ouvir que seu marido esteve com ela a noite anterior. Eu acredito nela.

—Eu acredito nela também. A mulher foi morta pelo mesmo homem que matou o médico e sua hora de morte não se encaixa com Delton como o assassino.

—Avery sabe disso?

—Ele faz. Ele vai entrevistar o chefe de Delton esta manhã. Isso deve exonerá-lo, então ele vai deixar Delton ir.

—Então, ele precisa de um homem branco para dizer a ele o que Myrtle e Delton já fizeram.

—Avery não é um homem mau, Lucinda. Eu acho que ele está tentando ser minucioso.

Lucinda suspirou. —Talvez sim, mas agora os brancos por aqui acham que o assassino é um homem negro. Eles não deixarão isso fácil demais.



Capítulo Sete

Cadeia do condado de Wakeforest

Avery abriu a porta da cela. O resto das celas estava vazio, então o chocalhar da porta ecoou em meio ao silêncio e ao concreto. —Você está livre para ir.— disse Avery Delton.

Delton olhou para ele com desconfiança. —Bem desse jeito?

—Bem desse jeito.

—Como você vai proteger minha família?

—O que você quer dizer?

—Você faz todo mundo pensar que eu sou um assassino, então você só me solta.

Avery olhou para Delton. —Porque você não é o assassino.— Ele sentiu que Delton estava sendo difícil, mas ele se perguntou o que Garland diria. Ele se inclinou na porta. —Garantirei que todos saibam que você não fez isso e explicarei o motivo. Vou contratar alguém e encarregá-lo de vigiar sua propriedade. Se alguém tentar alguma coisa, nós os prenderemos.

—Eles têm homens do klan servindo no congresso do Texas agora.



—Eu sei. E aqueles idiotas queimadores de chapas estão aqui. Eu sei. Eu vou prendê-los se eles tentarem alguma de suas besteiras por aqui. —Na verdade, a Klan o assustou. Pessoas escondendo o rosto e trabalhando como uma turba poderiam fazer coisas terríveis. Eles odiavam alguém diferente. Em seu coração, ele era tão diferente dos homens brancos heterossexuais quanto Delton. Mas eles podiam ver como Delton era diferente. Ninguém olhou abaixo de seu distintivo. Ninguém sabia quem ele realmente era, exceto Garland.

Delton olhou para o chão, evitando contato visual. Avery enterrou o punho na mão dele. —Ouça, Delton.— Ele não podia se fazer pedir desculpas. Isso parecia muito com fraqueza. —Fico feliz que os fatos provaram que você não era o assassino. Você é um veterano como eu, e eu posso entender que você está tentando tirar o melhor de uma situação ruim. Você é um homem decente. Se eu puder te ajudar com alguma coisa, me dê um grito. —Ele estendeu a mão.

Delton olhou para ele por um instante, depois apertou a mão dele.

***

Tribunal do condado de Wakeforest

Assim que Avery começou a subir os degraus do tribunal do condado, Eloise Clements, do Wakeforest Daily Gazette, foi atrás dele. —Xerife O'Rourke, é verdade que houve dois assassinatos violentos cometidos em Timberland em tantos dias?

Avery parou, lembrando-se de sua promessa a Delton e decidiu conversar com o repórter. —Houve dois assassinatos. Um nas primeiras horas da manhã de primeiro de agosto, o outro, mais tarde naquele dia. Ambos os



assassinatos parecem estar relacionados. A primeira vítima foi o Dr. Hiram Watkins. Ainda não sabemos a identidade da segunda vítima.

Eloise, uma ruiva bem penteada com um chapéu de palha e um vestido roxo, lambeu os lábios. —Você pode descrever a vítima feminina para nós?

—Claro. Esperamos que alguém relate sua falta. Ela está com vinte e poucos anos, talvez um e sessenta de altura com longos cabelos castanhos claros e olhos azuis. —Ele esperou enquanto ela rabiscava em seu bloco. —Ela foi encontrada em Crooked Creek pelo Henry Ranch. Nós acreditamos que ela foi levada as escoondidas. Se alguém tiver alguma informação sobre essa jovem, entre em contato com o escritório do xerife imediatamente.

Ele tirou o chapéu e começou a subir os degraus, mas Eloise o seguiu. —Só mais algumas perguntas, xerife!

Ele se virou para ela com um suspiro. —Sim?

—Você tinha um suspeito sob custódia ...

—Sim. Ele é inocente. Eu o libertei esta manhã.

—Tem certeza de que ele é inocente?

—Desde que o Dr. Watkins faleceu, fui ajudado pelo Dr. Garland Sands... com os corpos. Suas descobertas mostraram que os assassinatos estavam relacionados e que a hora da morte da mulher teria tornado impossível para o suspeito tê-la matado.

Eloise franziu o cenho para suas anotações. —Dr. Garland Sands ... — Seu nariz amassou. —Você quer dizer o veterinário?

—Sim. —Avery eriçou-se. —Ele sabe sobre corpos e rigor mortis e todo esse tipo de coisa. O mesmo que qualquer medico.

—Você liberou um suspeito de assassinato no conselho de um veterinário?



—Ele está trabalhando como meu médico legista e está fazendo um ótimo trabalho!

Eloise não escreveu isso. —Xerife, com todo o respeito, duas pessoas foram violentamente assassinadas nesta pequena cidade. As pessoas estão com medo. Eles estão aterrorizados. E você está confiando no julgamento de um homem que dá remédio a vacas.

—Agora, escute aqui. Garland foi para a faculdade. Ele até frequentou uma escola francesa sofisticada. Ele conhece medicina e entende ciência. As pessoas não são muito diferentes dos animais.

O queixo de Eloise caiu.

—Biologicamente falando. Agora, se você não se importa, eu tenho trabalho a fazer. —Ele inclinou o chapéu e a deixou comendo poeira.

***

Fazenda Sands

Garland entrou carregando um grande saco de aniagem. Ruby o cumprimentou alegremente. —O que está no saco?—Perguntou ela.

—Uma surpresa.

—Para mim?

Lucinda se levantou. Agora, Ruby Anne ...

—Ela está bem. Onde está a Esperança?



—O reverendo veio e pegou-a.— disse Lucinda. —Ele encontrou um lar para ela. Ela estava agindo muito mais forte quando ela saiu. Acho que esse toque de melaço resolveu o problema.

—Eu certamente espero que sim. Eu não sou pediatra.

—Você foi ótimo!— Lucinda usou uma grande voz que surpreendeu Garland. —Bata em você mesmo nas costas.

—O que está na bolsa?— Perguntou Ruby, sem se deter.

Garland sentou no chão de pernas cruzadas com a bolsa. Ele abriu cuidadosamente enquanto Ruby assistia. —Gatinhos!— Exclamou ela assim que as três bolinhas de pêlo saíram da sacola.

—Oh, meu!— Lucinda se inclinou para olhar. —Um laranja, um preto e um manchado.

—Eles iam se afogar. Então eu peguei eles! —Ele pegou o preto e beijou seu pequeno nariz. Katydid se aproximou e olhou para os gatinhos. Ela esfregou o joelho de Garland.

—Posso ter um?— Perguntou Ruby a Garland.

—Pergunte a sua mãe.

—Posso pegar um? Por favor? —Ruby torceu o corpo para trás e para a frente com entusiasmo.

Lucinda levantou uma sobrancelha para Garland, depois olhou para o rosto da filha. —Você pode ter um gatinho ou uma franga.

—Ambos.

—Um.

—Gatinho!

Garland riu. —Eu teria levado o gatinho também. Nada é melhor que um gato.



—Vamos ver.— Mas Lucinda se agachou para acariciar os gatinhos.

—Eu quero o laranja.— disse Ruby.

—Aquele é um garotinho.— Garland disse a ela. —E eu acho que ele vai ser um grande gato algum dia.

—Vou chamá-lo de Moisés.

—Ruby Anne!

—Moisés é um ótimo nome!

Lucinda assobiou para ele. —Garland se-eu-sabia-seu-nome-do-meio-eu-usaria-o Sands!

Garland não conseguiu se conter e riu como uma criança. —Lafayette. Agora você pode me amaldiçoar corretamente.

Ruby se intrometeu, seu rosto sério. —Mas mamãe, nós o salvamos da água.

Lucinda sacudiu a cabeça. —Eu nunca ouvi falar de um gato com um nome cristão.

—O caramelo também é um bom nome.— Garland disse a Ruby.

Ruby deixou cair uma orelha sobre a cabeça do gatinho. —Ele diz que seu nome é Moisés.

Lucinda suspirou. —Bem, eu acho que se ele souber o nome dele... O que podemos fazer, além de chamá-lo por isso? —Ruby aplaudiu. Lucinda pegou a gatinha cinza e branca e olhou em seus olhos. —Eu só me pergunto como será o rosto do reverendo quando ele vier jantar e nos ouvir falando com Moisés. 'Moisés, saia da torta! Moisés, vá pegar alguns ratos!'

—Você tem sorte de eu não ter voltado para casa com um saco de leitões.



Lucinda colocou a gatinha no chão ao lado de Garland e se levantou com as mãos nos quadris. Ele colocou o gatinho preto para baixo com sua irmã. Eles imediatamente começaram a lutar. Garland observou os gatinhos brincando e se perguntou como tudo dentro de sua casa poderia ser tão feliz e leve quando o mal se esgueirava para fora. Um calafrio subiu por sua espinha. Ele olhou para Lucinda, de pé em sua cozinha, tão orgulhosa e segura.

—Estou levando você e Ruby para casa hoje à noite.

—Você não precisa...

—Não estou tomando 'não' como resposta. Eu quero ter certeza de que você chegará em casa em segurança. —Ele queria dizer a ela que havia um monstro solto, mas ele não se atreveu com Ruby lá.

Lucinda assentiu. —Estes são dias sombrios, não são?

Garland acariciou a parte traseira do gatinho preto. —Eles são.— Ele sabia, muito bem, como o mundo poderia mudar em um instante. Um minuto eles estavam brincando com gatinhos; no seguinte, suas línguas foram cortadas.

—Garland?

Ele olhou para cima e encontrou Lucinda olhando para ele. —Sim?

Ela sorriu gentilmente. —Você escapou por um minuto.— Ela se ajoelhou no chão ao lado dele e disse baixinho. —Você está bem?

Ele respirou fundo e apertou um sorriso no rosto. —Eu sou.— Ele se forçou a dizer isso. —Eu tenho uma casa cheia de gatinhos e amigos. Eu não poderia estar melhor.

***



Escritório do xerife do condado de Wakeforest

Quando Avery finalmente chegou ao seu escritório, encontrou notas em todo o seu andar. Avery pegou todas as anotações e as jogou na mesa. Ele começou a passar por eles. A maioria era de pessoas querendo que ele checasse sua propriedade. Eloise estava certa. As pessoas estavam com medo. Ele não tinha certeza se Clyde Henry ou sua esposa eram responsáveis, mas alguém tinha fofocado sobre a terrível descoberta em Crooked Creek. As pessoas sabiam muito sobre o que estava acontecendo.

Uma nota foi um pedido para sentar no júri para condenar Delton Johnson. O autor da nota, um Archibald Grimes, obviamente não tinha conhecimento de como seu sistema de justiça realmente funcionava. Ele esfregou a barba curta. Ele não tinha utilidade para pessoas ignorantes. Se ele pegasse esse sujeito em algum lugar, ele o colocaria em linha reta.

Ele abriu a última nota com os olhos cansados. Mas lendo, colocou os cabelos na nuca de pé. —Eu não sei se isso é importante, mas Hiram gostava de jogar. Ele havia adquirido alguma dívida. Ele disse que eles o ameaçaram.

Avery bateu em seu chapéu e saiu pela porta mais rápido que um cão de caça.

***



Fazenda Stubb

Garland massageava o bálsamo para a bolsa no úbere[11] quente da vaca holandesa. Às vezes uma vaca se levantava e o prendia com o casco fendido. Esta, felizmente, era uma vaca bem-educada que parecia apreciar a atenção. Ele inclinou a cabeça contra o lado da vaca e esfregou-a com a bochecha. — Daisy é uma boa menina. Você não é uma boa menina, Daisy? Boa velhinha.

—Ela não é nada bom em tudo.

Garland virou-se e encontrou o dono, Melford Stubbs, olhando furioso para ele. —Ela não está me chutando na cabeça. Eu diria que ela é uma vaca muito boa.

—Ela sempre tem mastite[12]. Eu deveria alimentá-la aos corvos.

—Você está ordenhando ela com as mãos sujas? Você está mantendo o úbere limpo? —Garland levantou-se e virou-se para o fazendeiro petulante com toda a sua altura. —A mastite é dolorosa. Ela não está fazendo isso para te irritar.

Melford, um homem baixo e raquítico com barriga de pote e pernas de pássaro, olhou para ele. —Eu lavo todos os sábados.

—Lave as mãos antes de ordenhar essas vacas.— Ele deixou sua experiência militar penetrar em sua voz. Ele havia emitido um comando e esperava que fosse seguido.

[11] Mama aninal.

[12] Uma das principais doenças que acomete os bovinos leiteiros é a mastite, que é a inflamação da glândula mamária.



Melford encolheu-se um pouco, depois cambaleou para longe, resmungando, seguido obedientemente por uma mulher magra e raiada. Não pela primeira vez, Garland ficou imaginando como os animais poderiam amar as pessoas menos amáveis. Ele coçou as espigas ósseas da vaca e atrás das orelhas. Seus pensamentos, como tantas vezes naquele dia, se voltaram para Avery. Ele ansiava por vê-lo novamente. Ele não conseguia parar de pensar em seu sabor limpo e almiscarado - os pequenos sons que ele fazia - aqueles olhos azuis. Ele queria sentir o formigamento daquela barba no pescoço dele.

Ele soltou um suspiro. —Daisy.— ele sussurrou. —Eu estou feito para isso.— Ele esperava, com toda a mesma energia dourada que ele chamou de dentro de si mesmo quando ele tratou os animais, que Avery iria querer passar a noite novamente. Ele sabia que eles não poderiam estar juntos todas as noites, mas ele esperava além da esperança que Avery iria querer vê-lo esta noite.

***

Casa de Rufus Larson

Avery seguiu Rufus Larson, proprietário do moinho de madeira, para a sala de estar. Rufus, um homem largo e pastoso com um amontoado de cabelos prateados, fez sinal para que ele fosse para uma poltrona violeta. Pegou uma lata de fósforos no bolso do peito, acendeu um charuto e sentou-se na cadeira ao lado de Avery.

—Em sua mensagem.— disse Avery. —Você disse que o Dr. Watkins tinha algumas dívidas de jogo. O que você pode me dizer sobre essas dívidas?

—Nós éramos amigos. Tinha sido desde que ele se casou com minha sobrinha. Ele sempre jogou alguns. Tornou-se pior recentemente. Ele teve que pedir dinheiro emprestado de mim. Disse que ele passou por cima de sua cabeça com um colega.

—Você não sabe o nome do homem?

—Obadiah Clark. Você deveria conhecê-lo.

Avery certamente fez. Clark havia administrado uma gim antes da Lei Seca. Ele correu bootleggers[13] agora. O homem sempre tinha suas luvas em algo sujo. —O que ele estava fazendo com um homem como Obadiah?

—Jogar e beber, muito provavelmente.— Rufus estufou o charuto. —Verdade seja dita, xerife, Hiram sempre teve um cabelo selvagem. Sangue irlandês, você sabe.

Avery, que era irlandês dos dois lados, só pôde encarar Rufus por um momento. Finalmente, ele piscou. —Metade do condado é irlandês. Eles não são todos os jogadores.

Rufus encolheu os ombros, fumando. —Um terço do condado é negro. Eles não são todos os leigos e ladrões, mas alguns são. Está no sangue.

Avery tossiu. —Uh ... quanto dinheiro o Dr. Watkins pediu emprestado de você?

—Seis vezes em empréstimos. Ele pediu dois mil.

—Dois mil dólares! Isso é suficiente para um carro!

—É uma boa soma, isso é certo.

Avery respirou fundo. Ele sentiu como se estivesse finalmente chegando a algum lugar. Ele poderia começar a ver o quebra-cabeça agora,

[13] Vários grupos decidiram produzir sua própria bebida clandestinamente em destilarias improvisadas no meio das florestas para escapar da polícia que punia severamente aqueles que desafiassem a lei seca. Esses grupos era chamados de “Bootleggers“ (contrabandistas).

como as peças se encaixam. —Qual foi o seu estado de espírito quando ele pediu-lhe o dinheiro?

—Eu não sou leitor de mentes.— Rufus riu fumaça.

—Não. Tenho certeza que é verdade. Como ele soou quando você falou com ele? Nervoso, alegre, zangado?

—Eu diria nervoso. Ele parecia muito nervoso.

—E quando foi essa conversa exatamente?

—Eu não me lembro quando exatamente. Foi cerca de uma semana atrás. —Ele apertou os olhos sobre o ombro de Avery. —Sexta-feira, talvez. Última sexta-feira.

Avery agradeceu a Rufus e saiu sem apertar as mãos. Não queria pegar o irlandês dele, afinal de contas. Ele sabia com quem precisava conversar agora. Obadiah Clark. Ele só tinha que encontrá-lo.



Capítulo Oito

Cross Fox Way

O Sands 'Farm não estava no caminho de Avery para casa. Estava fora do caminho, na verdade. Mas o sol estava morrendo nas colinas, manchando o céu com sangue e fogo. Era tarde demais para procurar por Obadiah Clark hoje. E ele queria discutir sua nova liderança com Garland. É verdade que agora ele tinha um assistente, Burrell Dawson, que estava vigiando a casa dos Johnson esta noite, mas ele não queria falar com Burrell. Ele queria falar com Garland.

Ele queria fazer mais do que falar. Ele não se deixou pensar muito em Garland o dia todo, mas agora, montando no pôr do sol, Garland era tudo o que ele conseguia pensar. Ele não estava simplesmente animado para contar a Garland sobre as dívidas de jogo de Doc Watkins, ele queria ver o rosto de Garland, passar os dedos pelos cabelos sedosos de milho, beijar seus lábios macios e sentir seu corpo forte contra o seu.

Tudo o que ele queria agora estava errado. Ele passou toda a sua vida acreditando nisso. Ele havia orado para que Deus tirasse seus pensamentos impuros e sentira grande vergonha toda vez que estivera com outro homem. Ele não era o homem mais piedoso, mas ele era um crente. Ele sabia que isso estava errado.



Mas Garland também era crente. E ele disse que Jesus os amava como eles eram. Garland não era pastor. Avery não acreditou nele. Mas ele queria.

Ele pensou nos quadris de Garland batendo nele. Como seu pênis tinha ido tão fundo, bateu em seu núcleo. Eles se tornaram como um único animal. Algo brilhante e glorioso.

Ele não se sentia assim desde que ele era um menino cantando hinos na igreja. O que o preenchera com aquela luz, aquela que lhe dava aos braços arrepiados, era Come Ye Sinners[14], Pobre e Necessitado.

Eu me levantarei e irei a Jesus

Ele vai me abraçar em seus braços

Nos braços do meu querido Salvador

Oh, existem dez mil encantos.

As letras soaram através dele e misturadas com pensamentos de Garland. Garland tinha um jeito dele que lembrava Avery de Jesus. Não, Garland não era pastor, mas Jesus mostrou aqueles olhos prateados e aquele sorriso radiante. E quando eles estavam juntos, Avery sentiu-se misteriosamente mais perto Dele. Talvez Garland estivesse certo, afinal. Avery não tinha certeza. Tudo o que ele sabia com certeza era que ele desejava o toque de Garland.

Ele jogou o Bluebird em um galope.

***

[14] Uma canção gospel.



Fazenda Sands

Eles se beijaram na escuridão pela luz da lanterna na varanda dos fundos. Avery gostava de beijar Garland quase tanto quanto ele gostava de tudo o que eles faziam. Garland, limpo e lindao esfregou a cabeça de Avery entre beijos. Ele lavou Avery como se ele fosse um príncipe, mesmo mergulhando uma toalhinha entre os dedos dos pés. A primeira vez, toda essa confusão em ficar limpo parecia idiota para Avery. Agora, parecia um ritual majestoso.

—Estamos tirando o dia de folga de nós.— disse Garland, como se lesse sua mente. —Estamos nos preparando para consumir um ao outro.

Avery riu. —Eu vou comê-lo vivo.

—Bem. Mas eu estou te comendo primeiro.

Quando Avery saiu da tina e começou a se enxugar, Garland o agarrou e beijou sua garganta. Cócegas. Avery se contorceu sob os beijos de Garland e esfregou as costas. Ele não sabia o que fazer. Ele estava ainda menos certo quando Garland o empurrou contra a porta dos fundos, mordiscou seu peito e começou a chupar seus mamilos. A sensação foi delicada e estranha. Ele enviou ondas de prazer através de seu estômago e fez seu pênis se sentir cheio. —O que você está fazendo? —Ele conseguiu, tentando conter um gemido.

—Tentando ver se você tem mamilos sensíveis.— Garland rolou o mamilo ao redor com a língua. Avery não conseguiu se conter e choramingou. Garland riu. —E você faz!— Sua respiração soprou contra o mamilo desperto de Avery. Avery achou que ele poderia ficar louco.



—Eu não sabia que eles poderiam fazer isso.— disse Avery. Seu pênis estava tão grosso e pesado; ele não sabia o quanto mais dessa provocação ele poderia suportar.

Garland chupou seu mamilo com força. Avery ofegou. Ele podia sentir a coisa inchando e alongando. Sua cabeça nadou. Ele mal havia recuperado o fôlego quando Garland entrou em seu outro mamilo. Ao mesmo tempo, uma das mãos de Garland acariciou sua bunda. O outro puxou seu eixo. Êxtase invadiu o corpo de Avery. Ele ofegou de excitação e necessidade.

—Temos sorte.— disse Garland, com a voz rouca de desejo. —Alguns homens parecem não ter nenhum sentimento lá.— Ele pegou uma das mãos de Avery e colocou-a em seu próprio peito nu e musculoso. Ele apontou para um dos seus próprios mamilos. —Os meus também são sensíveis.— ele sussurrou.

Tentativamente, Avery acariciou o mamilo de Garland.

—Não seja tímido.— disse Garland. —Puxe isto. Pense neles como pequenas picadas.

Quando Avery puxou o mamilo de Garland, a respiração de Garland assobiou contra o mamilo escorregadio de Avery. Satisfeito com a reação, ele usou as duas mãos e enrolou cada mamilo de Garland entre os dedos polegares e indicadores. Garland gemeu baixinho e chupou o mamilo de Avery profundamente.

Eles trocaram de merda e puxão até que Avery não aguentava mais. Ele puxou a cabeça de Garland para cima. —Eu preciso de você.— ele murmurou no pescoço de Garland. —Eu preciso de você dentro de mim.

Garland deixou-o momentaneamente e voltou com um pote de vaselina. Ele sugou o ouvido de Avery quando ele abriu o frasco e pegou um pedaço de gel sem cor. Com um sorriso perverso, ele atacou um dos mamilos inchados de Avery, com sua boca forte enquanto lubrificava seu buraco. Avery



sentiu como se seus ossos estivessem se dissolvendo. Ele estava em pé com as pernas trêmulas, segurando Garland com um aperto frenético enquanto os dedos invadiam seu buraco e seu mamilo dolorido se esticava na boca de Garland.

É assim que começou.

Mosquitos os perseguiram lá dentro. Eles acabaram no chão da sala com Avery em suas mãos e joelhos no grande tapete de pano trançado. Ele cerrou os punhos e cerrou os dentes. Não importava que Garland o tivesse esticado; aquele pau era grande - especialmente quando estava se enterrando dentro dele. Ele podia sentir os dedos quentes de Garland roçando a bochecha de sua bunda. Seu toque era tão gentil.

O pênis arrancou parcialmente, então mergulhou de volta como um pêndulo balançando. Avery podia sentir a coisa em suas entranhas. Ele se retirou, então bateu profundamente dentro dele. Avery sentiu a cabeça sacudida. Seu corpo gritou de prazer e dor. Quando Garland recuou novamente, Avery se afastou para encontrá-lo, para mantê-lo, para sugá-lo de volta.

Garland bateu rápido e profundamente em um ritmo constante de construção. Avery se moveu com ele, não mais selvagem por seu pênis, mas cavalgando. Eles se mudaram juntos, um homem, uma fera. Um. Um em tudo!

Avery entrou em uma enxurrada de porra. Ele não tinha certeza se ele gemeu, mas ele pensou que sim. Ele podia sentir o esperma de Garland se arremessando contra suas paredes. A sensação foi tão maravilhosa - como gotas de chuva caindo em sua cabeça em maio.

Ele queria se virar e recolher Garland em seus braços, mas Garland ficou dentro. Ele deixou Garland ficar flácida e deslizar para fora. Garland estava no chão ao lado dele antes que ele pudesse se virar.



—Bom Deus todo-poderoso, você é um anjo.— Garland ofegou, passando os dedos pelos cabelos de Avery.

Avery deu uma risadinha. Ele não sabia o que dizer, então ele beijou o rosto bobo de Garland. —Eu senti sua falta.— disse ele finalmente.

—Eu pensei em você o dia todo.— Os olhos de Garland ficaram vítreos. —Eu... — ele engoliu em seco. —Você deve me achar tão fraco às vezes.— Ele piscou os olhos rapidamente. —Desculpa.

Tudo ficou mais lento. Avery sentiu como uma mosca presa no melaço. Ele passou as pontas dos dedos pelos belos olhos de Garland. —Eu não acho isso em tudo. Você é forte, Garland. Isso é o que eu acho. Você é um sobrevivente. — *E acho que estou apaixonada por você*. Ele pensou as palavras. Eles se esgueiraram da garganta e empoleiraram-se na ponta da língua.

Mas sua língua queria apenas dançar com Garland. Eles se beijaram novamente em longos e pensativos traços de carne. Avery passou os dedos pelo cabelo sedoso de Garland. O estômago de Garland roncou.

Avery riu. —Vamos fazer um jantar!

Eles compartilhavam um cigarro enquanto fritavam quiabo e tomates. Eles comeram sua recompensa com um pouco de queijo cottage da geladeira e os grãos de lima que Garland cozinhara naquele dia. Quando terminaram o banquete, sentaram-se ao redor da mesa da cozinha e fumaram.

Avery contou a Garland sobre sua visita a Rufus Larson. —Então, amanhã, vou encontrar Obadiah Clark e chegar ao fundo de tudo isso.

Garland parecia ter encontrado um percevejo em sua espiga de milho. —E a garota? Por que matá-la? O que ela tem a ver com as dívidas de jogo do médico?



Avery sentiu que Garland estava arruinando isso para ele. —Bem, eu não sei. Talvez ela estivesse vendo Obadiah. Talvez ele tenha gostado de matar pessoas.

Garland encolheu os ombros. —Talvez sim.

—Você faz o negócio da medicina. Deixe-me cuidar do negócio da policia.

Um sorriso se espalhou pelo rosto de Garland, substituindo a expressão preocupada. —Agora, eu gostaria de fazer você entrar no negócio de cama.

—Eu vou ficar a noite hoje à noite, mas eu tenho que dormir na minha casa amanhã à noite.— Avery sentou-se ligeiramente, em quadratura com os ombros.

Garland estendeu a mão e cobriu a mão com uma das suas grandes luvas. —Eu adoraria ver o seu lugar.

—Você pode ver isso durante o dia. Não podemos fazer isso o tempo todo, Garland. As pessoas vão notar. As pessoas vão falar.

—Ninguém nos notou ontem à noite.

—Não, mas se continuarmos fazendo isso, vai acontecer.

Garland sentou-se, fazendo beicinho. Ele ficou em silêncio por um tempo. Ele esfregou um dedo no copo de leite coalhado. —Confrontar Obadiah pode ser perigoso. Deixe-me ir com você amanhã.

—Não. Como no inferno não. —Ele olhou para o rosto briguento de Garland. —Você tem que ver a sua prática. E se o cavalo de alguém ficar com cólica? Não. É muito perigoso. Você está ficando bem aqui e fazendo o que você faz - cura e tudo mais.

—O fato de ser perigoso é exatamente por que você pode precisar de mim.



—Eu substituí Burrell Dawson apenas esta tarde. Se eu precisar de apoio, vou levá-lo comigo.

—Esse é o filho mais velho de Dawson?

—Segundo mais velho.

—Aquele que não foi para a guerra por conta de seus pés chatos?

—Sim, esse é o único.— Avery tossiu em sua mão.

—Esse menino tem o mesmo senso do que um frango com a cabeça cortada.

—Ele queria isso. Ele está por aí perguntando sobre ser um vice antes.

Garland respirou fundo. —Sim, tenho certeza que ele gosta do distintivo. É brilhante. E o poder. Eu o vi fingindo ser um soldado com os meninos mais novos. Ele perdeu a guerra e não entende nada sobre a guerra. Ele é uma mistura perigosa de castor ansioso e toco mudo.

—Ele queria isso.

—Eu também. E por melhores razões.

—Droga, Garland. Não seja uma cabeça tão dura. Você tem shellshock. —No segundo em que ele deixou a boca, ele se arrependeu de ter dito isso. Mas era tarde demais para voltar atrás.

Garland parecia ter sido esfaqueada no estômago. Ele apenas ficou lá por um minuto, encarando Avery com uma surpresa ferida. —Então ... você acha que isso me faz um covarde?

—Não...

—Eu tenho uma medalha de honra. Eles não entregam isso para os covardes.

—Garland...

—O que você acha? Que eu não posso atirar? Que eu vou congelar?



—Pode ser um lugar apertado, isso é...

—Eu me viro sozinho. Eu tenho um bom tiro com uma arma ou um rifle.

—Eu...

—Pelo amor de Deus, Avery, eu estou mais qualificado para ir com você do que aquele garoto Dawson.

Avery perdeu a paciência. —Eu não posso levar nada acontecendo com você! Você vai atrapalhar. Eu não posso fazer o meu trabalho se estou preocupado com você. —Ele respirou fundo. —Você é tudo que eu tenho.

Garland se levantou, empurrando a cadeira para trás e jogou os braços ao redor de Avery. Avery se levantou e o abraçou de volta. Garland fungou contra o cabelo dele. —Isso é doce.— ele engasgou. —Você é um amor, não é?

—Eu não sei. Mas você é um filho da puta com cabeça de touro. —Ele deu um aperto duro em Garland. —Por favor, deixe-me cuidar da polícia e você cuida da coisa do doutor. — *Preciso de você aqui. Eu preciso ter algo para vir para casa*.

Garland suspirou. —Contanto que você volte. Em um pedaço.

***

Sexta-feira, 3 de agosto de 1923

Fazenda Sands

Garland sentou-se à mesa da cozinha para ler o jornal da manhã. Avery sentou ao lado dele, tomando café. Lucinda se sentou em frente a ele,



tomando seu copo e observando o telefone na parede da cozinha atrás da cabeça de Avery.

A primeira página fez a cabeça de Garland girar. —O presidente morreu ontem à noite.

—Pobre Presidente Harding.— disse Lucinda.

—Então Coolidge é presidente agora.— Avery tamborilou na mesa. —Eu não sei sobre esse homem.

—Tem mais. A metade inferior inteira da página. —Garland não sentia como se pudesse transmitir com precisão. Ele mostrou o papel para Avery. Lucinda se levantou para espiar por cima do ombro de Avery.

—O Estripador Timberland?— Avery balançou a cabeça em desânimo. —Eles são tocados?

Lucinda franziu a testa. Em uma voz cheia de raiva, ela leu. —O xerife O'Rourke confiou a segurança dos cidadãos de Timberland ao veterinário da cidade, Garland Sands, sob cuja autoridade o principal suspeito, Delton Johnson, um negro, foi libertado. Dr. Sands, que emprega uma negra como secretária, parece estar dando as ordens na investigação em andamento sobre os dois terríveis assassinatos. Dr. Sands, devemos lembrar nossos leitores, não é um funcionário eleito. Os leitores devem lembrar que o xerife O'Rourke é. —Lucinda fungou. —Negra.

—Aquela maldita repórter!— Avery agarrou o papel. —Tudo isso vai fazer é irritar as pessoas!

Os olhos cinzentos de Garland não pareciam mais sombrios. —Talvez eu deva dar uma entrevista a ela. Deixe-a ver que eu sei do que estou falando.

—Você não fará absolutamente nada disso! Tudo o que a harpia vai fazer é torcer suas palavras e fazer você parecer um tolo. Não é o suficiente que tenhamos alguns monstros por aí matando pessoas - ela tem que assustar as pessoas e pensar que ninguém está cuidando delas adequadamente.



—Ele está certo, Garland.— disse Lucinda, esfregando os braços. —Esta repórter soa como uma cobra na grama.

Avery jogou o papel de lado. —Como se não fosse ruim o suficiente. Eu tenho alguém lá fora matando pessoas. Eu tenho um homem que tem medo do Klan depois dele. E eu tenho um repórter idiota mandando a Klan atrás dele. —Ele olhou para Lucinda e Garland. —E depois de vocês dois.

—Nós vamos ficar bem.— disse Garland, mas ele se acalmou enquanto olhava para Lucinda. —Talvez eu deva acompanhá-la tanto quanto por um tempo.

—Isso não será necessário. Ferris achou que foi gentil que você me acompanhou ontem à noite, então ele me acompanhou esta manhã. —Ela sorriu. —Eu me sinto como uma dama de verdade.

Garland queria ter certeza. —Ferris não se importa de ver você aqui no período da manhã?

—Não, não está muito fora do seu caminho.

Um pensamento horrível ocorreu a ele. —Avery, e Ruby? Ela deveria estar aqui com a mãe? É seguro para as crianças brincarem por aqui mais?

—Ela e o irmão dela estão juntos. Eu estava preocupada com o assassino. —Ela cruzou os braços. —Eu pensei que estava sendo uma louca preocupada.

Com um suspiro cansado, Avery pegou o papel de novo. Ele leu em voz alta. — Por enquanto, todo o condado de Wake Forest fica sob o terror frio, esperando que o Estripador Timberland volte a atacar. —Ele colocou o papel no chão. —Se as pessoas já não estivessem com medo, elas com certeza serão agora.

***



Garland estava sentado no chão, observando os gatinhos comerem e mantendo Katydid longe de sua comida. Avery tinha saído para verificar seu escritório, e Lucinda folheou uma das pilhas de revistas de Garland enquanto esperava o telefone tocar.

Lucinda sorriu para os gatinhos famintos. —Ruby teve que levar Moisés com ela para Eunice. 'Mas mamãe, ele vai ficar sozinho!'

—Aww. Ela é uma menina doce. Ela está certa também. Ele teria ficado sozinho na casa sozinho.

Ela balançou a cabeça. —Eu não sei como eu deixo você me convencer a deixá-lo ficar em casa.

—Só enquanto ele é pequeno. Quando ele é grande, ele pode entrar e sair como Katydid.

—A senhorita Katydid está dentro mais do que ela está fora.

Garland riu. — Gatos gostam de conforto.

Lucinda revirou os olhos de brincadeira. O telefone tocou. Ela se levantou e atendeu, levantando o fone do gancho e colocando a boca perto do grande bocal circular. —Garland Sands 'Veterinary, como posso ajudá-lo?— Ela ouviu, segurando o fone no ouvido. Garland podia ouvir uma voz do outro lado, mas ele não conseguia entender o que dizia.

—Você não tem razão para falar comigo assim.— ela disse ao bocal.

O estresse em sua voz, tanto quanto suas palavras, puxaram Garland do chão. Ele caminhou até ela. Ela balançou a cabeça para ele, enxotando-o. Seus olhos brotaram. Garland pegou o telefone dela. —Este é Garland Sands. O que quer que você tenha a dizer, pode me dizer.

Mas quem quer que tenha sido desligou.



Garland lascou um pouco de gelo do bloco de gelo na caixa de gelo e colocou em um copo. Ele derramou chá sobre o gelo e entregou a Lucinda. —Você não precisa me dizer o que eles disseram, mas eu gostaria de saber.

—Ele disse que você era um traidor da raça. Um traidor da raça imunda. E que você não se encaixaria para dar um médico aos animais. Ele disse que eu era uma arrogância, ele não disse Negra apenas.

Garland caiu na cadeira ao lado dela. —Eu sinto muito por ele ter te chateado.

Lucinda fungou, enxugando um olho. —Eu não estou chateada. Eu choro quando estou com raiva. Seu pessoal trouxe o meu aqui em cadeias, e alguns deles não pensam que são superiores por causa disso.

—Eles se agarram a um passado feio como se fosse glorioso.

O telefone tocou. Lucinda suspirou. —Espero que as galinhas de alguém tenham piolho.

—Eu vou entender.— Garland ficou de pé, mas ela o bateu ao telefone.

—Veterinário de Garland Sands. Como posso ajudá-lo? —Suas costas endureceram. —Você precisa falar com o xerife sobre isso.

—Eles estão sendo feios?— Garland sussurrou. —Desligue. Apenas desligue.

Lucinda devolveu o receptor ao interruptor de gancho. —Mais do mesmo. Este acusou-o de deixar o assassino ir embora.

—Você gosta de tortas? Eu tenho um pouco de geléia de morango. Não atenda mais ao telefone. Vamos fazer tortas.

—Garland, com o mais profundo respeito, eu sei que você quer dizer bem. Mas pare. Este é o meu trabalho. Deixe-me fazer meu trabalho e mantenha seu nariz fora disso.



Garland não sabia o que fazer. —Mas ainda devemos fazer tortas. As tortas são boas.

Lucinda revirou os olhos e riu. —Você faz tortas. Eu vou atender o telefone. —Ela limpou a garganta. —Além disso, não podemos ignorar o telefone. E se for uma emergência? Você nunca se perdoará.

—E se o telefone tocar fora do gancho o dia todo e não é nada além de veneno?

—Eu sei me segurar. Preocupe-se com seus gatinhos e suas tortas.

—Ouch.

—Você sabe o que quero dizer.— Ela sorriu para ele com tal graça que o moveu. —Sente-se e tome chá comigo por um tempo. Por favor?

Ele se serviu de uma xícara de chá morno da chaleira e sentou-se ao lado dela. O telefone tocou. Ela cobriu o pulso dele com uma mão. —Fique aí.— ela disse a ele. —Eu ainda sou sua secretária, não sou?

Ele assentiu e a observou atender o telefone. Ele tinha a sensação de que seria um longo dia.



Capítulo Nove

Amberton, Texas

Avery precisava encontrar Obadiah Clark. O homem sempre teve uma tendência nefasta. Ele era alguns anos mais velho que Avery, e Avery nunca gostou dele. Ele sempre foi um tipo barulhento, sempre em apuros. E ele teve um mau pressentimento. Ele gostava de torturar gatos, e ele era rude com garotas.

Em junho, uma prostituta relatou que ele havia espancado e estuprado. Avery queria ajudá-la, mas o promotor disse que uma prostituta não poderia ser estuprada. E prostituição era ilegal. Avery disse a ela que o bom Deus estava lhe dando um sinal para deixar esse modo de vida para trás, mas isso era tudo o que ele podia fazer. Outro xerife poderia tê-la deixado ficar atrás das grades por um tempo, mas Avery tinha um coração mole às vezes. Muitas vezes o envergonhava, mas agora achava que Garland provavelmente apreciava aquilo.

Como o dia estava seco, ele dirigiu o Modelo T para Amberton para interrogar Pearl Butler, a prostituta que afirmava ter sido estuprada por Obadiah Clark. Ele não a questionou sobre a localização do consultório onde estivera trabalhando. Ele tinha acabado de deixar ir. Ela tinha estado em forma tão áspera... Ele pretendia acompanhá-la mais tarde e obter a localização dela para poder fechar a casa da impropriedade, mas ele se ocupara com outras coisas. Os cúmulos surgiram como cogumelos depois de

uma chuva. Ele poderia gastar todo o seu tempo fechando as coisas se quisesse.

Ele só esperava que Pearl tivesse ido para onde ele a mandou.

O Modelo T saltou sobre a estrada de terra vermelha. Ele entrou na garagem de uma casa velha, pequena e pobre perto da rua coberta de papel de tijolos. Ele andou até a porta e bateu nela. Essie Lou Hancock, dona da casa, cumprimentou-o com um sorriso e deixou-o entrar.

Essie Lou, uma morena alta, foi prostituta uma vez, quando ela era jovem. Agora, a mulher de meia-idade levou mulheres jovens tentando escapar de uma vida em suas costas. —Ela está aqui.— Essie Lou disse alegremente quando Avery perguntou por Pearl. Ela o levou para fora, onde várias mulheres cuidavam de um grande jardim. —Pearl!— Ela chorou. —Olha, Pearl! Você tem um visitante!

Pearl, uma loira de aparência frágil em um vestido de casa azul-claro, deu-lhe um sorriso triste e deixou os tomates para caminhar até ele. —Olá, xerife.— disse ela em voz baixa. Uma longa cicatriz na bochecha de um lado do rosto; um artefato de seu tempo com Obadiah Clark.

—Você vai nos desculpar, Essie Lou?— Avery perguntou à mulher mais velha.

—Claro.— Para Pearl, ela disse. —Eu estarei bem aqui se você precisar de mim. Apenas grite.

Pearl olhou para Avery debaixo do chapéu de palha. —Como posso ajudá-lo, xerife?

—Isso é exatamente o que eu preciso, Pearl. Sua ajuda.

Pearl enrijeceu. —É sobre ele? Ele é o estripador de Timberland, não é?

—Eu não sei se é ele. Mas eu quero falar com ele. Você pode me ajudar a encontrá-lo?



—Você teve que esperar até que ele matasse uma de nós.

Ele suspirou e teve que desviar o olhar por um segundo. —Olha, Pearl. Você vai me ajudar a encontrá-lo ou não? Eu não tenho o dia todo.

Pearl deu de ombros, uma ação que de alguma forma conseguiu fazê-la parecer ainda mais delicada. —Eu não o vejo desde ... desde ... isso aconteceu.

—Onde estava o seu consultório?

Ela hesitou, depois suspirou. —É em Timberland. Descendo pelo rio. Em uma velha fazenda de dois andares. Está fora da estrada e há uma longa entrada de automóveis. Há velhos carvalhos em volta. Perto da estrada, há um dogwood. Na entrada da garagem. É chamado de Dogwood Farm.

—Fazenda Dogwood... Os homens fazem algum jogo lá?

Pearl revirou os olhos. —Eles fazem o que quiserem. Eles jogam. Eles bebem. É esse tipo de lugar. Beulah Sanford dirige as meninas. Obadiah é responsável por tudo o mais.

Avery fez-se olhar nos olhos acusadores dela. —Se ele matou Doc Watkins e aquela garota, ele vai ficar por isso. Eu vou ver isso feito.

—Seja cuidadoso. Ele é mais malvado do que um cascudo de madeira.

Ele inclinou o chapéu e desejou-lhe um bom dia.

***



Fazenda Sands

Timberland, Texas

—Você veio para ver Garland?— Perguntou Lucinda. —Ele está no rancho Henry cuidando de um touro doente.

Avery coçou o pescoço dele. Ele só queria ver Garland. Só queria falar com ele. —Eu tive algumas perguntas, mas pode esperar. —Ele se virou para ir embora.

—Espere, xerife. É hora do almoço. Venha sentar-se por um tempo. Tome um pouco de chá gelado.

Avery gostava muito de Lucinda e o chá parecia refrescante. Ele a seguiu para dentro e sentou-se à mesa familiar da cozinha. Ele podia sentir a presença de Garland por todo o lugar. Ele ansiava pelo homem de uma forma que ia além do físico. Ele sentia falta dele em algum nível espiritual que ele nunca soube que existia.

Ele colocou o chapéu na mesa e agradeceu Lucinda pelo chá. Ela se sentou em frente a ele. —Você está perto de descobrir quem fez isso?

—Talvez. Garland contou sobre a noite passada?

Lucinda inclinou a cabeça. —Não. Você parou na noite passada?

Avery tossiu. —Eu tive que fazer uma pergunta a ele.

—Esse homem é cheio de respostas.— Lucinda sorriu.

Avery teve que olhar para baixo. —Lucinda, não diga...



—Não uma alma. Eu juro.

—Eu acho que é Obadiah Clark.— Ele disse a ela tudo isso.

Lucinda sacudiu a cabeça. —Que monstro!

—Eu vou buscar aquele menino Dawson que eu contratei e pegar mais alguns homens, então nós vamos bater na Fazenda Dogwood depois do pôr do sol.— Ele encolheu os ombros. —Talvez tudo acabe.

***

Fazenda Dogwood

Timberland, Texas

Avery tirou seu Colt do coldre. Os meninos de Dawson, Burrell e Timothy, e um de seus primos, Ernest Moorehead, tinham rifles. Ele bateu na porta. Uma linda ruiva de vestido verde curto atendeu a porta. —Oh! —Ela chorou quando viu o longo Colt. Avery a empurrou para dentro.

—Não grite. Responda minhas perguntas e ninguém vai se machucar. Onde está Obadiah Clark?

Ela segurou a mão sobre a boca e apontou acima da cabeça. Avery assentiu. —Ernest, você fica aqui. Dawsons, comigo. —Eles subiram as escadas rangentes. Avery esperava surpreender Obadiah.



Uma porta, no andar de cima, abriu-se. Uma mulher entrou no patamar e gritou. Burrell atirou no peito dela. Ela caiu em uma pilha. Avery xingou e subiu os degraus restantes. Outra porta se abriu e Obadiah Clark emergiu dela. Avery voou para ele, agarrando sua camisa e apontando o Colt em seu estômago. —Você vem comigo.

A ruiva gritou abaixo. —Papai, eu posso dirigir seu carro enquanto você está na cadeia?

Avery prendeu as algemas nos pulsos de Obadiah. —Você tem um carro? Mostre-me.

—Eu não estou mostrando nada.

Avery fez um sinal para Timothy Dawson. —Vá colocá-lo no vagão.— Para a ruiva, ele gritou. —Leve-me para o carro!

Ele a seguiu para o lado da casa. Um modelo preto T estava sob as árvores. Avery verificou as costas. Uma prateleira havia sido acrescentada na parte de trás para segurar uma maca, caso o médico tivesse que transportar um paciente para o hospital em Lufkin.

—Este é o carro do Doc Watkin. É uma evidência em uma investigação de assassinato.

***

Cadeia do condado de Wakeforest

Timberland, Texas

Obadiah Clark, um homem baixo e robusto, com ombros largos e um bigode louro esparso, olhava através das grades de Avery com olhos azuis escuros. Com seus bigodes, ele lembrou a Avery um peixe-gato, frio e sem alma.



—Eu não sei porque o seu garoto matou aquela cadela lá atrás. Ela não era má.

Avery se arrepiou. Ele enviara os irmãos para casa. Ele sabia exatamente qual seria a reação de Garland ao incidente. —Isso foi um acidente. Mais uma vez, onde você estava na noite de 31 de julho?

—Eu estava em casa, estudando minha Bíblia.

Avery queria bater nele. —Por que você matou Hiram Watkins?

Obadiah sorriu. —Eu não o matei. Eu fiz um bom dinheiro com esse idiota. Por que eu o mataria?

—Você tem o carro dele!

Obadiah não recuou. —Ele me deu o carro. Última segunda-feira. Ele me devia dinheiro.

—E a garota? O que aconteceu? Ela não gostou disso?

—Eu não sei nada sobre uma garota.— Ele riu. —Você sabe alguma coisa sobre uma garota, Avery? Você não parecia saber o que fazer com elas quando estávamos na escola. Tudo o que você sabia fazer era tagarelar sobre gatos esfolados.

Avery agarrou Obadiah pelo colarinho da camisa e bateu com o rosto nas barras. A violência foi boa. A pequena picada serrada merecia mais do que um nariz sangrando. Ele matou o médico - Avery sabia disso.

Em um huff, ele se virou e foi embora antes de visitar mais violência sobre Obadiah Clark. Ele precisava ver Garland. Cada nervo em seu corpo parecia desgastado. Ele queria envolver os braços em torno de Garland e sentir o mundo escorregar.

***



Fazenda Sands

Quando Avery se aproximou da Fazenda de Sands, ele viu algo completamente inesperado. Chamas brilhavam na noite quente de agosto. Um calafrio fugiu pela espinha de Avery. Ele jogou o Bluebird em um galope.

Uma cruz em chamas estava na frente da casa de Garland. Um grupo de homens vestidos de lençóis brancos com capuzes pontudos sobre a cabeça estava em volta da cruz. Alguns seguravam tochas acesas. Eles se moviam em um nó quando Avery se aproximava. Isso o lembrava de crianças em um pátio de escola assistindo a uma briga.

Avery sacou seu Colt, armou-o e disparou no ar. O nó dos corpos brancos se soltou. Garland! Dois deles, de ambos os lados, tinham Garland pelos braços. Um ficou na frente de Garland, balançando-se sobre ele. Garland se dobrou, mas os dois homens que o seguravam por mais.

Avery levou Bluebird para mais perto. O cavalo bufou, pegando a raiva de Avery. Avery acenou com a arma e gritou para os homens encapuzados. — Fique longe dele. *AGORA!*

Os homens se moviam devagar. Muito lentamente. Avery levantou o Colt e atirou no capô pontudo do Klansman para a direita de Garland. Os homens que seguravam Garland se afastaram dele. Garland caiu de joelhos. O círculo de klansmen se alargou.

Avery só tinha quatro rodadas à esquerda. Ele os faria contar. Corpos iriam atingir o chão na próxima vez que ele disparasse sua arma. Ele circulou o grupo como se estivesse pastoreando gado. —Esta aqui é propriedade privada. Afaste-se daquele homem e saia desta terra antes que eu atire em cada um de vocês.



—Aquele longo Colt parece feroz, mas você não tem rodadas suficientes para atirar em todos nós.

A voz era familiar, mas Avery não conseguia identificar. Ele falou a verdade, mas ele subestimou a raiva de Avery. —Começando em você!— Avery sacudiu suas rédeas contra o pescoço de Bluebird. As orelhas do cavalo se achataram e ele mostrou os dentes. Ele correu a toda velocidade contra os klans que haviam falado, agarrou-o pelo ombro e atirou-o ao chão. O lençol branco escureceu onde os grandes dentes do cavalo rasgaram o ombro do homem.

—Saia daqui!— Avery gritou para eles. —Seu bando de bastardos de barriga amarela! Saia daqui antes de começar a encher os lençóis com chumbo!

Os klanmen recuaram. Um ficou em pé. —E o Estripador? Você é alto e poderoso quando se trata de salvar seu amigo, mas e esta cidade?

Avery reconheceu essa voz. —Eu acabei de encerrar o Estripador, Pastor Daniels. Agora traga suas bundas para casa antes que eu comece a trancar tudo por agressão e baderna!



Capítulo Dez

Fazenda Sands

—Quando eu estava pegando o gelo, vi um Colt 1911 na mesa da cozinha. Por que não estava na sua mão? —Avery pressionou seu corpo nu contra Garland e segurou uma toalha úmida em seu rosto.

Garland, de lado, colocou um saco de gelo no estômago e suspirou. —Eu estava com medo de usá-lo. Eu pensei que poderia falar com eles. Pensei que era melhor.

Avery beijou a nuca dele. —Acho que eles não eram muito para conversar.

—Eu provavelmente não deveria ter dito como foi bom eles usarem seus lindos vestidos brancos para me visitar.

Avery deu uma risadinha. —Você faria um pobre embaixador.

—Sim. Ficou feio rápido. Havia muitos malditos deles. Isso é tudo.

—Um deles era o pastor da minha igreja. Como eu deveria ir lá agora?

—Este é o leste do Texas. Há uma igreja em cada esquina. Faça a sua escolha.— Ele retumbou em diversão. —Você pode vir para a minha.

Avery deixou ir. Ele não tinha certeza se poderia ir à igreja com Garland. —Você viu o Bluebird tirando um pedaço daquela roupa?



Garland riu e estremeceu. —Ele costumava ser um cavalo de corte, não é?

—Aquele cavalo pode fazer todo tipo de coisas. Ele teria corrido esses caras para baixo se eu o deixasse.

Avery sacudiu o cabelo de Garland e roçou os lábios no ombro dele. —Você está se sentindo melhor?

—Eu vou viver.

—Espero que sim.

Garland bufou. —Eu pensei que você não viria hoje à noite.

—Ainda bem que eu fiz.

—Nunca disse que não era.

—Eu peguei ele. Obadiah Clark. Ele tinha o carro do médico.

—E a garota?

—Ela deve ter sido uma prostituta naquele consultório que ele estava administrando com Beulah. Ele cortou uma prostituta não muito tempo atrás. Ele é um idiota de verdade, Garland. —Ele pensou no que seguramente seria o bode de Garland. —Quando éramos crianças, ele costumava torturar gatos.

—Soa como um tipo ruim, com certeza.

—Eu pensei que isso iria irritar você.— Ele acariciou o lado de Garland. Ele olhou para Katydid, que estava ao pé da cama. Sempre gostara dos animais, mas nunca tivera um na cama com ele até dormir com Garland. Ele acariciou a parte de trás da cabeça de Garland. —Esqueça tudo o que eu disse antes - eu vou ficar com você hoje à noite.

Garland meio que ronronou. —Você se sente tão bem contra mim.— Ele mudou sua posição com uma leve ingestão de ar.



O barulho do saco de gelo lembrou a Avery os eventos da noite. Uma imagem de Garland dando um golpe rasgou-o. Por uma fração de segundo, toda a raiva que sentira brilhou dentro dele. Não tinha sido simplesmente raiva, ele percebeu. Também tinha sido medo. Ele não sentiu vontade de ser tímido, de repente. Ele se levantou em um cotovelo e pressionou os lábios no ouvido de Garland. —Eu estaria aqui toda noite se pudesse. Eu ficaria aqui todas as noites pelo resto da minha vida.

Garland se virou, agarrou-o pelo pescoço e cobriu a boca com a dele enquanto a toalha e o saco de gelo caíam entre eles. Avery se esforçou para beijar Garland, mas a língua de Garland continuava flertando com a costura de sua boca. Garland agarrou-o pela coxa. Avery se afastou quando sentiu o pau duro de Garland deslizar contra sua coxa.

—Segure-se.— Avery agarrou Garland pelas orelhas. —Você está ferido. Precisas de descansar.

—Você faz a policia, eu faço o doutor, lembra? Eu estou prescrevendo algum acoplamento. Vamos chegar lá, homem da lei.

Avery tentou ser severo, mas riu ao invés disso. Ele varreu a língua sob o lábio inferior de Garland. —Eu te amo.— ele disse suavemente.

—Eu te amo mais.

Avery acariciou os dois lados do pescoço de Garland. —Burro.

—Eu amo você, meu galante xerife Avery O'Rourke.— Garland começou a lamber os dedos de Avery. "Eu sou apenas brincalhão.

O pênis inchado de Avery estava apertado o suficiente para explodir. —O que eu vou fazer com você?— Ele sussurrou com voz rouca.

—Coloque meu pau na sua boca. Coloque o seu na minha.

—Oh sim. Eu fiz isso antes.

Garland se encolheu em um ataque ofegante. —Não me faça rir! Isso dói.

—Eu não estava tentando.— Avery puxou os lençóis todo o caminho para fora de Garland, deitou-se de lado e levou o pênis chorando de Garland em sua boca. Garland se acalmou. Ele sugou a cabeça do pênis de Avery, em seguida, engoliu quase metade dele em sua boca. Avery não conseguiu se conter e mexeu de prazer. —Vamos devagar.— disse ele a Garland. —Eu me sinto gentil.

—Você não está apenas dizendo isso na minha conta? Eu posso continuar.

Ele queria ir fácil para Garland, mas isso não era tudo. —Eu te amo como a luz do sol ama as azáleas, como o orvalho ama as flores de corniso[15]. Eu me sinto suave assim agora. Gentil. Eu quero amar você como a primavera.

Garland fez uma espécie de som ferido e beijou sua coxa. —Você é minha primavera.— disse ele em um sussurro abafado. —Você é a minha vida que começou de novo.

Ele acariciou as bolas de Garland e envolveu sua boca ao redor delas. Garland acariciou sua coxa e beijou seu eixo. Eles chuparam um ao outro no escuro quando Katydid ronronou ruidosamente perto deles. O coração de Avery cantou. Tudo nele parecia maduro e novo e inteiro.

Esse amor oculto, esse amor proibido, era a coisa mais verdadeira e corajosa que ele já havia sentido. Ele se contorceu contra o toque de Garland. Eles gozaram como um. Avery bebeu o esperma de Garland enquanto Garland o drenava.

---

15 



Avery puxou o lençol sobre eles enquanto se deitava nos travesseiros com Garland. Ele abraçou Garland perto. —Eu nunca estive apaixonado antes.— ele confessou com sono.

Garland, de frente para ele, acariciou sua mandíbula barbada e beijou seus lábios. —Eu amava Philippe. Eu sempre amarei Philippe. Mas isso parece diferente. Eu sempre soube que amar Philippe era como amar um fantasma. Você está tudo aqui. Você é real. Isso é real. Isso faz algum sentido?

—Tudo depois da guerra foi assim por um tempo. Irreal.

—É tão estranho. Faz apenas alguns dias, mas sinto que te conheço para sempre.

—Eu me sinto da mesma forma. Estar com você é tão fácil. —Ele acariciou o cabelo de Garland. —Talvez seja porque tudo o mais sobre estar junto é tão difícil. Talvez seja justo que algo seja fácil.

Garland soltou um suspiro satisfeito. —Eu te amo, Avery.

Avery sorriu. —Eu te amo mais, Garland.

Eles riram como garotinhos.

***

Avery acordou pouco antes de cair no chão. Katydid assobiou embaixo da cama perto do rosto dele. Garland, ainda na cama, gritou incoerentemente. Avery levantou-se do chão e bateu em cima de Garland, derrubando-o no colchão. Ele abraçou os braços de Garland. —Shhhhh. Garland, sshhhh. Você esta bem.

Os gatinhos na gaveta aberta da cômoda rangiam e miavam.

—Ow. Você está me machucando.



Avery tentou não rir. —Você acabou de me deixar na minha cabeça.

—Oh, me desculpe.— Ele pareceu acordar o suficiente para perceber o que tinha acontecido. —Oh! Você está bem?

—Eu acho que sim.— Ele beijou a testa de Garland.

—Pobres gatinhos. Eu assustei os bebês. —Garland grunhiu quando ele deslizou para fora da cama e tropeçou no chão até o guarda-roupa. Ele tinha um gatinho na mão antes que Avery pudesse chegar lá.

—Você está estragando eles.— Mas ele pegou o outro gatinho e acariciou.

—Eles gostam de estar perto do seu rosto.

Avery segurou a pequena bola de pêlo até o rosto. —Shhh. Gatinha. Está tudo bem.

—Sinto muito.— disse Garland. —Eu tenho esses pesadelos às vezes ...

—Ainda te amo.

Garland bufou divertido, com o nariz enterrado em gatinha. —Vamos colocar esses patifes agora. Espero que eles nos deixem voltar a dormir.

Quando voltaram para a cama, Avery encontrou o saco de gelo. —Você quer que eu recarregue com mais gelo? Provavelmente há o suficiente para mais uma rodada.

—Apenas me segure. Em volta do meu peito.

Ele abraçou Garland gentilmente e riu quando Katydid pulou de volta na cama. —Lá vai você, é como se nunca tivesse acontecido.— Mas seu humor o deixou como ele se perguntou se o encontro com o Klan desencadeou o shellshock de Garland. Ele desejou que ele colocasse alguma vantagem em alguns deles. Ele não fechou os olhos até ouvir Garland roncar e então adormeceu profundamente.



***

Sábado, 4 de agosto de 1923

Fazenda Sands

Algum ruído distante despertou Garland. Ele piscou os olhos. A luz do sol entrava pela janela. Avery, dormindo de bruços, deitou-se com o lençol parcialmente sobre as nádegas.

—Garland! Garland! Alguém queimou uma cruz no seu quintal! Garland! —A porta se abriu. Lucinda estava na porta com a mão sobre a boca. —Oh! Oh! Oh, meu! —Ela fechou a porta.

—Merda.— Avery murmurou. Ele saiu da cama e começou a puxar suas roupas. —Você não trancou a porta da frente?

—Ninguém tranca a porta da frente por aqui.

Garland estava de calças em dois movimentos de cauda de cordeiro. Ele correu para fora do quarto. —Lucinda!— Ele a encontrou sentada na mesa da cozinha com a mão apertada sobre a boca. Ela olhou para ele com os olhos arregalados. —Por favor, não conte a ninguém o que você viu aqui hoje.— disse ele, estendendo os braços como se estivesse tentando acalmar um animal encurralado.

Lucinda piscou para ele. —Eles machucaram você?

Garland olhou para baixo e viu as manchas roxas em seu torso. —Sim, alguns. Eles queimaram uma cruz e me atacaram. Estou bem.



Lucinda sorriu para ele, trêmula. —Eu diria que eles são animais, mas eu sei que você ama esses.

Garland puxou a cadeira em frente à dela e assentiu para ela. Ela assentiu de volta. Ele sentou na cadeira com uma careta. —Lucinda ...

Ela esticou um braço e apertou a mão dele. —Querido, não. Não se preocupe com isso. Eu não sabia sobre você e Avery. —Ela sussurrou o nome de Avery. —Mas eu tinha um pressentimento sobre você. Eu tenho um irmão...

—O quebrado?

—Eu tenho seis irmãos, Garland. Agora, olhe, um deles sempre foi um pouco diferente. Você sabe. Ele mora em Nova Orleans agora e canta em banda. Ele continua querendo que eu saia para uma visita. —Ela balançou a cabeça para ele com uma expressão suplicante. —Eu não me importo se você é um pouco diferente. Você é o homem branco mais decente que conheço. Talvez eu goste de você ser diferente.

—Eu sinto muito que você teve que ver isso. Eu prometo...

—Eu entrei em você. Eu sinto muito. Eu nunca teria entrado em seu quarto assim, mas fiquei com tanto medo quando vi a cruz chamuscada na frente. Todas as ligações de ontem - eu tive pesadelos na noite passada - e encontrei essa coisa - você é um homem doce e gentil.

—Eu acho que dormimos tarde.

—Seu gelo está na sua varanda. Eu trouxe o jornal.

—Eu vou pegar o gelo.— Ele se levantou e sorriu para ela com carinho. —Você é uma mulher notável.

Avery passou rapidamente, com o rosto vermelho, pegou o chapéu e calçou as botas mais rápido do que qualquer um que Garland já vira. —Manhã.— Com isso, ele se foi.



Garland correu atrás dele. —Está tudo bem. Lucinda não contará a ninguém.

Avery selou seu cavalo. —Eu te disse. Isso não é seguro.

—Tivemos uma noite ruim ontem à noite. Nós apenas dormimos demais. Lucinda não se importa - ela tem um irmão estranho ...

—Não. Não fale comigo agora. Preciso ir ao tribunal e fazer o meu trabalho.

Garland observou-o escorregar no freio do cavalo em silêncio. Avery saltou para a sela e saiu em um rápido trote. Garland observou-o até que ele desapareceu na colina.

***

Tribunal do condado de Wakeforest

Avery viu Eloise Clements, a repórter, esperando por ele e não poderia ter sido mais feliz. Ele a cumprimentou e parou para conversar. —Eu tenho o Timberland Ripper atrás das grades na Jailhouse. Obadiah Clark. Ele matou o médico e pegou o carro.

—E a garota?

—Achamos que ela era uma prostituta. Ele ficou áspero com elas às vezes.

—Eu suponho que é por isso que ninguém veio procurá-la.

—Eu suponho.

Eloise anotou tudo em seu caderninho. —Muito obrigada, xerife. O povo de Timberland vai respirar mais fácil hoje à noite.



Ele se sentiu como um cavalo que acabou de sair de um celeiro. Ele queria resistir e empinar. Não tinha sido a melhor das manhãs, mas ele tinha um assassino preso do outro lado da rua, e Eloise se certificaria de que todo o condado soubesse disso. Talvez este não seja um dia ruim, afinal.

Ele assobiou enquanto caminhava para seu escritório. Um jovem negro, mais ou menos da sua idade, estava do lado de fora de sua porta. —Bom dia, Xerife. —ele disse quando Avery tirou suas chaves.

—Bom dia.— disse Avery. —Eu posso te ajudar com alguma coisa?

—Meu nome é Billy Jenkins.— disse o homem negro, estendendo a mão.

Avery deu uma boa sacudida na mão e abriu a porta. Pequenas mensagens dobradas de papel foram deixadas de lado quando ele abriu a porta. —Vamos lá dentro, Sr. Jenkins.

Billy o seguiu. A luz do sol entrava pela janela, mas Avery acendeu a lâmpada da mesa enquanto Billy tirava a palha de Stetson e observava. Deixando as mensagens no chão por enquanto, Avery sentou-se à sua mesa e fez sinal para que Billy se sentasse à sua frente. Billy se sentou e olhou algo entre ansioso, perturbado e desconfortável. Seus grandes olhos escuros olhavam para Avery com expectativa.

—Então, Sr. Jenkins, o que te traz aqui?

—Estou aqui para denunciar uma pessoa desaparecida.

—Sinto muito por ouvir isso. Vamos preencher um relatório. —Ele puxou um formulário de sua mesa.

Billy abaixou a cabeça. —Eu não sei ler, senhor. Você poderia fazer isso por mim?



—Eu ficaria feliz em fazer isso.— Billy parecia um tipo simples, talvez um pouco lento. Ele estava obviamente chateado com alguma coisa. Avery sentiu pena dele. —Agora, Billy, me diga, quem está faltando?

—O nome dela é Margaret, senhor. Ela é uma dama branca. —Billy amarrotou as laterais do chapéu. —Ela... uh... ela vem através dos trilhos todos os dias, quase todos os dias... e vende ovos.

Avery baixou a caneta. —Talvez ela tenha decidido ir a outro lugar.

A testa de Billy umedecida. —Ela não faria isso, senhor. Ela teria dito algo primeiro.

—Qual é o sobrenome dela?

—Eu não me lembro. Ela me disse uma vez, mas eu não me lembro. Ela costumava rir muito. —Ele parecia à beira das lágrimas. —Por favor, xerife, senhor. Ela está desaparecida. Você tem que encontrá-la. Todas essas histórias sobre um ripper ...

—Não se preocupe com isso. Eu peguei a baixa qualidade responsável por esses assassinatos. —Ele sorriu quando Billy se sentou de volta com alívio desenfreado em seu rosto. Sentindo-se generoso, ele decidiu se entregar a Billy. —Agora, descreva Margaret para mim.

—Sim senhor. Bem, ela ... —Ele se levantou rapidamente e colocou a mão no peito. —Ela é sim alto.

—Um e sessenta.— adivinhou Avery, anotando.

—Ela está em algum lugar da minha idade.— Billy se sentou. —Ela tem cabelos longos e lisos.— Ele colocou um dedo contra o braço do meio. —Ela geralmente usa em uma trança. É marrom, marrom claro, como uma carriça de volta.

Avery continuou tomando notas. —Qual a cor dos olhos dela?

—Azul. Como um céu ensolarado.



Avery olhou para cima. —Ela vendeu seus ovos.

—Ela disse que tinha muitas galinhas.

—Tudo bem.— Ele quis, por um instante, dizer a Billy que ele entendia sobre o amor proibido, que ele também sabia de tal amor. Em vez disso, ele continuou a anotar notas. —Você pode pensar em qualquer outra coisa, qualquer outra característica distintiva, como uma marca ou algo assim?

—Ela tem um nariz incomum. Não é fino ou botão. É meio curvo, como o bico de um falcão. Ela é muito bonita.

Avery olhou para a descrição que ele havia escrito. —Ela é uma prostituta?

Billy ficou ofendido. —Não senhor! Ela é uma garota de fazenda.

Avery se levantou, segurando a descrição. —Você não sabe o sobrenome dela.

—Não senhor. Eu sinto muito.

—Está tudo bem.— Avery sentiu-se mal. —Você deu uma boa descrição. Verei o que posso fazer.

Billy se levantou e pisou com cuidado sobre as mensagens dobradas para chegar à porta. Quando ele girou a maçaneta, ele olhou de volta para Avery. —Ah, e mais uma coisa. Ela está grávida.



Capítulo Onze

Fazenda Sands

Depois de cuidar de suas tarefas - ordenhando a vaca, alimentando os animais, abatendo a banca de Apolo, juntando ovos - Garland lavou as mãos, escovou os dentes e se arrastou pela varanda dos fundos. As tarefas o haviam levado mais tempo do que o normal, porque ele continuava tendo que parar e descansar. A dor latejava em suas contusões, e ele se sentiu todo dolorido. Ele vestiu uma camisa limpa e calça e tomou café com Lucinda. Ele não se sentia disposto a comer muito, mas ele mexeu alguns ovos e comeu o que pôde.

Lucinda, tomando café, observou-o ler o jornal da manhã. Ele sentiu como se estivesse sendo estudado. Com um suspiro, ele largou o papel e apoiou o queixo em uma das mãos. —O que nós temos hoje?

—O ferrador está vindo esta tarde para verificar o cavalo que você está mantendo.

Garland sentiu os ombros caírem. —Acho que devo ir dar tchau a Apolo. Alguém vai querer ele de volta.

—Me desculpe, eu envergonhei Avery.

Ele olhou para a xícara de café. —Ele ficou envergonhado, não foi?

—Eu nunca vi um homem branco dessa cor antes.



Garland passou a mão pela boca dele. —Ele era muito vermelho.

—Como um morango maduro.— Ela sorriu gentilmente. —Ele voltará.

—Se ele fosse uma mulher, eu iria encontrá-lo, cair de joelhos e pedir-lhe para ser minha noiva.

—Você está apaixonado.— disse ela com uma expressão de silêncio.

—É tão complicado. Tudo que eu quero é complicado.

Suas sobrancelhas levantaram pensativamente. —Mmhm. A vida é complicada para quem não se encaixa na sociedade principal.

Garland se sentiu pequeno de repente. —Você está certa. Você saberia algo sobre isso, não é?

Ela sorriu para ele e tomou um gole de café.

—Eu estava apenas sentindo pena de mim mesma.

—Você pode fazer isso de vez em quando. Apenas lembre-se de voltar. Eles só ganham se você ficar para baixo.

O telefone tocando fez os dois começarem. Garland levantou-se mais rapidamente do que ele gostaria e teve que fazer uma careta. Lucinda ficou com ele. —Não.— ele disse a ela. —Eu vou atender. Eu preciso me movimentar mais.

—Eu acho que você se mudou muito para uma manhã.— Ela bateu nele no telefone. —Escritório Veterinário de Garland Sands.

Seus olhos se arregalaram. Garland estendeu a mão. —Se esse é outro daqueles telefonemas ameaçadores, eu quero falar com eles.

—Sinto muito por esta manhã, xerife.— Suas sobrancelhas se uniram. —Sim, ele está bem aqui.— Ela entregou o receptor para Garland.



O coração de Garland bateu no peito dele. Ele se esforçou para manter a voz neutra e tentou se preparar mentalmente para qualquer que seja o humor de Avery. — Olá, Avery.

—Essa menina poderia ter tido uma criança?

—A de Crooked Creek?

—Sim, claro. A garota assassinada.

Garland teve que pensar um segundo. A pergunta era estranha, e ele se sentiu magoado por Avery estar sendo tão brusco e profissional depois do modo como haviam deixado as coisas antes. —Eu não sei. Eu suponho que ela poderia estar grávida. Possivelmente.

—Possivelmente? Isso é tudo que você tem.

Garland se arrepiou. —Seus seios poderiam ter nos dito se ela estava amamentando ou se preparando para lactar, mas eles foram embora. Seu útero se foi; sua vagina foi mutilada - é possível.

—Então, você acha que alguém tentou encobrir o que ela estava esperando?

—Pessoas normais não pensam assim. Parece mais que alguém só queria cortá-la.

—Isso não é útil.— Ele desligou.

Garland devolveu o fone ao gancho. Parecia tão pouco tempo atrás que tudo tinha sido tão bom entre eles.

—Ele estava perguntando sobre a menina morta?

—Certo. Ele queria saber se ela poderia estar grávida.

—Isso é horrível.

—É. — Mas no momento, seu coração estava pesado com seus próprios problemas.



—Você está horrível.— Lucinda deu um tapinha no braço dele. —Vá deitar por um tempo. Vou tocar a campainha se eu precisar de você.

***

Escritório do xerife

Tribunal do condado de Wakeforest

Timberland, Texas

Avery ordenou as anotações que o funcionário deixara, fazendo ligações quando apropriado, poupando algumas e jogando algumas para longe. A maioria foi deixada por pessoas preocupadas com o "Timberland Ripper". Ele tinha certeza de que ele tinha o homem certo, mas a descrição que Billy Jenkins lhe dera o chateou. Se a amiga ou amante de Billy ou o que quer que ela fosse exatamente para ele era apenas uma garota de fazenda grávida vendendo ovos, o que Obadiah Clark teria a ver com ela?

Ele descansou os cotovelos sobre a mesa e afundou os polegares nas órbitas dos olhos. Sua cabeça bateu. Não era nem o meio-dia e ele estava com dor de cabeça. O caso dele, que ele tinha embrulhado com um arco, estava tentando não fazer sentido. E todos os ossos do corpo dele queriam ver Garland, como se isso pudesse melhorar as coisas.

Com um suspiro, ele começou a preencher a papelada na filmagem da prostituta de Burrell Dawson quando eles haviam apreendido Obadiah Clark. Avery pretendia colocá-lo em Obadiah. Burrell e seu dedo em gatilho não teriam estado lá se não tivessem tentado prender aquele bastardo imundo.



Ele olhou para cima quando as dobradiças da porta rangeram. Em pé diante dele estava um homem robusto de quarenta e poucos anos, com cabelos cor de laranja, cabelos brancos e um rosto gordo cheio de sardas. Alvis Harmon, que possuía a Harmon's Groceries. O suor cobria sua testa larga. Ele o lambeu com um lenço. —Eu preciso falar com você, xerife.

Avery apontou para uma das duas cadeiras de madeira em frente à sua mesa. —Sente-se, Sr. Harmon.

Ele sentou-se na cadeira mais próxima, prendendo a touca achatada sobre o joelho e enxugando a testa com o lenço. —Ouvi dizer que você tem Obadiah Clark aqui por assassinar o médico e uma garota.

—Está certo.

—Myra disse que você acha que ele matou o médico e roubou seu carro.

—Myra é aquela ruiva no consultório?

—Fazenda Dogwood. É ela.

Avery se amaldiçoou por não ter recebido todas as prostitutas também. Ele os deixou sozinhos por mais um dia, contente em conseguir Obadias. —Então, você está falando com as prostitutas. Isso é tudo o que você tem feito?

Alvis puxou a gola da camisa com um dedo parecido com uma salsicha. —Eu vou admitir que tenho alguns vícios, xerife.

—Todo mundo tem alguns.— Avery sentou-se em sua cadeira e jogou uma das notas sobre a mesa. —Eu não me importo de fazer prisões agora. Você pode dizer sua peça.

Alvis não pareceu aliviado. —Eu estava jogando com Obadiah e alguns outros na Fazenda Dogwood na semana passada. Doc Watkins entrou - ele tinha uma garota normal lá em cima ...



Avery se adiantou. —Uma menina com longos cabelos castanhos claros e um nariz de falcão?

—Não. O médico gostou da carne escura, se você me entende.

Avery suspirou. —Eu faço. Então você viu o médico e?

—O médico queria entrar no jogo, mas Obadiah disse que ele já lhe devia dinheiro.

—Certo. Ouvi dizer que ele estava em dívida com Obadiah por uma boa quantia.

—Essa é a coisa, xerife, ele deu seu carro a Obadiah.

—Ele fez o que?

—Ele levantou e deu a ele seu carro. Eu vi. Ali. Eu tive que dar a ele uma carona para casa naquela noite.

—Quando foi isso?

—Última segunda-feira. Eu não sei o que mais poderia ter acontecido entre Obadiah e o médico, mas Obadiah não matou o médico para o carro dele.

Avery queria bater o punho contra a mesa dele. Ele acabara de perder o motivo de matar o médico. E a garota da fazenda também não fazia sentido. Em questão de horas, ele passara de um bom caso fechado para nada que fizesse sentido. —Obrigado pela sua informação, Alvis.

Alvis se levantou e Avery sacudiu a mão suada. —Obrigado, xerife.

—Agora sai daqui. E fique longe da Fazenda Dogwood.

Ele viu Alvis até a porta e depois se encolheu na cadeira. Ele se perguntou o que Garland e Lucinda diriam. Ele começou a ligar para Garland. Os acontecimentos da noite passada passaram pela sua cabeça novamente.



Ele queria se aconchegar na cama com Garland e deixar o mundo tolo se resolver.

Depois de se permitir alguns minutos de desejo, ele decidiu entrevistar as prostitutas na Fazenda Dogwood. Ele não se incomodou da última vez que esteve lá. Ele sempre falou com os homens brancos. Mulheres, negras - ele não fez muitas perguntas. Parecia que ele deveria começar. Eles viram coisas. Eles sabiam das coisas. Ele precisava abrir os olhos.

***

Fazenda Sands

Garland acordou com um sino tilintando. Ele se empurrou do sofá e sorriu para Lucinda. —O ferrador está aqui?

—Ele deveria estar aqui em breve.— Ela franziu a testa para ele. —Seu cabelo está molhado. Você está suando como uma tempestade.

—É agosto.

—Venha tomar um chá gelado comigo.

Sentindo-se duro e dolorido, ele se esticou e a seguiu até a cozinha. Ela serviu-lhe um copo de chá e sentou-se. —Pobrezinho. Você se parece com algo que o gato consome.

—Não. Katydid tem mais senso do que isso.

—Eles cercaram você?

—Alguns deles me seguraram e os outros se revezaram me socando no estômago.



Lucinda se aproximou e apertou a mão dele. —Eles são um bando de covardes.— Eles ficaram em silêncio por alguns minutos. Lucinda girou o gelo em seu copo. —Você já nomeou os gatinhos?

—Eu estava pensando Anthony e Cleopatra.

Lucinda riu. —Então seu pai nomeia seu gato Katydid e seu cavalo Britches, mas você dá nomes de animais como Apollo e Anthony e Cleopatra.

Garland sorriu, encolhendo os ombros. —Eu gosto dos clássicos. Eu acho que Katydid é um bom nome, na verdade, mas eu nunca nomearia um cavalo de Britches. É tarde demais para mudar isso, no entanto. Ela sabe o nome dela. Ela vai ser Britches até ela morrer. —Ele tentou rir, mas não conseguiu manter a charada. Rir fisicamente ferido e ele se sentia muito infeliz. —Eu acho que todos os animais em Timberland estão bem hoje. Ninguém ligou?

—Não fique bravo.

—Lucinda ...

—Não foi uma emergência. Eu teria te acordado se tivesse sido uma emergência - não importava a forma em que você estivesse. Não. Era o Sr. Miller querendo que você casasse seus jovens porcos. Eu disse a ele que você estava se sentindo mal ...

—Eu não estou...

—Não era importante. Eu disse a ele que você estaria lá na terça-feira. Isso não é tão ruim assim, é?

—Suponho que não me sinto a fim de castrar os porcos hoje. —Ele suspirou. —Vamos tirar o resto do dia. Depois que o ferrador vir e ver Apolo, eu te levarei para casa. Como isso soa?

—É um lindo dia.



Alguém bateu na porta. —Eu atendo.— ele disse a Lucinda. —É provavelmente o ferreiro.

Quando ele abriu a porta, no entanto, ele encontrou um bando de mulheres sorridentes em sua porta. —Olá.— disse uma que ele reconheceu como a esposa do pastor de sua igreja. —Nós ouvimos que você não estava se sentindo bem e pensamos em parar com um pouco de comida.

—Oh, é tão gentil de sua parte, Dorthy. Obrigado! Por favor entre.

As mulheres, cinco delas, três jovens e solteiras e uma que ele reconheceu como sra. Miller - a esposa do fazendeiro cujas castrações de suínos Lucinda havia adiado, entraram em sua casa, cada uma carregando uma panela ou prato. Lucinda os encontrou lá dentro e ajudou-os a preparar o banquete na mesa da cozinha.

—Oh.— disse Dorthy, uma mão enluvada no braço de Lucinda. —Eu te conheço do jornal. Você é a secretária de Garland! Ora, você está fazendo um trabalho maravilhoso. Você deve ser a primeira secretária de cor em Timberland!

Lucinda olhou para ela por alguns segundos desajeitados, depois disse. —Obrigado, senhora.

—Ela é uma ótima secretária.— disse Garland. —Ela mantém tudo organizado e até cuida de mim.

Dorthy sorriu para Garland. —Tenho certeza que é uma tarefa.

Uma das mulheres mais jovens sorriu para Garland. —Não é ruim, se você me perguntar.— Outra deu uma cotovelada nela. —Oh, nós lhe trouxemos frango e bolinhos, pãezinhos frescos, quiabo frito, feijão - e eu fiz uma torta de amora para você!

—Eu fiz biscoitos de xarope.— disse outra.



—Eu amo todas essas coisas. Obrigado! Vocês são tão generosas e gentis. —Ele queria correr e se esconder.

—Tivemos que fazer isso.— disse Dorthy. —Assim que soubemos que você não estava se sentindo bem, precisávamos fazer alguma coisa.

—Eu sei.— disse uma das mulheres mais jovens. —Não poderíamos suportar a idéia de você se sentir mal, sozinho sem ninguém para cuidar de você.

—Estou me sentindo melhor depois de um pouco de descanso.— assegurou ele.

—Você gostaria de uma de nós para ficar com você por um tempo e cuidar de você?— Perguntou uma das mulheres mais jovens com um brilho de esperança em seus olhos.

—Isso não será necessário.— Ele se sentiu mal quando ela e as outras duas mulheres solteiras se enfraqueceram. —Eu vou ficar bem. Eu aprecio muito toda a comida maravilhosa. Cheira delicioso! Vocês, senhoras, devem ser cozinheiras extraordinárias. —Ele estava cercado de risos e sorrisos. —Eu realmente sinto muito, mas eu não posso visitar muito. Tenho o ferrador chegando para ver um cavalo que resgatei.

—Você resgatou um cavalo?— Disse aquele que havia assado a torta. —Você é um homem tão bom e bom.

Ele riu. —Eu tento.

—Estamos muito felizes por você estar se sentindo melhor.— disse Dorthy. —Deixe-nos saber se você precisar de alguma coisa. Estamos sempre aqui para você. —Ela deu um tapinha no ombro dele. —Vamos sair do seu caminho agora.— Ela levou as mulheres até a porta. Garland os deixou sair.

—Deixe-nos saber se você precisar de alguma coisa.— disse uma das mulheres mais jovens, parando na porta para olhar em seus olhos.



—Absolutamente. Obrigado novamente. Foi lindo ver todas vocês.— Finalmente, ele fechou a porta e soltou um suspiro.

Lucinda sorriu. —Isso foi muito bom.

—Elas são da minha igreja.

—Aquelas jovens são meio doces em você.

—Eu suponho.— Ele pegou um dos biscoitos e mordiscou-o.

—Eu imagino até mesmo as casadas gostam de olhar.

—Isso não é legal, Lucinda. Eu te disse, elas são da minha igreja.

—Você está certo. Eu suponho que elas estavam apenas sendo cristãs. —Ela espiou os rolos. —Isso parece bom.

—Conserte-se um prato. Por favor. Há bastante aqui para um exército.

Lucinda se ajudou. No meio de espalhar feijão, ela olhou para ele. —Você não parece muito feliz.

—É só.— ele hesitou, perguntando se ela iria entender. —Se elas me conhecessem, isso seria cheio de veneno de rato.

—Isso é uma coisa terrível de se dizer. Eu não acredito nisso.

—Talvez eles não me envenenem, mas elas me desprezariam. Elas não me quereriam perto de seus animais - ou seus filhos.

—Isso é possível.— Ela balançou a cabeça. —Tente não pensar nisso. Não há sentido. Elas gostam do que sabem. Isso significa alguma coisa. Talvez um dia as coisas mudem. Por enquanto, é apenas o jeito que é.

Uma batida na porta levou Garland para longe da conversa. Ele encontrou Shorty McGee, o ferrador, em sua porta. Ele o cumprimentou e foi para fora. Eles caminharam em direção às barracas ao lado do celeiro. Garland abriu o portão. Eles conversaram amigavelmente até a barraca onde Garland mantinha Apolo.



Shorty cumprimentou o cavalo com um tapinha no pescoço. —Este cavalo! Claro, lembro-me deste cavalo. Ele ergueu o casco para mim, como uma dama querendo que você beijasse sua mão. É uma pena vê-lo nessa condição.

—Ele está realmente curando muito bem.

—Ele vai ter cicatrizes. Duvido que a viúva possa vendê-lo por um preço justo - e sei que ela não vai querer ficar com ele.

—Viúva?

—Este cavalo aqui pertenceu a Doc Watkins.



Capítulo Doze

Fazenda Sands

A noite de agosto parecia úmida e próxima. Avery parou antes de bater na porta de Garland, mas ele ainda bateu. Garland abriu a porta. —Está tarde.

—Eu podia ver a luz na sua janela.

—Eu estou lendo.

—Posso entrar? Preciso te fazer algumas perguntas.

—Sobre os assassinatos?

—Sim.

Garland abriu a porta de tela. Ele estava vestido apenas com suas roupas de dormir. —Entre.

Avery hesitou. —Posso estacar meu cavalo?

Garland olhou para ele por um minuto. —Você vai ficar a noite?

Avery olhou para as botas. Eles ainda estavam de pé. O rosto de Garland estava todo gelado, mas sua voz tinha uma qualidade ferida. Avery olhou para ele de lado. —Eu acho que vou se você me deixar.

Garland não foi apaziguada. —Você sabe onde ele está. Fique a vontade.



Avery esperava que Garland viesse com ele. Ele deu de ombros e continuou o seu trabalho, deixando Garland para fechar a porta e ler ou ficar de mau humor ou o que quer que ele estivesse fazendo. Ele levou Bluebird até o estábulo, separou-o e colocou-o na tenda ao lado da azeda que Garland chamava de Apolo. Quando ele fechou o portão, ele deu à pintada égua, Britches, um tapinha de despedida. Ao contrário dos dois cavalos, ela estava solta no pasto, livre para pastar.

Quando chegou à casa, entrou. Garland estava ao lado do porta-chapéus, esperando por ele. —Britches está vivendo a boa vida.— disse Avery. —Ela está pastando a noite toda enquanto o Bluebird e o Apollo estão lá dentro.

A luz de velas do candelabro da parede brilhava nos olhos vidrados de Garland. Seu rosto permaneceu desenhado, como se ele não tivesse ouvido Avery. —Eu não sou de pedra. Eu tenho sentimentos. Não pense, só porque meus clientes em potencial são poucos, que você pode me tratar, no entanto, combina com você.

Avery suspirou. Garland não bateu no arbusto. Ele se fez olhar nos olhos dele. —Olha, me desculpe por esta manhã. Eu queria falar com você, mas estou ocupado.

—Muito ocupado para dizer que você sente muito.

—O condado vem em primeiro lugar. Se você não gosta disso, eu posso sair.

—Não se esconda atrás do condado.— Garland parecia à beira das lágrimas. —Você estava envergonhado e não conseguia lidar com isso. Lucinda conhece seu segredo e você não consegue lidar com isso. Você acabou de fugir como uma criança tola e se manteve longe de mim o dia todo.

Os pêlos de Avery se levantaram, mas ele não veio para lutar. —Eu não estou correndo agora.— Eles se entreolharam em silêncio. Ele jogou os braços

ao redor de Garland. Garland fez um pequeno ruído de dor. Avery colocou algum espaço entre eles. —Eu machuquei suas contusões? Eu sinto muito.

Garland beijou a cabeça e o pescoço de Avery. —Estou todo dolorido.

—Você cheira engraçado.

—Linimento de cavalo. Eu uso para dores musculares. Meus braços, peito e pescoço doem hoje.

—Eles estavam segurando você e você estava lutando contra eles. Faz sentido que você também esteja dolorido. —Avery massageava as costas do pescoço de Garland. Garland se derreteu contra ele. —Escute, eu preciso falar com você sobre esta investigação de assassinato, mas as primeiras coisas primeiro.

—Eu pensei que o condado veio primeiro.— Garland murmurou em seu cabelo.

—Não use minhas palavras contra mim.— Ele pressionou seus lábios contra os de Garland. —Você já se banhou, não é?

Garland assentiu.

—Eu pensei que sim, seus pelos estão se levantando. Faz isso depois que você lava o cabelo. —Ele esfregou o braço de Garland. —Venha me ver me banhar para você, e nós vamos conversar. Então eu vou te dar uma boa massagem com esse linimento. Se você quiser, talvez possamos fazer mais algumas coisas. Como isso bate em você?

—Nós levamos as coisas muito rápido.— sussurrou Garland.

Avery pegou o rosto de Garland entre as mãos. —Segure seus cavalos. Eu não disse nada ontem à noite que eu não quis dizer. —Ele não sabia como fazer Garland entender. Ele olhou profundamente naqueles belos olhos vidrados. —Eu te amo. Mas eu nunca amei ninguém antes, e nunca confiei em ninguém como Lucinda para manter o meu segredo, e tenho um assassino

solto no meu país, e o meu caso está todo desfeito. Não me xingue por ser sinistro.

Garland fungou. —Essa é uma grande coisa.

—Isto é. E está cavando ao meu lado algo terrível.

Os dedos de Garland tocaram seu lado esquerdo. Mas ele disse. —Eu ainda vou xingar você se você é malvado comigo. Eu te amo. Seja gentil comigo.

Avery segurou a outra mão de Garland e esfregou um dos seus bíceps com nó. —Você é como um cavalo, não é? Você é grande e forte, mas é muito sensível.

Garland se afastou. —Não é sobre ser sensível. Trata-se de tratar um ao outro com respeito.

Avery levantou as mãos em um gesto de rendição. —Eu não quis dizer nada por isso. Concordo. Você entende, Garland? Eu concordo completamente. Estamos do mesmo lado.

Garland mordeu um lado do lábio inferior, estudando Avery. Ele bufou de uma maneira muito semelhante a um cavalo. —Vamos te limpar. Nós temos que fazer.

***



Fazenda Sands

Com as pernas abertas e os cotovelos apoiados nos joelhos, Garland chupou um cigarro numa das duas cadeiras de balanço na varanda dos fundos e observou Avery derramar outro pote de água quente no tanque. —Então ele não estava dirigindo o carro na noite em que foi morto.

—Não. —Avery aproximou-se e deu uma tragada no cigarro de Garland. —Sra. Watkins mencionou o carro, então eu assumi esse tempo todo que ele estava naquele maldito carro.

—Mas ele estava montando seu cavalo. Apolo.

—O que ele chamou?

—Grover.

—Isso é uma coisa terrível para fazer a um cavalo.

—Sua esposa tinha outras coisas terríveis em mente para ele, mas ela o entregou para mim. Então ele é Apolo agora. —Ele esqueceu o cavalo quando Avery desabotoou sua camisa e expôs seu torso finamente musculoso à luz de velas. O xerife tinha uma força vigorosa para ele - e isso aparecia em seus músculos magros e pegajosos.

—Fico feliz que você tenha o cavalo.— Ele estendeu os dedos para outro sopro. —Podemos pensar sobre esta investigação de assassinato, talvez?

Garland levantou o cigarro. —Incline-se.— Ele acariciou o cabelo escuro de Avery enquanto chupava o cigarro. Avery soltou uma onda de fumaça e beijou os lábios de Garland, segurando a cabeça entre as mãos. Eles se beijaram por um longo e lento momento enquanto os grilos e sapos cantavam em volta deles em uma cacofonia de ruídos noturnos.



—Fique limpo para mim.— disse Garland, esmagando o cigarro no braço da velha cadeira de balanço.

Avery soltou as calças e deslizou uma perna para fora. —Mas, nós estávamos falando sobre o caso.— Ele pulou e removeu a outra perna. Ele tinha pernas bonitas e bem formadas. Garland gostou de admirá-las. Avery deslizou suas calças por aquelas pernas musculosas. Seu pênis longo e levemente ereto balançou enquanto ele se movia, poesia feita em carne.

Garland tentou trazer sua mente de volta aos assassinatos. —Ele estava montando seu cavalo na noite em que foi morto.

—O cavalo e a menina foram encontrados no rancho de Clyde Henry.

—Clyde não fez isso. Aquele homem arrebentou as unhas dos pés quando encontramos aquela garota.

—Eu não acho que Clyde fez isso. Eu estava apenas me orientando. — Ele colocou um pé na pia, depois o outro, depois se acomodou no pequeno espaço com a elegância de um gato.

—Aquele Billy, o que você disse que o nome dele era de novo?

—Jenkins.

—Obrigado. Sim, Billy Jenkins. Eu odeio dizer isso, mas essa descrição soa como a nossa garota. Até as galinhas.

—Todo mundo tem galinhas. Você tem quase vinte deles malditos. — Água pingava na pia enquanto Avery torcia a toalha.

—Eu deveria estar lavando suas costas.

—Você deveria estar descansando. Eu posso conseguir. —Ele fez um esforço de mostrar a Garland como ele poderia conseguir isso sozinho. —Você pode lavá-lo amanhã. Você deveria estar melhor até lá.

—Estou me sentindo melhor agora.— As palavras de Avery o atingiram. Ele se esforçou para parecer casual. —Você estará aqui amanhã?



Os olhos azuis de Avery estavam escuros à luz das velas. Ele olhou para Garland sem falar. —Garland.— disse ele finalmente, sussurrando.

—Não. Não. Me desculpe por ter dito qualquer coisa.

—Eu estarei aqui.— Ele soou derrotado. —Eu não acho que posso suportar outra noite sozinho, sabendo que você está aqui.

—Eu poderia ir ao seu lugar às vezes.

—Não.— Avery suspirou. —Não, você tem os gatinhos e a vaca e os cavalos... Eu não tenho nada. Cenouras. Alguns tomates. Mas nem mesmo galinhas. Não há coisas vivas correndo por aí dependendo de mim para estar lá. —Ele usou o pano para lavar o cabelo.

Garland tentou não fazer muita coisa. Ele queria acreditar que Avery queria estar com ele, mas ele se sentia cauteloso. Depois de um silêncio, ele disse.— Devíamos perguntar a Lucinda se ela conhece Billy Jenkins. Veja o que ela pensa sobre ele.

—Não foi Billy Jenkins. Ele estava meio lento. Ele parecia genuinamente com medo de que algo tivesse acontecido com Margaret. Eu não acho que ele teve o suficiente para fingir isso. E eu não sei. Ele parecia um bom homem. Muito educado. Você teria gostado dele.

—Eu aprecio boas maneiras.

Avery levantou os olhos da roupa e olhou nos olhos de Garland. —Quanto tempo você vai ficar assim?

—Eu vou parar.— Ele soltou um suspiro, apertando as mãos. —Não há necessidade disso. Termina agora. Eu prometo.

Avery ficou devagar, pingando água na banheira de metal. Vaga-lumes flutuavam no pasto negro atrás das costas. Ele parecia lindo, sobrenatural. Por mais longo e doloroso que tenha sido o dia, Avery estava aqui agora, e sua

beleza nua fez com que Garland se sentisse humilhado e abençoado. Ele começou a subir da cadeira de balanço para pegar Avery em seus braços.

Antes que ele pudesse fazê-lo, Avery, elegante e molhado, estava em cima dele, beijando-o de volta na cadeira. —Agora, onde está esse linimento?

Garland entregou-lhe a garrafa da mesa lateral. Avery derramou um pouco do líquido em uma das mãos e alisou-o no músculo peitoral esquerdo de Garland. —Assim?— Ele perguntou. —Como esfregar um cavalo?

—Como esfregar um cavalo.

Avery usou as duas mãos e esfregou o peito inteiro de Garland em uma massagem profunda e firme. —Você se sente tão bem. Adoro seus músculos. —Garland fechou os olhos, transportada. Avery pegou o braço dele. —Venha sentar nos degraus para que eu possa chegar até você melhor.

—Talvez seja tudo o que eu preciso. Eu deveria te levar agora.

Avery cuidadosamente roçou seu abdômen desgastado com o linimento. —Eu não deveria esfregar seus músculos do estômago, não é?

Garland pegou Avery pela nuca. —Vamos colocar o linimento.

—Você não é o único galo neste galinheiro. Vá sentar nos degraus. Vamos nos juntar quando terminar com você e não antes.

Garland estava cuidando de uma ereção o tempo todo que Avery estava tomando banho. Ele estava ficando cada vez mais frustrado, mas ele riu. Ele gostava que Avery quisesse cuidar dele. Relendo, ele sentou-se nos degraus.

Avery estava sentado na varanda atrás dele, cercando-o de ambos os lados com as pernas. —Vamos fazer do seu lado.— Ele lambuzou o linimento da cintura das calças de Garland até as axilas. A ação fez Garland estremecer. Ele não percebeu que seus lados tinham machucado até que Avery os esfregou. —Você está bem?— A voz de Avery parecia pequena e preocupada.

—Eu sou mais bonito do que o cabelo de sapo[16].

Avery riu. Ele fez uma pausa e Garland supôs que ele estava derramando mais linimento em sua mão. Amassou a nuca de Garland e percorreu as costas compridas de Garland. —Você está cheio de nós. Não é de admirar que você esteja irritado. —Mas sua voz era suave.

Garland fechou os olhos. Seus pensamentos rodaram em uma piscina lenta de melaço. —Como a menina e o médico estão relacionados?

—Eles são tão diferentes quanto a luz do dia e a escuridão.

—Você disse que achava que Billy Jenkins estava apaixonado por Margaret?

—Ele não disse isso, mas eu tenho um pressentimento. Eu poderia estar errado. Ele com certeza parecia apaixonado por ela, no entanto.

—E o médico tinha uma namorada negra e preferia uma prostituta negra.

—Isso mesmo.— Avery empurrou os polegares no trapézio de Garland.

—E quanto ao Klan? Talvez eles os tenham matado.

—Isso não parece o Klan. Eles são covardes. Eles intimidam mais que tudo.

—Eles "intimidaram" o inferno fora de mim.

Avery zombou. —Eles não mataram você.

—Porque você apareceu e começou a agir sobre isso.

—Eu não acho que eles teriam matado você. Eles não machucaram a prostituta ou a murta.

[16] Trocadilho para dizer que não existe beleza, sapo não tem cabelo.



—Se eles soubessem sobre Billy Jenkins, eles provavelmente o matariam. Pode ser amor verdadeiro - e eles dizem que ele estuprou Margaret só porque ele é negro e ela é branca.

—Eu não gosto do Klan mais do que você, mas eu não acho que eles mataram Doc e Margaret.— Ele beijou a parte de trás da cabeça de Garland. —Vamos para a cama.

—Lave suas mãos. Dói se entrar dentro de você.

Avery bombeou um pouco de água e lavou as mãos. Garland observou-o e soube que eles não iriam dormir de imediato, não se ele tivesse algo a dizer sobre o assunto. Quando chegaram ao quarto, ele acendeu os castiçais dos dois lados da cama. Avery se agachou, nu, no chão e brincou com os gatinhos. Garland tirou as calças para lembrar a Avery que seu boudoir tinha outras diversões. Sua ereção fez Avery corar.

—Eu não quero que você pense que é por isso que eu vim aqui. Eu só queria ver você e fazer você se sentir melhor. Eu posso ler para você.

—Eu pareço que eu quero ler?

—Você parece ferido.

—Eu estou me sentindo melhor. Suba na cama.

—Você quer fazer o que fizemos na noite passada?— Avery sentou na cama.

—Eu preciso estar dentro de você.— Ele pegou um travesseiro. —Deite-se e coloque isso debaixo do seu traseiro. Nas suas costas. Eu quero ver seu rosto.

Avery olhou para ele com um toque de espanto que desencadeou um enxame de borboletas nas entranhas de Garland e fez seu pênis pular. Apesar de toda a sua coragem, o xerife ainda era tão inocente. Garland se ajoelhou e lambeu o doce buraco de Avery. Ele agarrou o pênis de Avery e apertou o eixo.



Avery gemeu baixinho. Garland lambeu uma gota de pré-sêmen da fenda do pênis de Avery.

Garland ficou com uma bufada e pegou o gel de vaselina da mesa de cabeceira e aplicou uma quantia generosa no buraco de Avery. Ele o esticou devagar, tomando tempo para massagear seu períneo e chupar seu lindo pênis. Ele esforçou-se por paciência. Seus elementos mais básicos queriam devastar Avery cru e sem sentido. Mas era de extrema importância para ele que Avery não se machucasse nem se assustasse, então ele aproveitou o tempo e saboreou sua própria frustração.

Quando Avery empurrou seus quadris em direção a ele, levando seus três dedos mais fundo, Garland sorriu. —Eu acho que você está pronto.— disse ele a Avery.

—Eu estive pronto.— Avery ofegou. —O que você está esperando?

Garland entrou nele com cuidado, depois se lançou, mergulhando profundamente dentro dele. Avery levantou a bunda com desdém, seu pênis balançando como uma bandeira. Seu corpo se agarrava ao pênis extático de Garland enquanto Garland recuava. Soltando uma respiração que ele não estava ciente de que ele estava segurando, Garland afundou. Avery ofegou.

Foi só então, dentro do calor e da proximidade de Avery, que ele perdoou tudo de Avery. O dia todo, seus sentimentos feridos combinaram com suas dores físicas até que tudo o que ele sentiu foi ferido. Agora, olhando para o rosto de Avery - esculpido pela luz de velas e sombras, sentindo seu corpo vigoroso, seu calor apaixonado - todos os seus sentimentos pelo homem floresceram como madressilvas na floresta.

Avery estava tentando perder anos de crenças auto-aversivas e incapacitantes - e ele estava tentando. Garland sabia que ele estava tentando. Garland acariciou o rastro de pêlo escuro que levava aos cachos exuberantes na raiz de Avery quando ele o levou em profundas e lentas investidas. Ele

precisava entender melhor a defensiva de Avery. Ele precisava ser gentil com suas emoções.

As realizações, juntamente com seu próprio fervor reprimido, aceleraram os movimentos de Garland. Lampejos de luz - ou algo que parecia luz - brilhavam dentro de seu corpo. Ele não sentiu dor. Ele mergulhou mais rápido, segurando firme as pernas de Avery. Os olhos de Avery se fecharam; sua boca ficou boquiaberta. O ar saiu de seus pulmões enquanto Garland o bombeava com força e rapidez.

Garland puxou o pau duro de Avery quando ele se sentiu começando a chegar ao clímax. Avery mal precisava de seu toque. Gotas de esperma irromperam na mão de Garland. Com um último impulso duro, Garland explodiu dentro dele.

Garland se retirou de Avery com cuidado, limpando o sumo e os sucos com a camisa que ele usara mais cedo naquele dia. Avery, ainda apoiado em travesseiros, esfregou-se no umbigo. Inclinando-se sobre ele, Garland o esfregou também. —Você está bem?

—Eu não sei.— Avery riu sem fôlego. —Isso foi um passeio difícil.

—Tire sua bunda desses travesseiros, e eu vou ler para você e acariciá-lo por um tempo.

Em outro minuto, eles estavam confortavelmente na cama juntos. Katydid, que estava se juntando aos gatinhos na gaveta, pulou no pé da cama, girou três vezes e se enrolou em uma bola fofa. Garland arranhou a mandíbula barbada de Avery e sentiu-se dominado pela felicidade. Atualmente, algo puxou o lençol para baixo de um lado. Os dois gatinhos tombaram na cama.

Garland pegou uma velha revista de poesia da mesinha de cabeceira. Ele folheou as páginas e leu uma em voz alta. —O Penitente, de Edna St. Vincent Millay.



Eu tive um pouco de tristeza

Nascido de um pequeno pecado,

Eu encontrei um quarto todo molhado com melancolia

E fechei todos os nós dentro de nós;

E, "Pequena tristeza, chore", disse eu,

“E, pequenino pecado, ore a Deus para morrer

E eu no chão vou mentir

E pense no quanto eu estive mal!

Ai de um planejamento piedoso

Não importava uma sagacidade!

Quanto à melancolia foi naquele quarto

A lâmpada pode ter sido acesa!

Minha pequena tristeza não choraria,

Meu pequeno pecado iria dormir—

Para salvar minha alma não pude

Minha mente sem graça nisso!

Então eu fiquei com raiva,

E peguei um livro que eu tinha

E coloquei uma fita no meu cabelo

Para agradar um rapaz que passa.

E, "Uma coisa que não existe.”



“Eu fui uma garota malvada ”, disse eu;

"Mas se eu não posso me arrepender, porque,

Eu posso muito bem estar feliz! ”

Avery localizou uma contusão no estômago de Garland com a unha. — Estou começando a me sentir assim. Eu não posso sentir muito por te amar. Se isso é um pecado, então eu acho que é um pecado e não há nada que eu possa fazer além de me jogar à mercê de Deus. Enquanto isso, farei o melhor possível.

—Eu não vejo como isso é pecado. Nós nos amamos. Como isso pode estar errado?

—Eu não sei.— Avery inclinou a cabeça contra o ombro de Garland. — Leia mais um pouco.

Garland leu até que Avery adormeceu, então ele cuidadosamente saiu da cama e apagou os castiçais. Seus movimentos não acordaram Avery, mas eles perturbaram os gatinhos, que cambalearam ao redor da cama por um tempo.

Os roncos de Avery mudaram ligeiramente quando um gatinho se acomodou, com um alto ronronar, acima de sua cabeça. O outro gatinho enrolado no rosto de Garland. Enquanto o sono tomava Garland em seus braços pesados, ele sentiu que vislumbrara o paraíso naquela noite e agradeceu a Deus por dar-lhe Avery para amar.

***



Domingo, 5 de agosto de 1923

Fazenda Sands

Avery acordou com o telefone tocando. Ainda estava escuro. A cama saltou quando Garland saiu e desapareceu. Com um gemido, Avery se levantou na cama. Ele podia ouvir Garland ao telefone na cozinha.

Levantou-se, puxou o lençol ao redor e tropeçou na cozinha. Nu como um pássaro recém nascido, Garland estava na cozinha conversando ao telefone. —Quanto tempo tem sido?—Avery podia ouvir um homem do outro lado, mas não conseguiu entender o que ele disse. Ele podia, no entanto, ouvir a tensão na voz do homem. —Eu estarei lá assim que puder. Tente não se preocupar. Eu vou tentar salvar os dois ... Parece bom. Faça-me um favor e pegue um balde de água para mim ... Uma xícara de café seria muito apreciada. Te vejo em breve.

—Bezerro preso.— Garland disse a Avery quando ele pendurou o fone no gancho. Deu um beijo na bochecha de Avery e correu de volta para o quarto.

Avery seguiu-o. —Ainda está escuro.— Ele bocejou.

Garland arrancou as roupas rapidamente. —Bezerros parecem sempre chegar nas primeiras horas da manhã. —Vestido em camisa e macacão, muito parecido com ele quando Avery o viu pela primeira vez, Garland agarrou a parte de trás da cabeça de Avery e deu-lhe outro beijo rápido. —Me deseje sorte.

—Você salvará os dois.

—Obrigado. Eu te amo! — Garland saiu correndo da casa.



Avery deitou na cama. O lado de Garland cheirava a linimento. Avery rolou e viu-se agredido por gatinhos muito acordados. Ele tentou acalmá-los com animais de estimação e sussurros. Deitado no escuro na cama de Garland, ele sentia muita falta de Garland. Ele voltou a dormir sonhando com bezerros, gatinhos e bebês nascendo na escuridão da manhã.



Capítulo Treze

Fazenda Sands

Avery ficou grato por ele estar vestido quando Lucinda atravessou a porta. — Garland! —Ela ficou no pequeno salão, chamando o nome de Garland.

Coletando-se, Avery virou a esquina. —Ele ainda se foi. Ele saiu para ajudar uma vaca a parir. Espere, é domingo. O que você está fazendo aqui?

Ela sacudiu o jornal em Avery. —Você leu isso?

—É a partir desta manhã?

—Isto é.

—Não. Eu não saí. Eu só estava fazendo café.

Lucinda olhou desamparada pelo corredor, como se pudesse fazer Garland aparecer apenas desejando-o. —Eu pensei que eu poderia pegá-lo antes da igreja.

Avery gemeu. —Igreja.— Ele esfregou a parte de trás do seu pescoço. —Eu acho que não vou mais à igreja.

Lucinda se concentrou nele de repente. —Porque você diria algo assim?

—Meu pastor usa um capuz à noite. Ele era um dos vermes que espancaram Garland.

—Oh. —Ela não parecia saber o que dizer depois disso.



Avery limpou a garganta. —Você gostaria de um pouco de café? Eu não sei quando Garland estará de volta, mas espero que seja em breve.

—Eu posso ficar um momento.— Ela sorriu para ele e seguiu-o para a cozinha. Ela se sentou à mesa e abriu o jornal enquanto ele pegava as xícaras e servia o café espesso. Ele colocou a xícara no chão e sentou-se em frente a ela.

—Então, o que se diz?— Ele soprou seu copo.

—Você não vai gostar.

—Não importa muito se eu faço ou não.

—Há uma história aqui sobre um jovem que conheço, Billy Jenkins...

—Sim, ele veio me ver ontem para relatar uma garota desaparecida.

—Ele deve ter ido ao jornal depois disso.

—Ou Eloise o tirou dos degraus da corte. Ela espera por aí como uma aranha.

—É uma grande história, Avery. Há até um desenho dele. Eles estão dizendo que a descrição da menina desaparecida é uma correspondência para a mulher não identificada encontrada em Crooked Creek.

—Deixe-me ver isso.— Havia um esboço de Billy com seus grandes e sinceros olhos. Avery segurou a cabeça entre as mãos. Ele esfregou o cabelo, depois olhou para Lucinda. —Você o conhece? O que você acha dele?

—Ele é um pouco lento. Mas ele não me parece mentiroso. Ele sempre parece um bom homem.

—Essa também foi minha impressão. Isso é o que eu disse a Garland.

—Há outra história questionando a culpa de Obadiah Clark. É um pouco crítico de você e do seu trabalho policial. Menciona que uma mulher foi morta por um dos seus adjuntos.



—Isso é verdade; Burrell atirou nela.— disse Avery. Ele balançou a cabeça em derrota. —Eu não acredito que Clark tenha matado o médico ou a garota do Billy.

Lucinda tomou um gole de café. —O que eu não entendo.— ela disse atualmente. —E por que a família dessa garota não informou sua falta. Billy Jenkins não pode ser o único que sente falta dela, não é?

Eles ouviram Garland cantando trazendo os feixes na varanda da frente. Lucinda sorriu para Avery. —Ele salvou os dois.

Garland entrou, ainda cantando. Ele parou na porta da cozinha. —O que você está fazendo aqui, Lucinda? É domingo!

—Eu queria ter certeza de que você viu o jornal.— Ela olhou para o relógio ao telefone. —Eu realmente preciso sair, no entanto.— Ela se levantou e empurrou a cadeira para dentro. —Avery pode te preencher. Eu tenho que me preparar para a igreja. Vejo você amanha.

Garland levou-a até a porta e abriu-a para ela. —Tenha um abençoado domingo!— Ele se aproximou de Avery enquanto fechava a porta. —Eu tenho que lavar. Eu vou me atrasar se não tomar cuidado! —Ele foi direto para a varanda dos fundos. Avery seguiu-o com menos entusiasmo.

Avery ficou na porta dos fundos enquanto Garland bombeava loucamente a água. —Você se importa se eu ficar aqui enquanto você estiver fora?

—Você não vai à igreja?— Todos no leste do Texas foram a uma de suas muitas igrejas no domingo de manhã.

—Depois do que o pastor Daniels e seus amigos fizeram com você? Não e inferno não.

Garland não se incomodou com o fogão. Ele despejou a água diretamente na banheira. —Venha para minha igreja. Ficaremos felizes em ter você.



Avery desviou o olhar com desgosto. —Nós não podemos apenas ir à igreja juntos, Garland. O que você tem?

—Você vai para casa e se veste, depois vem para a igreja. É o que está no fundo da Colina do Piney Woods.

Avery mexeu os pés. —É um deles onde você canta sem música?

—Não, nós temos um piano.— Garland acrescentou outro pote de água.

—Você pega o Espírito Santo e dança por aí?

—Não, não é tão emocionante. É apenas uma igreja da Bíblia. Nós cantamos músicas. Há um sermão. Isso é muito bonito. —Ele olhou para Avery enquanto bombeava mais água. —Você está bem? O que Lucinda estava fazendo aqui?

—Estou bem. Lucinda estava preocupada com o papel. Há um artigo sobre Billy Jenkins. E outra que me faz soar como desculpa para um xerife.

—Venha à igreja comigo. —disse Garland com um toque de petulância. —Nós vamos descobrir tudo isso mais tarde.

—Não vai parecer ... estranho?

—Os homens podem ter amigos. Eu vou apenas dizer que eu te convidei. As pessoas sabem que estamos trabalhando juntos. Não parece estranho. Vai ser cristão. É isso. —Ele soltou o macacão e os pensamentos de Avery se afastaram muito da igreja.

Avery não pôde deixar de sorrir. —Eu suponho.

—Então vá em frente!— Garland enxotou-o.

Avery saiu da varanda dos fundos, relutantemente virando as costas para uma Garland prestes a ser nu, e foi até o estábulo para selar Bluebird. A pergunta de Lucinda incomodou seus calcanhares. Por que a família de Margaret não a denunciou?



***

Igreja da Bíblia Piney Woods

Avery sentou no banco ao lado de Garland. Apesar do que o jornal da manhã dissera, todos os rostos que ele podia ver sorriam para ele. Um estranho sentimento veio sobre ele enquanto ele se levantava e cantava Amazing Grace com o resto da alegre congregação. Em algum lugar do outro lado dos trilhos do trem, Lucinda e sua família também estavam na igreja. Uma igreja negra. Esta era uma igreja branca. Ambas as igrejas adoravam o mesmo Deus. Ambos acreditavam que Jesus morreu na cruz por seus pecados. Mas eles não adoraram juntos. Ser amigo de Lucinda o tornara mais consciente da separação de seu povo. Não parecia tão estranho antes. Agora, parecia completamente estranho.

Ele tentou não olhar para Garland, que cheirava a sabão e um pouco de loção pós-barba com cheiro de limão. Ambos usavam ternos e gravatas. Garland tirou o paletó marrom e colocou-o ao lado dele. Periodicamente, ele se abanava com a boina achatada e os músculos de seus braços musculosos se esticavam contra o tecido branco de sua camisa social.

Avery estava com o tornozelo em sua bota de vaqueiro em um joelho e segurava seu Stetson no outro. Ele olhou para as mulheres se abanando, para as crianças suadas e bem vestidas se esforçando para ficar quieto. Ele observou alguns dos casais apertarem as mãos enquanto se sentavam juntos, ouvindo o sermão. Quão fácil teria sido pegar a mão de Garland, apertá-la em puro amor enquanto o Espírito Santo enchia o prédio de madeira ao redor



deles. Ele sabia que nada de bom viria disso, mas o pensamento passou pela sua cabeça.

Quando a congregação inclinou a cabeça para orar, Avery silenciosamente rezou sua própria oração privada. *Por favor, querido senhor, deixe-me encontrar este assassino. Deixe-me levá-lo à justiça. Ele é apenas um homem.*

***

Dogwood Road

Bluebird e Britches andavam bem juntos. Eles não beliscaram um ao outro. Não tentamos ir mais rápido que o outro. Eles caminharam lado a lado muito agradavelmente, permitindo que Garland e Avery conversassem tão facilmente quanto se estivessem caminhando a pé.

Garland ficou entristecido porque Avery não queria ficar mais tempo no piquenique da igreja, mas ele entendia que Avery tinha muita coisa em mente. O jornal o incomodara bastante, Garland tinha certeza. Avery tinha pensado em silêncio no piquenique enquanto as pessoas sorridentes enxameavam em torno dele. Sempre que seus olhos captavam Garland, nuvens de tempestade se formavam lá.

—Lucinda está certa.— disse Garland enquanto percorriam a estrada Dogwood até sua fazenda. —Onde está a família de Margaret? Onde estão suas amigas?

—Até agora, o único que sente falta dela é ... seu amante. Eles tinham que ser amantes. Algo em seus olhos. Eu pude sentir isso.

—Se você desaparecesse, sentiria sua falta.



Mas Avery parece não ter ouvido ele. —Ele correu o risco de vir me ver. Isso significava muito para ele. Ela significava muito para ele.

—Isso é doce.

—Eles não poderiam estar juntos ao ar livre. Eles eram como nós. Eles tiveram que se esgueirar por aí.

—Eles tinham um segredo. Amor secreto. — Garland não podia se ajudar. —Isso é romântico, não é?

Avery não parecia estar ouvindo. Ele olhou para frente. —Eles tinham um amor secreto.— Ele suspirou profundamente e olhou para baixo. —Droga. Aquela Eloise.

—Então e ela?

—Eu não disse ao Billy que eu achava que a garota dele estava morta. Eu prometi encontrá-la. Se ele ler o jornal, ou alguém ler para ele, ele perceberá que ela se foi.

—Ele terá que descobrir algum dia.

—E se você tivesse que descobrir que eu estava morto pelo jornal?

O pensamento enviou um arrepio à espinha de Garland. —Coitadinho. —ele disse suavemente.

—Garland. Pare um minuto. —Avery puxou Bluebird para cima.

Garland fez Britches parar ao lado dele. —Algo está errado?

Avery se virou para ele. —Lembra que eu te disse como Burrell atirou naquela mulher?

—Sim. —Garland conteve sua raiva. Ele havia avisado Avery sobre aquele menino.

—Eu quero o substituir. Eu quero que você pegue esse filho da puta comigo.



Garland tentou reunir seus pensamentos. —Você não está com medo...

—Eu confio em você. Eu te conheço melhor do que ninguém. Eu sei que você não vai me decepcionar. —Ele olhou direto nos olhos de Garland. —Eu não posso fazer você meu marido, mas posso fazer de você meu vice.

Garland não parava de sorrir. —Sim. —Ele riu. —Sim, eu serei seu vice, xerife Avery O'Rourke.

—Não deixe sua arma na mesa da cozinha. Você pode precisar disso.

—Vou mantê-lo carregado e do meu lado.

Avery olhou de um lado para o outro, depois tirou o chapéu, inclinou-se e deu um beijo rápido contra os lábios de Garland. —Eu te amo, deputado Sands.

***

Segunda-feira, 6 de agosto de 1923

Fazenda Sands

A luz do sol da manhã passava pelas janelas abertas da cozinha. Avery cerrou o cigarro entre os dentes e virou uma panqueca. Ele ouviu um barulho e olhou por cima do ombro. —Bom dia.— disse Lucinda, sorrindo. —Você não está com os olhos brilhantes e com a cauda espessa?— Ele viu que ela tinha o papel com ela. Avery quase temia lê-lo.

—Você gostaria de algumas panquecas? Alguém deu a Garland uma lata de xarope de cana. —Ele não disse a ela que eles haviam espalhado um

pouco um do outro e o lambido ontem à noite. —Garland tem ansiado por panquecas desde então.

—Onde ele está?

—Ele acabou de terminar suas tarefas. Ele está lavando. Ele estará a qualquer momento.

Lucinda olhou para o telefone como se esperasse que ele tocasse. —Eu já tomei café da manhã, mas obrigada pela oferta.

—Você já tomou café? —Avery apontou para o pote. —Eu acabei de fazer um pouco. Você quer uma taça?

—Eu adoraria um.

Avery pegou um par de xícaras do armário. Ele enfiou o cigarro na boca, serviu uma xícara a Lucinda e entregou a ela. Ele jogou a panqueca na pilha do prato, depois mexeu a massa e jogou outra panqueca na chapa.

—A mãe de Billy Jenkins me pegou quando eu estava saindo. Ela disse que não vai acreditar que Margaret está morta e foi procurá-la.

—Isso é difícil. Talvez eu possa ir procurá-lo depois do café da manhã. Tente falar algum sentido nele. É em parte minha culpa. Eu lhe dei falsas esperanças.

—Suponho que a falsa esperança é melhor do que nenhuma esperança.

Avery colocou o cigarro no cinzeiro. —Eu não sei. Eu sinceramente não faço.

Katydid roçou as pernas de Lucinda. —Bom dia, senhorita Katydid.

—Oh.— disse Avery. —É melhor você observar seu passo. Os gatinhos estão soltos.

—Anthony e Cleopatra



Avery sufocou o fogo e colocou o prato de panquecas na mesa. Ele zombou de Lucinda. —Jack e Jill. Garland não sabe como nomear gatos.

Lucinda riu. —É melhor ter cuidado. Ele mandará Jack e Jill para casa com você.

—Jack e Jill! —Garland entrou a passos largos. —Ele contou o que fez com meus gatinhos?

Lucinda deu uma risadinha. —Ouvi dizer que eles têm novos nomes.

Garland sentou-se na cadeira em frente a Lucinda. —Diga-me, honestamente, quem escolheu os melhores nomes?

Avery apontou para seu peito quando ele sentou ao lado de Garland. Lucinda riu para ele. —Eu acho que Jack e Jill soam mais como gatinhos.

Garland caiu na falsa derrota. —Você me feriu.— Ele bifurcou algumas panquecas em seu prato. —Estes são perfeitos. O meu sempre acaba engraçado.

Avery encolheu os ombros. Lucinda desdobrou o papel. Avery olhou para ela. —O que isso diz?

Lucinda suspirou. —Quem é o Timberland Ripper? Ele vai atacar novamente? E esse tipo de coisa.

—Ótimo. Apenas o que precisamos. Uma cidade em pânico.

Garland serviu calda em suas panquecas. —Este xarope é do Rutherford. A vaca deles teve um bezerro machucado no outro dia. Eles também me pagaram, mas se sentiram mal por me tirar da cama.

Avery mordeu os lábios, porque se lembrava de como Garland havia deixado a cama para ajudar a vaca a parir. Ele pensou em como o médico saiu no meio da noite. Ele olhou de repente. —Como o médico está relacionado com Margaret? Talvez ela tivesse um problema com o bebê?

—Um aborto espontâneo?— Disse Garland. —Ou um parto difícil?



Lucinda colocou o papel na mesa e franziu a testa. —Olhe para este mapa.— O jornal havia impresso um mapa da cidade com um "x" onde cada corpo foi encontrado e a pergunta "onde estará o próximo corpo?". —Foi lá que você encontrou o corpo de Margaret, Garland?

—Parece perto.

Avery olhou para o mapa. —E aqui é onde o corpo do médico era ...

Garland apontou para um lugar na estrada. —É aí que Clyde encontrou Apolo.

Lucinda colocou o dedo nos trilhos da ferrovia. —Veja. É por aí que Ruby encontrou Esperança. É quase como um triângulo se você ligar os pontos.

—Um bebê. Um bebê indesejado. —Avery olhou para o mapa.

Lucinda olhou para ele. —Um bebê negro. Nascido para uma mulher branca.

—Bebê de Billy.— disse Avery.

—Em um ataque de raiva. —disse Garland. —O marido de Margaret mata Doc Watson. Ele mata a esposa. Mas ele não pode matar o bebê.

—Então.— disse Lucinda. —Ele a deixa nos trilhos do trem, provavelmente esperando que o trem cuide dela por ele.

Avery olhou para o mapa, os cabelos em pé em seus braços. —Naquela manhã, depois que encontrei o médico, conversei com um homem que disse que sua esposa acabara de ter um bebê. Eu ouvi o bebê. Eu nunca vi a esposa.— Ele engoliu em seco. —Eu deveria ter questionado ela. Eu deveria ter pedido para falar com ela, mas ela era apenas uma mulher, então eu não fiz. Talvez ela ainda estivesse lá. Talvez ele não a tenha jogado no riacho ainda.

—Você não sabe disso.— disse Lucinda gentilmente.



Garland jogou panquecas na boca dele. —Devemos ir falar com esse homem.— disse ele, com a boca cheia de panquecas e xarope. Ele tomou um enorme gole de leite e ficou de pé. —Eu vou pegar minha pistola e meu rifle.

Lucinda levantou uma sobrancelha para ele. —O que você está fazendo, Garland?

—Ele é meu novo vice.— disse Avery. Ele se levantou e empurrou a cadeira debaixo da mesa. —Prepare-se e vamos embora. Eu estou trazendo ele.

***

Trilha do Whitetail

Passaram pela casa de Doc Watkin a passos largos, um andar de cadeira de balanço que cobria muito terreno sem se cansar do cavalo. Depois de um tempo, passaram pela magnólia onde Doc Watkins fora enforcado. Então o lugar de O'Dell. Finalmente, eles pararam na longa viagem que levava à casa do Mitchell.

Avery levantou o arame farpado que mantinha o portão de arame farpado fechado. Eles trotaram passando as pequenas sepulturas. Os Mitchells tentaram ter uma família, mas o destino continuava atrapalhando. Talvez Lucas Mitchell fosse um homem frio. Talvez tenha sido por isso que Margaret se apaixonou por Billy. Billy era gentil e obviamente achava que ela estava com a lua.



No final, isso não importava. Tudo o que Avery se importava era que Lucas Mitchell havia matado Doc Watkins e sua própria esposa. Ele teve que ser levado à justiça.

Avery parou o Bluebird. Ele desmontou e girou as rédeas sobre a cabeça do cavalo. Bluebird foi treinado para ficar parado sempre que as rédeas estavam na frente dele. Ele permaneceria assim até que Avery pegasse as rédeas novamente. Avery não ficou surpreso que Britches também conhecesse esse truque. Ele duvidava que ela tivesse a experiência do cavalo de corte Bluebird, mas ela era uma égua bem treinada.

Garland, agora de pé ao lado dele, franziu a testa para a casa. —O que fazemos agora?

—Nós vamos bater em sua porta.

Garland olhou para ele com desconfiança. —E então nós o prendemos?

—Deixe-me lidar com isso. Você só está pronto para atirar se ele ficar violento.

—Eu posso fazer isso.— Garland sacou sua pistola.

Avery não achava que eles precisassem ter suas armas desenhadas ainda, mas ele não disse nada para Garland. Ele sabia que Garland não iria disparar como Dawson Burrell. Ele puxou seu longo Colt e armou-o. —Vamos.

Ele andou até a casa, ao longo do caminho alinhado por moitas escuras de grama de macaco, com Garland ao lado dele. Ele podia sentir a tensão de Garland, mas ele se sentia confiante. Quase tonto. Em breve terminaria. Apenas algumas perguntas rápidas, o trinco de algemas. Ele bateu na porta. Não houve resposta.

Ele bateu de novo. —Lucas Mitchell, este é o xerife. Eu preciso falar com você.

Um grito abafado soou de dentro da casa.



Capítulo Quatorze

Fazenda de Mitchell

Avery bateu o ombro contra a porta. Ele voou das dobradiças e aterrissou dentro da casa com um baque de madeira e nuvens de poeira. Billy Jenkins estava sentado em uma cadeira de cozinha no meio da sala de estar. O sangue correu de um corte em sua testa, caindo em seus olhos. Um pano de prato amassado estava enfiado em sua boca. Atrás dele estava o sem camisa Lucas Mitchell, segurando uma faca na garganta de Billy.

—Mais um passo e o negro morre.

—Você não quer fazer isso.— disse Garland apenas para a esquerda de Avery.

—Não? Por que isso?

—Ele é a única razão pela qual nós não matamos você.— disse Garland, sua voz calma e reconfortante. —Deixe-o ir e vamos conversar. Ele é inocente e não tem nada a ver com isso.

Lucas riu. —Você acha que eu não sei quem é?— Ele agarrou o cabelo de Billy mais apertado. —Eu vi esse pequeno idiota no jornal. Eu sei quem ele é. Eu sei o que ele fez. Ele não é inocente! Eu mantive Margaret em uma coleira curta. Manteve-a em casa e com criança. Ela era minha! Mas ela escapou de vender ovos e conheceu este negro. Ele é aquele que você deveria



prender. Ele é a razão de tudo isso. Pensando que ele tinha o direito de ferrar uma mulher branca ...

Avery puxou o gatilho em um instante e colocou uma bala na testa de Lucas Mitchell.

Os dedos de Lucas soltaram a faca quando ele caiu sobre Billy. A faca brilhou na luz do sol que entrava pela porta quebrada enquanto caía no corpo de Billy e no chão de madeira. Garland olhou para Avery com os olhos arregalados. —Eu pensei que estávamos negociando.

—As negociações acabaram.

Garland correu para ajudar Billy. Ele pegou os trapos da boca de Billy quando Avery empurrou Lucas para o lado. Quando Billy soluçou, Avery examinou o corpo no chão. Ele empurrou com o pé de botas. As marcas inconfundíveis de dentes grandes e planos recuaram no ombro de Lucas. —Esse é um dos Klanners que te machucaram.— ele disse a Garland. —Bluebird mordeu ele.

Garland tirou a camisa e começou a rasgá-la. —Os dedos de um dos pés de Billy foram amputados.

Avery olhou para o rosto sem vida de Lucas Mitchell. Ele não se arrependeu. Matar pessoas, mutilar pessoas que eram pecaminosas. Matar porque você tinha que acreditar, isso era justiça. Ele observou Garland enfaixar o pé sangrento de Billy. Amar alguém - mesmo que os outros dissessem que era errado, não poderia ser pecaminoso. O amor era puro, tão puro quanto a luz do sol refletindo nas partículas de poeira.

Avery desamarrou as mãos de Billy pelas costas e deu um tapinha no ombro de Billy. —Não se preocupe. Garland cuidará de você. —Ele acendeu um cigarro e deu a Billy. Ele acendeu outro para si mesmo. Ele não contaria a ninguém sobre o caso. Eles diriam que Lucas Mitchell sequestrou Billy e ia matá-lo porque é isso que os mal-intimidadores fazem.



—Obrigado, xerife, por me salvar.

—Não era colina para um passo a passo.— Avery olhou novamente para os olhos mortos olhando para o chão. Todo o ódio do homem se foi.

***

Terça-feira, 7 de agosto de 1923

Fazenda Sands

Deitado na cama com Avery aconchegado ao seu lado, Garland leu a última edição do Wakeforest Daily Gazette em voz alta. —Os cidadãos de Timberland podem dormir bem esta noite, sabendo que o Estripador Timberland foi pego e morto pelo corajoso xerife Avery O'Rourke de Wake Forest County.

—Pare com isso. Vou memorizá-lo em breve. Quantas vezes você vai ler isso?

—Tantas vezes quanto eu acho que você precisa ouvir isso.

—Sopre a vela e vamos dormir.

—Acho que esse é um artigo que não usaremos no banheiro externo.

Avery riu. —Eu acho que nós podemos mantê-lo.— Garland se inclinou, depositou o papel na mesa de cabeceira, e apagou a vela. —Parece errado que eles não mencionaram você ou Lucinda.— disse Avery.

—Não nos importamos de estar em segundo plano. Você é o xerife.



Avery suspirou. —Eu acho que você pode voltar a ser apenas um veterinário agora.

—Eu sempre serei seu vice.— Garland disse a ele. —Sempre que precisar de mim, estarei aqui.

—Eu sempre vou precisar de você.

Garland suspirou na escuridão reconfortante e puxou a cabeça de Avery para o peito dele. Katydid se virou três vezes ao pé da cama e se acomodou. Os gatinhos subiram na cama e correram ao redor das pernas dele e de Avery. A música dos grilos e dos sapos passava pela janela aberta e rachada. —Eu te amo. —ele disse a Avery, franzindo o cabelo escuro.

Garland podia sentir os cílios do olho mais próximo de Avery roçando seu peito. —Eu também te amo. — disse Avery suavemente. —E eu não sinto muito por isso.

O FIM



“Este romance é para todos aqueles que amaram em uma época onde amar era pecado, e para aqueles que ainda amam em segredo.”